Uma Semana de Amor

Not Her Wedding!

Suzanne Simms

Digitalização e Revisão Joyce

Resumo
SÓ NOS BRAÇOS DE STRONG, ELA SE SENTE MULHER!
Os milionários e esnobes pais de Katherine St. Claire não aceitaram de jeito nenhum o casamento secreto de sua jovem "princesa" com Strong O'Kelly, um rapaz sem fortuna. Acabaram provocando o divórcio do casal, que se separou com mágoas e ressentimentos, sua explosiva paixão tornando-se profundo e irremediável ódio!
Anos depois, de repente, Strong reaparece na frente de Katherine, afirmando ter provas de que o casamento deles não foi anulado... Ele é ousado, atrevido e Katherine não o quer mais em sua vida. Até que Strong a toma nos braços e, como num passe de mágica, a orgulhosa "princesa" transforma-se num verdadeiro vulcão!

PRÓLOGO

- Ouro.

Era melhor do que sexo.

Ouro.

Melhor do que uma mulher ardente numa noite fria de inverno.

Ouro.

Melhor do que um trago do uísque favorito, do que um belo filé mal passado, do que ovos mexidos ao ponto no café da manhã. Melhor do que uma boa bebedeira, ou uma noite de orgia.

Era como uma febre. Um vício. Um vírus. Uma vez atacado, um homem não tinha cura. Carregava-a consigo até a sepultura.

E ele queria aquele ouro. Queria vê-lo, tocá-lo, possuí-lo, saber que era seu, mesmo que fosse apenas por alguns minutos. Então poderia morrer feliz.

Era uma pena que o passado tivesse que ser remexido. Mas faria o que fosse preciso para obter o ouro.

Não desejava fazer nenhum mal a Strong ou à garota. Mas afinal de contas Michael O'Kelly lhe devia isso, bem como a muitas outras pessoas daquela cidade. Infelizmente, o irlandês tinha morrido antes que pudesse revelar o

que sabia. O maldito teria poupado muitos problemas a todos.
Entretanto, tudo o que importava agora era conseguir o ouro.

CAPITULO I

Casamentos eram uma perda de tempo! O irmão estivera certo o tempo todo. Ou talvez ela simplesmente tivesse assistido a casamentos demais nos últimos dez anos.
Katherine St. Clair jogou o convite impresso em pergaminho sobre a escrivaninha, e afastando a cadeira, levantou-se. Aproximando-se da larga janela, ficou um instante contemplando as luzes de Phoenix, do 13-andar do edifício onde se situava seu escritório. Podia avistar Paradise Valley e Scotts Dale ao norte, Tempe a leste e boa parte do vale do rio Salt entre eles. À distância, salientava-se ainda a silhueta escura das montanhas Superstition.
Em que número de marido sua amiga Muffy estaria? Número três? Ou seria o quarto?
Katherine já havia perdido a conta. Era bem próprio de Muffy Wainwright transformar num espetáculo de gala mais um de seus casamentos, em vez da cerimônia discreta, adequada à terceira ou quarta caminhada até o altar.
Muffy sempre fizera dos assuntos do coração um desfile de carnaval.
Voltando à escrivaninha, Katherine apertou o botão de
sua máquina de ditados, e registrou um recado para a secretária Sally, pedindo-lhe que enviasse uma peça de prata em seu nome, com as necessárias desculpas por não poder comparecer ao casamento. Pronto, isso cuidaria do caso, pensou, satisfeita.
Depois, pegando a pilha de correspondência pessoal deixada sobre a mesa pela secretária, enfiou-as na grande bolsa de couro (pretendia lê-las em casa, com um cálice de vinho para acompanhar) e saiu do escritório.
Trancando a porta, Katherine observou com orgulho a placa discreta na parede: "Empresa St. Clair".
A maioria das pessoas imaginava que fosse o pai dela a força maior por trás daquele negócio.
Ledo engano.
Katherine construíra o empreendimento com seu próprio talento, o próprio dinheiro e determinação, com uma pequena ajuda do nome St. Clair e ligações familiares, transformando-o num sucesso.
As fotos que fazia dos ricos e famosos de Salt River Valley, de suas luxuosas mansões e seu estilo de vida, pagavam as contas. As séries de

fotografias em branco e preto para um livro sobre a natureza do Arizona, com exposição exclusiva numa galeria de arte em Scottsdale, no ano anterior, a primeira de uma mulher, enriqueciam a alma de Katherine. Podia não ser ainda famosa em escala nacional, mas seu trabalho vinha alcançando grande projeção. Permitindo-lhe cobrar preços altos. Ridiculamente altos, ela pensava às vezes.
Então, lembrava-se de uma reportagem que lera sobre uma mulher que estava vendendo "pinturas" feitas com as patas de seu gato a preços astronômicos e chegava à conclusão, não sem um fino senso de humor, de que seu trabalho não era assim tão caro, afinal.
Antes de dirigir-se ao elevador, Katherine decidiu fazer uma parada no toalete de mulheres. Estava ajeitando as roupas dentro da cabine, quando ouviu a porta do corredor abrir-se e duas jovens começarem a conversar. Pelo jeito eram secretárias de um dos vários escritórios instalados no edifício.
— Você reparou no tailleur que ela estava usando hoje?
— perguntou uma delas, em tom de fofoca. A outra suspirou, invejosa.
— Claro. Era sensacional! Deve ter custado mais do que o nosso salário do mês.
De alguma forma, Katherine desconfiou que as garotas falavam a seu respeito.
A primeira, mais simpática, acrescentou:
— Ela é linda.
— E arrogante — a companheira apressou-se a apontar.
— Seu nariz é tão empinado que qualquer dia vai bater no teto.
Depois de uma pausa, a primeira sugeriu, quase pensativamente:
— Talvez seja apenas tímida.
A frase provocou uma gargalhada da outra secretária, fazendo Katherine empertigar-se na cabine.
— Tímida? A Princesa? Não acredito.
— Bem, nunca se sabe... Veja a princesa Diana. É tímida e é princesa de verdade.
Com um toque de desprezo na voz, a mais cínica das duas declarou:
— Katherine St. Clair nasceu num berço de ouro e nunca mais saiu de dentro dele.
— Bem, como não tive essa sorte, é melhor voltar ao trabalho, antes que alguém venha atrás de mim. Não posso me dar ao luxo de perder esse emprego.
— Nem eu — ecoou a outra.

A porta do toalete se abriu e tornou a ser fechada atrás das tagarelas. Contudo, passaram-se vários minutos antes que Katherine tivesse domínio suficiente sobre os nervos para sair do seu esconderijo.

Bem dizia o velho ditado que quem escuta atrás das portas raramente ouve coisas boas a respeito de si mesmo. Pelo jeito, ainda havia um bocado de verdade nos antigos provérbios.

Enquanto lavava as mãos, Katherine olhou para seu rosto no espelho da pia. Princesa?

Era assim que os outros a consideravam? Ela não era cega a respeito da própria origem. Tinha nascido mesmo em berço de ouro. Vestia-se bem, com roupas caras. Era um tanto fria e reservada, supunha.

Mas de uma coisa tinha certeza. Ser uma "princesa" não era fácil. Exigia muito esforço. Um esforço enorme. Sem falar nas pressões a que estava submetida. Uma vigilância constante para fazer a coisa certa, dizer as coisas certas, ser certa.

Apertando o botão do elevador, Katherine aguardou pela chegada do próximo carro para descer. Quando as portas se abriram, dois advogados do escritório no andar superior ao seu já se encontravam no interior. Com um cumprimento de cabeça em sua direção, continuaram a falar sobre os casos em que estavam empenhados no momento.

Contudo, Katherine não deixou de perceber o olhar significativo que ambos trocaram. Conhecia pouca gente no edifício pelo nome, mas todos pareciam saber quem ela era.

Será que todos a chamavam de "Princesa" pelas costas, assim como aquelas secretárias?

No hall de entrada, um dos guardas de segurança desejou-lhe "boa noite" com simpatia, fazendo em seguida seus habituais comentários sobre o tempo, enquanto a escoltava até o estacionamento.

— Hal... — ela começou.

— Sim, srta. St. Clair?

"Você também me chama de Princesa pelas costas?", Katherine desejou perguntar. Mas em vez disso, limitou-se a sorrir.

— Obrigada, e boa noite, Hal.

Ele tocou a aba do quepe e afastou-se do luxuoso Jaguar verde-escuro, depois de abrir a porta do carro para ela.

Saindo do estacionamento, Katherine entrou na avenida Central, tomando o rumo de sua casa, em Paradise

Valley.
Aos poucos, a tensão e o aborrecimento foram desaparecendo. Afinal, que diferença fazia se duas secretárias tinham lhe colocado um apelido? Não passavam de duas garotas tolas, ao passo que ela era uma mulher madura, de trinta e dois anos. Sem dúvida já fora chamada de coisas muito piores.
Erguendo uma das mãos, arrancou um a um os grampos que lhe prendiam o coque severo, e sacudindo a cabeça, fez cair uma cascata de cabelos sedosos e fartos sobre os ombros. Seus cabelos eram iguais aos do irmão mais velho, Ross, na cor. Pareciam castanhos, mas no sol adquiriam um lindo tom dourado.
E sol era o que não faltava em Phoenix e no vale do rio
Salt.
Entrando numa rua transversal, estreita e ladeada de pomares, Katherine inalou com volúpia o perfumado ar noturno. Flores de laranjeiras. A noite do deserto era repleta de sua doce fragrância. De repente, veio à mente de Katherine a lembrança de uma noite em especial, do ar carregado com o perfume das laranjeiras em flor...
Antes que a lembrança tomasse conta do seu cérebro, Katherine arremessou-a para aquele lugar secreto em seu coração, e fechou a porta sobre ela. Anos de prática haviam lhe ensinado o que fazer e acabara tornando-se especialista em proteger-se do passado.
Uma ladainha familiar foi se repetindo vezes sem conta em sua mente: "Não vou pensar nele agora. Não vou pensar nele depois. Não vou pensar nele nunca mais."
Mais tarde, depois de servir-se de um cálice de vinho branco da Califórnia, mantido sempre na geladeira, e tendo trocado as roupas que usava no trabalho por algo mais confortável, Katherine sentou-se para examinar a correspondência particular.
Tratava-se das costumeiras cartas de amigos, ou de agradecimentos. Uma das últimas da pilha era um postal, mostrando uma praia de areia branca, vegetação luxuriante ao fundo, e um mar azul turquesa. Fora enviado pelo irmão e esposa, que estavam passando a lua-de-mel no Havaí.
Virando o cartão, pôs-se a ler as palavras rabiscadas na caligrafia esparramada do irmão:
"Viagem maravilhosa. Gostaríamos que estivesse aqui. Ou melhor, gostaríamos que tudo estivesse maravilhoso com você também. De qualquer forma, todo o amor de Ross e Diana."

Katherine deu risada. Ainda estava sorrindo quando chegou à última carta.
Sempre que pensava no caso depois, ela não sabia o que a fizera examinar melhor o envelope. Era branco, do tipo comercial comum, barato. O nome dela e o endereço da Empresa St. Clair tinham sido datilografados, mas os tipos estavam tortos e meio apagados, difíceis de serem lidos. Aparentemente a máquina de escrever utilizada necessitava de uma fita nova. Não havia endereço do remetente nem no canto superior esquerdo, nem nas gostas do envelope. O carimbo do correio achava-se borrado e ilegível.
Imóvel, com o envelope numa das mãos e o cálice de vinho na outra, Katherine foi tomada de um estranho pressentimento. O coração começou a bater-lhe mais rápido; podia quase escutar as batidas pulsando nos ouvidos. A respiração parecia presa em seus pulmões, e até o ato de engolir a saliva tornou-se difícil. De repente, um impulso maluco de jogar fora o envelope sem abri-lo invadiu-a. Bobagem, claro.
Com uma espátula, tratou de abrir a carta. Um pequeno pedaço de papel, do tamanho daqueles bilhetes que costumavam vir dentro dos biscoitos chineses da sorte, caiu no chão da cozinha. Inclinando-se, ela apressou-se a recuperá-lo.
Com a testa franzida, colocou-o sob a luz e leu em voz alta:
"O passado vai voltar para assombrá-la, sra. O'Kelly." Afundando na cadeira, Katherine esmagou o pedaço de papel na mão cerrada com força.
— Sra. O'Kelly — repetiu numa voz irreconhecível aos próprios ouvidos. Aquilo fazia parte do passado, um passado havia muito enterrado. E era assim que devia ficar. Não era de se esperar que voltasse e viesse assombrá-la agora. Deus era testemunha de que pagara bem caro por seu erro.
Com os olhos fixos no papel amassado, Katherine permitiu que um nome lhe invadisse a mente. Strong.
Não havia mais como lutar contra as lembranças. A doce-amarga viagem de volta ao passado já fora posta em marcha.
Finalmente ia permitir-se pensar em Strong. Recordações encheram-lhe a mente...

CAPITULO II

Profunda e ardente.
Essas palavras descreviam bem a atração que surgia entre eles. Fora imediata, mútua e decididamente sexual. Bastara um olhar e ambos

souberam que acabariam na cama.
Acontecera no verão em que Katherine completara vinte e dois anos. Tinha acabado de voltar para casa, depois de uma viagem ao exterior, presente de formatura dos pais. A viagem incluíra várias semanas na Inglaterra e outras tantas excursionando pela Grécia e Itália.
Estava prestes a começar em seu primeiro emprego como fotógrafa numa importante revista de Phoenix. Grande passo para uma garota recém-saída do faculdade, mas que não constituía surpresa para aqueles que a conheciam.
Tudo que Kitty St. Clair queria, cedo ou tarde acabava conseguindo. Enquanto os pintores e decoradores davam os últimos retoques no novo condomínio onde ia residir, Kitty fora ficar temporariamente na casa dos pais. Certa manhã, ao entrar na enorme cozinha estilo espanhol para servir-se de um copo de suco de laranja, ela olhou pela janela e viu um grupo de rapazes trabalhando no jardim dos fundos.
— Que diabo mamãe e papai estão fazendo com o gramado? — perguntou para Maria, a governanta.
— Mandaram plantar cactos.
— Parece um trabalho exaustivo — Katherine observou, tomando um gole do suco gelado.
— Qualquer trabalho é exaustivo num calor de trinta e cinco graus — observou Maria, judiciosamente.
— Temos limonada pronta?
— Claro.
— Quantos homens estão trabalhando lá fora? Maria encolheu os ombros.
— Quatro. Talvez cinco.
— Nesse caso, quero cinco copos cheios de gelo e uma jarra de limonada.
A governanta colocou tudo numa bandeja e Kitty levou-a para o jardim dos fundos. Indo de trabalhador a trabalhador, ofereceu um copo do refresco para cada um.
Ao se aproximar do último, ela experimentou um momento de incerteza. Havia nele algo de intimidante. Talvez a alta estatura. Devia ter no mínimo um metro e noventa. Ou então o físico esplêndido. Os ombros eram largos, rijos. Os músculos das costas e dos braços flexionavam-se a cada movimento da pá, à medida que ele cavava um buraco na terra dura, ressecada.
Estava de costas para ela, sem camisa, e a pele apresentava um intenso

bronzeado devido ao trabalho diário sob o sol do deserto. Os cabelos lisos eram escuros como a noite, e ligeiramente compridos. Usava uma bandana na testa, amarrada atrás da cabeça, o que lhe dava um ar quase selvagem.
Uma fina camada de transpiração cobria-lhe a pele bronzeada. Um fio de suor descia-lhe da nuca, correndo pela espinha até desaparecer sob o cós do jeans justo e desbotado.
— Com licença — começou Kitty.
O rapaz voltou-se, e por um momento ela ficou sem fala. Ele era lindo, moreno, alto, mas os olhos... Santo Deus, até aquele instante Katherine não sabia que olhos daquela cor existiam! Eram verdes como esmeraldas, vívidos e fascinantes. Verdes como os trevos da Irlanda. Sua herança mestiça achava-se estampada nas feições de máscula e vigorosa beleza. Em suas veias devia correr sangue americano nativo, talvez navajo, bem como espanhol e irlandês. Kitty não estava bem certa. Tudo o que sabia era que à sua frente encontrava-se o mais belo e perfeito exemplar masculino que já vira.
— Você não vai me oferecer um copo de limonada? — ele perguntou afinal, numa voz profunda e agradável, levemente brincalhona, que a deixou toda arrepiada.
Caindo em si, Kitty pôs-se a rir, meio sem jeito.
— Claro. Você quer?
Ele aceitou e, pegando o copo, levou-o aos lábios, bebendo o conteúdo num único gole. Fascinada, Kitty ficou a observá-lo.
— Obrigado — ele agradeceu com um leve sorriso. Antes de devolver o copo à bandeja, porém, apertou-o de encontro à testa, à linha firme do maxilar, do pescoço, esfregando-o depois no peito largo. — Está muito quente — foi tudo o que disse, à guisa de explicação.
De repente, os lábios de Kitty ficaram secos. Passando a língua por eles, viu-se imaginando que gosto teria a pele daquele rapaz.
O pensamento erótico deixou-a chocada. E ele já devia ter percebido o impacto que lhe causara. Com certeza estava acostumado com o efeito que provocava nas mulheres. Um homem com aquela aparência não podia deixar de ter conhecimento da própria atração sobre o sexo oposto.
— Como é o seu nome? — ela não conseguiu conter-se e perguntou.
Por um breve espaço de tempo o rapaz baixou o olhar para o rosto dela, antes de responder— Strong.
— Strong? — Kitty quase riu alto. Sem dúvida ele era forte.

Os olhos verdes se estreitaram com certa dureza.
— Strongarm, na verdade.
Ainda mais apropriado, tendo em vista os braços musculosos.
— Strongarm de quê?
Com expressão desafiadora ele esclareceu:
— Meu nome completo é Carlos Michael Strongarm O'Kelly, mas meus amigos me chamam de Strong.
— Posso entender por quê — ela murmurou.
— E o seu nome, qual é? O primeiro, claro. Presumo que seja uma St. Clair.
— Katherine. Mas os meus amigos me chamam de Kitty.
— Você é casada, Kitty St. Clair? Desta vez ela riu de verdade.
— Que pergunta mais estranha para se fazer a alguém que se acabou de conhecer.
Strong encolheu os ombros com displicência.
— Acontece que preciso saber.
Deitando para trás a cabeça e colocando a mão sobre os olhos para protegê-los do ardente brilho do sol do Arizona, Kitty encarou-o.
— Por quê?
— Porque não costumo sair com mulheres casadas.
— Sair?
Strong acenou afirmativamente.
— Estou marcando um encontro com você. Conhece o restaurante mexicano na rua Setenta e Quatro?
Para sua própria surpresa, Kitty viu-se admitindo que sim.
— Encontre-me lá esta noite, às dez horas em ponto. —
Depois, dando-lhe de novo as costas, Strong recomeçou a cavar.
Carregando a bandeja, Kitty correu para a segurança da casa paterna.
O sujeito era maluco, com certeza. Encontra-los às dez da noite num restaurante popular do outro lado da cidade?
Ela era Katherine St. Clair, filha dos ricos e importantes Rachel e Matthew St. Clair, de Phoenix e Palm Springs. Jamais saía com estranhos. Menos ainda com estranhos que trabalhavam no jardim da casa de sua família.
Afinal, não era nenhuma idiota.
Descobriu que era uma idiota completa.
Pela centésima vez Kitty repetiu isso a si mesma, enquanto parava o conversível no estacionamento do restaurante mexicano da rua Setenta e Quatro.

Sem dúvida tratava-se da coisa mais estúpida que já fizera, mas todas as vezes em que tentava convencer-se a não comparecer ao encontro, via os fascinantes olhos verdes de Strong O'Kelly e sua resolução caía por terra. ,
O que havia naqueles olhos incríveis? Inteligência? Sim, charme? Sem dúvida, humor? Também. Magnetismo? Sensualidade? Tudo isso e também interesse masculino declarado por sua pessoa. O rapaz estava tão atraído por ela quanto ela por ele. Kitty podia apostar nisso.
De fato, essa era a razão para encontrar-se agora naquele lugar.
Estacionando na primeira vaga que avistou, Kitty ficou um momento indecisa entre permanecer no carro à espera dele ou entrar à sua procura. Antes, porém, que chegasse a uma conclusão, a porta dos fundos se abriu e Strong apareceu.
E tudo aconteceu de novo. O coração de Kitty pôs-se a bater feito um louco diante da simples visão do rapaz. Sua boca ficou seca, a respiração ofegante.
Ele vestia de novo jeans desbotados, mas agora limpos, uma camiseta branca e botas de cano curto. Uma fina corrente de ouro rodeava-lhe o pescoço bronzeado, com um pequeno crucifixo pendurado. Os cabelos estavam úmidos do banho recém-tomado, e escovados para trás.
Avançando na direção dela num passo ágil e felino, inclinou a alta estatura, apoiando os braços na moldura da porta do Jaguar. Um sorriso lento e sensual surgiu-lhe nos lábios.
— Fiquei imaginando se você viria mesmo.
— Eu também — ela confessou, numa voz trêmula e ofegante.
— Está com fome?
— Sim.
— Eu também. — Ele fez um gesto com a mão. — Passe para lá. Eu vou dirigindo.
— Não vamos comer aqui? — Kitty indicou o restaurante.
— Não. Eu trabalho aqui. Vamos comer em outro lugar. Confie em mim.
E ela confiava, por incrível que lhe parecesse.
Strong deslizou para trás do volante do carro dela, deu marcha a ré e saiu para a rua. Cortando caminho, tomou ruas transversais e atalhos, provando que conhecia Phoenix como a palma da mão, e afinal deteve-se em frente a um pequeno trailer que vendia lanches rápidos.
— Ei, Miguel — chamou.
— Ola, Strong. Buenas noches.
— Tiene usted algo de buenol O mexicano deu risada.

— Tudo que eu vendo é bom.
— Então vamos querer duas enchilladas especiais e duas cervejas.
— Muy bien.
— Gradas, Miguel.
Levaram o piquenique improvisado para o topo de uma pequena colina, de onde podiam avistar as luzes da cidade. Era uma noite quente de verão, e o ar estava carregado dos mais variados perfumes: oleandro, limões, flores em botão, e areia do deserto.
Ao terminarem de comer, ficaram sentados algum tempo conversando.
— Quantos empregos você tem? — perguntou Kitty, curiosa a respeito dele.
— Três — ele limitou-se a responder, sem entrar em detalhes!
— E quantos anos você tem?
Strong hesitou levemente, e tomou um gole de cerveja, antes de responder:
— Vinte e um. E você? Kitty sorriu.
— Vinte e dois.
— Sempre gostei de mulheres mais velhas — ele confidenciou, como se se tratasse de uma brincadeira particular entre ambos.
— Na verdade, não sei nada sobre você — Kitty deixou escapar vendo-o aproximar-se dela.
— Eu também nada sei a seu respeito — ele ecoou. — Isso faz diferença?
Vendo o belo rosto másculo aproximar-se cada vez mais, ela admitiu afinal a verdade:
— Não.
— Para mim também não — Strong murmurou um segundo antes de tomá-la nos braços e cobrir-lhe a boca com
a sua.
Foi como fogos de artifício no 4 de julho. Ou uma explosão de estrelas, uma colisão de planetas. Foi alucinante. Selvagem.
Havia algo secreto e perigoso em Strong, alguma coisa primitiva e proibida que a excitava ao extremo. Eram diferentes como o dia e a noite, mas uma poderosa atração os unia. Não conseguiam afastar as mãos um do outro, tocando, explorando, buscando e dando prazer, insaciáveis.
Strong murmurava palavras ardentes, eróticas ao ouvido dela, levando-a à loucura. Afinal, com a voz rouca de paixão, confessou:
— Eu quero você. Deus do céu, eu preciso possuí-la. Kitty St. Clair

sempre se orgulhara de comportar-se de
modo racional e inteligente, até aquele momento em que precisou enfrentar a verdade. Com o coração disparado, o sangue transformado em fogo líquido em suas veias, as emoções atingindo alturas inimaginadas, percebeu que estava perdida: Strong passara a ser tudo o que lhe importava na vida. Tímida, hesitava, sem saber direito o que fazer. Ele lhe mostrou o caminho, sussurrando palavras de encoraja-mento. Kitty inebriava-se com o gosto dele em seus lábios, com o perfume viril da pele quente, com o contato do corpo rijo contra a maciez do seu.

— Nunca me senti assim antes — confessou. Ele falou com voz rouca de desejo:

— Nem eu.

— Devemos estar loucos...

— Estamos loucos. Loucos um pelo outro.

— E o que vamos fazer? — Kitty perguntou, agarrada ao corpo másculo.

— Vamos nos casar.

— Casar?

— Venha comigo agora. Esta noite. Podemos cruzar a divisa e procurar um juiz de paz.

— Strong...

— Quero fazer amor com você numa cama de verdade, Kitty. Quero possuí-la numa praia de areia branca, em frente a uma lareira, num campo coberto de flores. Quero fazer amor com você dia e noite, sem parar. Para sempre.

Kitty sentiu que suas forças a abandonavam levando os últimos resquícios de bom senso.

— Oh, Deus, eu não sei — gemeu, frustrada.

Os maravilhosos olhos verdes mergulharam nos seus, mantendo-os cativos.

— Só vou pedir mais uma vez. Você vem comigo? Sem conseguir afastar o olhar, Kitty soube que estava
vencida.

— Sim.

Viajaram a noite toda e na manhã seguinte casaram-se diante do juiz de paz de uma pequena cidade do outro lado da divisa. Depois, seguiram para Prescott, onde se situava a casa que Strong herdara do avô no ano anterior. A lua-de-mel foi passada na propriedade, denominada Casa de

Pedra, durante sete maravilhosos dias e sete noites ardentes.
Ao fim daquela semana de sonho, voltaram para Phoenix e foram para a casa dos pais de Kitty. A mãe desta saudou-os com lágrimas e beijos. O pai, com ar sério, apresentou à filha o relatório de um detetive particular. Aquele foi o início do fim.
Kitty não se casara com um homem feito, mas com um garoto. Um adolescente. Strong havia mentido a respeito da idade. Ele não tinha vinte e um anos, como dissera. Tinha apenas dezessete...
"Casamento apressado, arrependimento demorado". Com as. costas da mão Katherine St. Clair enxugou as lágrimas que lhe rolavam pelas faces.
Havia sido a sra. Carlos Michael Strongarm 0'Kelly por
apenas uma breve semana. A anulação do casamento demorara muito mais tempo.
Mais tempo ainda levara seu coração para sarar. Tinha confiado em Strong e ele a enganara. Nunca o perdoara por isso.
Levantando-se, Kitty caminhou com passos trêmulos até o balcão da cozinha e serviu-se de outro cálice de vinho, à guisa de remédio. Bebeu-o de uma só vez.
Tinha aprendido uma lição sobre os homens, ou melhor, sobre garotos, da maneira mais dolorosa. O preço fora muito alto e nunca mais conseguira confiar em homem algum.
Mas seu relacionamento com Strong era coisa do passado. Um passado morto e enterrado.
O olhar caiu-lhe então sobre o pedacinho de papel ainda amassado em sua mão. a mensagem ficara gravada a fogo em sua mente: "O passado vai voltar para assombrá-la, sra. O'Kelly".
Por que alguém haveria de querer desenterrar o que estava morto!

CAPITULO III

-Ora, claro que quero reinquirir sua testemunha. — A risada de Strong 0'Kelly ressoou ao telefone. — Eu sei, eu sei, você faria o mesmo por mim. Bem, vejo-o no tribunal, colega.
Desligando, ele dirigiu o olhar para além das altas janelas, que iam do chão ao teto de seu escritório, e por onde se avistava a rua principal de Prescott e a praça do Tribunal de Justiça.
Prescott era o tipo de cidade que Strong apreciava. Em duas ocasiões, em 1860 e em 1870, tinha sido a capital do Arizona. Espremida num vale entre altas montanhas, às margens do rio Creek, era rodeada por uma bela floresta, que constituía uma reserva nacional.

A pequena cidade, na região central do Arizona, era uma contradição em si mesma: provinciana e empreendedora, tradicional e moderna, apegada ao passado e, ao mesmo tempo, aberta a inovações. Por toda parte viam-se lembranças dos tempos da corrida do ouro, das diligências, dos garimpeiros. Ainda assim, atraía muitos jovens, vindos de Phoenix e do vale do rio Salt.

Dez anos antes, Strong lá se refugiara, para esquecer, para começar uma nova vida, deixando para trás a dor do passado. Em Prescott tinha cursado a faculdade, graduando-se em Direito.

E quando o velho juiz aposentado Clarence T. Martim, então trabalhando como advogado, convidara o jovem estagiário para associar-se à sua firma, com chances de assumir-lhe um dia o controle, Strong apressara-se em agarrar a oportunidade.

E nunca se arrependera da decisão.

Clarence morrera no ano anterior, mas Strong mantivera-lhe o nome junto ao seu, na porta do escritório, por uma questão de respeito e gratidão. Era o mínimo que podia fazer pelo homem que fora seu mentor e amigo.

Uma leve batida na porta veio interromper-lhe o devaneio.

— Sim?

Uma mulher de cabelos grisalhos, de cerca de sessenta anos, colocou a cabeça pela fresta.

— Trouxe as últimas cartas para você assinar, se tiver um minuto.

— Claro, Mildred. Pode entrar.

Tinha herdado Mildred Leeper juntamente com o prédio e a firma de advocacia. Ela havia sido secretária e braço direito de Clarence Martin por trinta anos, e agora fazia o mesmo trabalho para Strong. Mildred era sem dúvida indispensável.

Pegando a caneta, ele assinou a pilha de cartas perfeitamente datilografadas, e os documentos legais. A mulher era uma perfeccionista. Sem dúvida conhecia mais sobre jurisprudência do que dez advogados.

— Vou colocar essas cartas no correio, a caminho de casa — disse Mildred. — Você vai trabalhar até tarde de novo?

— Não, apenas mais alguns minutos.

Mildred já havia escutado isso muitas vezes, e tinha motivo de sobra para não acreditar. Franzindo o cenho, sacudiu a cabeça em desaprovação.

— Você é igualzinho a Clarence. Só trabalho, trabalho e nenhuma distração. Pelo menos veja se lembra de comer alguma coisa. — As

palavras finais foram lançadas por sobre a porta. — E não se esqueça de abrir o envelope marcado "pessoal" que eu deixei hoje cedo sobre a sua mesa.
Na verdade, Strong o havia esquecido por completo.
Pegando então o envelope, olhou-o rapidamente e tornou a jogá-lo sobre a mesa. Leria o conteúdo mais tarde.
Uma hora depois, tendo concluído o estudo do processo em que se achava empenhado, Strong esticou as longas pernas e espreguiçou-se para aliviar os músculos doloridos do pescoço. Em seguida, levantando-se, dirigiu-se à Kitchenette que dividia com o escritório de contabilidade vizinho. Abrindo a geladeira, pegou uma lata de cerveja. Numa caixa de pizza encontrou ainda dois pedaços, remanescentes da refeição da noite anterior.
— Ah, jantar... — murmurou com uma leve careta, estendendo a mão para a pouco apetitosa pizza.
Algum tempo depois, com os pés apoiados no antiquado aquecedor de ambiente atrás de sua escrivaninha, a caixa vazia de pizza no chão, Strong lembrou-se do envelope de papel manilha.
Remexendo entre os documentos sobre a mesa, encontrou-o. Sem saber bem por que, examinou-o cuidadosamente antes de abrir. Era do tipo comum, barato, vendido em qualquer papelaria. Sem nome e o endereço do escritório haviam sido datilografados, mas a impressão estava fora de lugar e levemente apagada. Com certeza, a máquina de escrever utilizada era velha, e necessitava de uma fita nova. Não havia endereço nem nome do remetente. Por alguma razão, ocorreu a Strong que devia ter sido deliberadamente borrado.
Com o envelope numa das mãos e a lata de cerveja na outra, uma estranha sensação o dominou, uma certa relutância em abrir a carta. Um desejo maluco de jogar fora o envelope sem abri-lo passou-lhe pela cabeça.
Mas ele o afastou, claro.
Rasgou então uma das extremidades, e um pequeno pedaço de papel caiu sobre a mesa.
Erguendo-o, Strong leu: "O passado vai voltar para assombrá-lo, 0'Kelly".
Com o cenho franzido, ele esmagou a lata vazia de cerveja. Que diabo significava aquilo?
Havia mais, porém. Virando o envelope de cabeça para baixo, fez com que um maço de documentos xerocados se espalhasse pela escrivaninha. Pegando o primeiro deles, começou a ler.

A princípio, Strong julgou tratar-se de uma brincadeira de mau gosto. Mas à medida que foi se inteirando do conteúdo, percebeu que o caso não era para rir... mesmo sem considerar a ameaça rabiscada no verso do último documento.
Um palavrão escapou-lhe dos lábios. Levantando-se de um salto, começou a andar de um lado para outro na sala.
Diante das circunstâncias, só havia uma coisa a ser feita, tratou de convencer-se. Na manhã seguinte, bem cedo, teria de ir para o sul, para Phoenix. Gostando ou não da ideia, precisaria entrar em contato com a mulher que um dia fora o seu amor. A mulher com quem se casara, a quem mentira deliberadamente, e que nunca mais vira naqueles dez anos.
Kitty St. Clair tinha o direito de saber. Precisava ser alertada.
Seu olhar caiu então sobre a última página do documento. As palavras estavam claramente escritas em letras maiúsculas: "MELHOR CASADO DO QUE MORTO!"
Sentindo-se péssima, Katherine serviu-se de uma xícara de café. Não tinha conseguido dormir quase nada aquela noite. E não apenas por causa da mensagem misteriosa, como também por Strong. Uma vez libertadas as lembranças, foi-lhe impossível parar de pensar nele.
Ainda podia vê-lo, da maneira como se encontrava naquele primeiro dia, no jardim dos fundos da casa de seus pais. Alto, moreno, de uma beleza de tirar o fôlego de qualquer mulher. Nunca mais conhecera alguém como ele, com aquele magnetismo animal, aquela sensualidade crua, que tanto a atraíra.
E nunca mais esquecera aqueles maravilhosos olhos verdes.
De repente, caindo em si, Kitty estremeceu. Tinha expelido Strong O'Kelly do coração e da mente havia muito tempo... embora fosse obrigada a pensar onde ele andaria, o que estaria fazendo, como se sentiria.
— Não seja idiota, Katherine — censurou-se, e, levantando-se, dirigiu-se à larga janela do escritório, onde, com a caneca de café na mão, ficou contemplando a agitação da rua, mais abaixo. — Já se passaram dez anos. O caso está morto e enterrado. Não fique procurando encrenca. Tudo indica que você nunca mais vai ver Strong.
Nesse instante, o toque do interfone sobressaltou-a. Voltando depressa para a escrivaninha, ergueu o receptor. A voz de sua secretária soou do outro lado da linha:
— Alguém aqui quer vê-la.

Franzindo o cenho, Kitty colocou a caneca de café sobre a mesa.
— Tem entrevista marcada?
— Não.
— Quem é a pessoa?
— Ele não deu o nome.
— É um homem, então...
— Sem a menor dúvida.
— O que ele deseja?
Sally Bradford baixou a voz, falando direto no bocal:
— Ele não disse.
Kitty não estava com muita paciência para charadas naquela manhã.
— Não disse ou não quer dizer? Sally hesitou, e em seguida confirmou:
— Não quer dizer. Disse que só vai falar com você.
Suspirando, Kitty esfregou as têmporas doloridas. O visitante só podia ser uma de duas coisas: um cliente, ou um vendedor de equipamentos fotográficos, que viviam a aborrecê-la. Mas, se fosse um cliente, não poderia deixar de recebê-lo. Afinal, fora a propaganda boca a boca a responsável por seu sucesso.
— Você falou que estou ocupada? — perguntou, afinal.
— Sim.
— E então?
— Ele disse que vai esperar. — De repente, Sally pôs-se a rir e ao fundo Kitty pôde ouvir uma profunda e sarcástica voz masculina, dizendo alguma coisa à sua secretária.
— Sally?
— Desculpe, Kitty mas acho que você devia recebê-lo.
— Por quê?
Sally baixou a voz até um nível intimista:
— Em primeiro lugar, porque ele é lindo. É alto, tem cabelos negros, ombros largos e o mais incrível par de olhos verdes que eu já vi.
Kitty ficou imóvel, profundamente chocada, incapaz até mesmo de respirar.
— Olhos verdes? — Ao fundo, pôde ouvir o homem falando outra vez. Seu coração começou a bater num ritmo cada vez mais acelerado. — Sally? — insistiu, ao ver que a outra não respondia.
— Um momento, Kitty — _ veio a voz de Sally pelo interfone. E depois de uma breve pausa: — Acho que você
deve falar com o homem. — Havia algo de estranho no tom da secretária. Como se ela também estivesse chocada.

— Por quê?
— Porque ele disse que é seu marido.

CAPITULO IV

Marido"? Acaso seria...
Deus do Céu, era ele.
Apesar de Strong encontrar-se de costas quando Kitty abriu a porta da sala, ela o reconheceu no mesmo instante, pela maneira displicente de posicionar o corpo ágil, com os pés levemente separados, as mãos nos bolsos do jeans.
Mas quase havia esquecido o quanto ele era alto, como seus ombros eram largos e o impacto causado por aquele físico magnífico. Sua simples presença dominava qualquer ambiente.
— Strong? — A voz não parecia a sua. Voltando-se, ele acenou de leve em afirmação.
— Como vai, Kitty?
Os olhos eram exatamente como ela se lembrava: verdes como esmeraldas, inteligentes, observadores, muitas vezes desconcertantes. Por outro lado, pareciam mais velhos e mais experientes, e definitivamente muito mais frios.
Os cabelos negros e fartos estavam mais curtos, ela reparou, e não mais revoltos. Ao contrário, muito bem penteados. As feições haviam amadurecido, adquirindo uma dureza que não possuíam antes. Não havia naquele homem nenhuma suavidade, nenhuma concessão, ou fraqueza.
Usava calças jeans de bom corte, uma camisa branca aberta até o início do peito musculoso, e um casaco de couro preto. Nas mãos trazia um chapéu Stetson, e nos pés calçava botas de couro, no estilo dos vaqueiros. Ele seria um cowboyl
— O que você está fazendo aqui? — Kitty perguntou, sem muito tato.
Baixando a voz a um nível confidencial, Strong respondeu:
— Seria melhor discutirmos o assunto em particular. O rosto de Katherine ficou vermelho.
— Claro. — De alguma forma, ela conseguiu recuperar-se o bastante para fazer as necessárias apresentações. Indicando a jovem mulher atrás da mesa de recepção, falou com deliberada polidez: — Esta é a minha secretária, Sally Brad-ford. Sally, meu ex-marido, Strong O'Kelly.
— Por favor, aceite minhas desculpas por não ter querido colaborar antes, mas eu queria fazer uma surpresa a Kitty, srta. Bradford. — O charme de Strong, como sempre, era devastador.

E ele sem dúvida conseguira surpreendê-la, pensou Kitty, secamente. Strong era a última pessoa que esperava ver em seu escritório naquele dia, ou em qualquer outro.
— Por favor — pediu a Sally —, se telefonarem para mim, diga que no momento não posso atender.
— Claro, Katherine. — Mesmo ardendo de curiosidade, Sally era educada demais para demonstrar isso na voz ou na expressão.
— Vamos para o meu escritório — Kitty sugeriu ao homem que ressurgia tão inesperadamente em sua vida.
— Damas primeiro — disse Strong com uma sugestão de zombaria no sorriso, e um gesto gentil da mão.
Apelando para toda a sua força de vontade, Kitty consegui manter o tom de voz firme, enquanto bancava a perfeita
mulher de negócios recebendo um cliente em potencial. A Princesa, não era assim que a chamavam?
— Sente-se, por favor — falou, indicando uma cadeira estofada em frente à escrivaninha.
— Obrigado. Prefiro permanecer de pé, por enquanto. — Agora que se encontrava no interior do santuário das Empresas St. Clair, Strong parecia não ter pressa de explicar a razão de sua visita. Para ganhar tempo, deu alguns passos em torno da sala bem decorada, na maior parte com peças indígenas: cestas de vime trançadas à mão, pelos navajos, pelos pueblos, ou apaches, e uma coleção de jóias em prata e turquesa, também de origem nativa, dispostas em pequenas vitrinas.
— Não sabia que você era uma colecionadora de arte indígena — comentou, em tom casual.
Ela ficou tentada a responder que havia muita coisa a seu respeito que ele ignorava, e que jamais iria saber. Mas, em vez disso, limitou-se a responder:
— Comecei a coleção há cerca de cinco anos.
— Confesso que não sou um entendido, na acepção da palavra, mas você tem peças maravilhosas aqui.
— Tenho, sim. E a mais preciosa é aquele colar de prata, madrepérola e turquesa, ali no centro daquela prateleira. — Aproximando-se, Kitty apontou para o objeto. Foi feito pelo mais famoso artesão navajo do século passado, e data de mil, oitocentos e oitenta e cinco. É a beleza elementar do trabalho dos primitivos artesãos de prata da tribo navajo que interessa aos verdadeiros colecionadores, claro.
Strong voltou os olhos para o rosto dela.

— Minha bisavó navajo, Mulher Arco-íris, costumava dizer que o seu povo via a beleza como sendo o equilíbrio e a harmonia de tudo o que existe na natureza.
Kitty acenou em concordância.
— E o conceito navajo do hozho.
Os olhos verdes brilharam, interessados.
— Você sabe sobre o hozho !
— Sei, sim — involuntariamente, Kitty respondeu. — Tenho tentado encontrar o mesmo equilíbrio e harmonia na natureza com a minha câmera, mas não é fácil.
O olhar de Strong dirigiu-se para as fotografias emolduradas numa das paredes. .
— São suas? — perguntou, sem se voltar.
— São, sim.
Ele esfregou o queixo, pensativo.
— Agora estou me lembrando de que você costumava carregar uma máquina fotográfica por onde quer que fosse.
Era verdade. Quando o conhecera, ela já levava sempre uma câmera consigo. O que ainda fazia.
Finalmente, depois de examinar por algum tempo as fotografias, Strong comentou:
— Você é mesmo boa nisso. Excelente.
— Obrigada. — Embora acostumada aos elogios a seu trabalho, as palavras dele a sensibilizaram além do normal.
Continuando, Strong deteve-se diante da foto favorita de Kitty: em branco e preto, mostrava uma tempestade em formação no deserto. Nuvens pesadas e relâmpagos enchiam o céu escuro. Em primeiro plano salientava-se a forma isolada de um "saguaro", um cacto gigante, sua avançada idade evidenciando-se no número e tamanho dos grossos braços. Ao fundo, a silhueta imponente de uma cadeia de montanhas.
— Quase posso ouvir os trovões a distância — murmurou Strong — e sentir o cheiro da tempestade que se aproxima.
— Essa tempestade no deserto foi uma das coisas mais maravilhosas e selvagens que já vi. Primitiva. Poderosa. Á eletricidade no ar fez com que os meus cabelos ficassem de pé — relatou Kitty, entusiasmada.
As belas feições masculinas expressaram desaprovação.
— Pelo jeito, você correu um sério risco para tirar essa foto.
— Fiquei molhada até os ossos, e quase congelada, mas valeu a pena.
— Na verdade, ela havia flertado com o perigo naquela noite, mas

jamais se sentira tão viva.
O mesmo podia ser dito da única semana que vivera como sra. Carlos Michael Strongarm O'Kelly.
— Você deu algum nome a esta foto? — ele perguntou.
— Sim. — Como ele podia ter adivinhado? — Eu a chamei "Os deuses estão zangados, os deuses estão satisfeitos".
Era impossível saber, pela expressão de Strong, se ele havia compreendido o significado.
Depois de um momento, ele falou, devagar:
— A natureza nos faz lembrar que a vida é um paradoxo. Rezamos pedindo chuva, e ela inunda tudo. Rezamos pelo sol, e ele seca toda a terra. O que é bom para nós pode também ser mau. — Afastando-se das fotos, concluiu: — O que nós amamos, com frequência também destruímos.
Ele havia entendido. Kitty devia ter sabido disso desde o início.
Colocando o Stetson sobre uma mesa lateral, Strong sentou-se afinal na cadeira estofada diante da escrivaninha de Kitty. Sua presença enchia a sala, dominadora, magnética.
Pela primeira vez, desde que entrara no escritório de Kitty, ele olhou-a diretamente nos olhos. Sua expressão, porém, era inescrutável.
— Como tem passado, Kitty? — Poderia ser um estranho inquirindo-a sobre o tempo.
— Muito bem. E você?
— Ótimo. Dez anos...
Dez anos desde que eles haviam se separado, ela em lágrimas, ele furioso, e tudo que conseguiam dizer um ao outro era isso?
Dez anos...
Como ela o amara, e como ele a havia amado em troca. Ainda assim, no final, tinham destruído aquele anos, e um ao outro.
Dez anos...
Kitty já não era mais a garota ingênua e confiante, mas uma mulher de trinta e dois anos. Strong tinha vinte e sete, mas parecia mais velho. E agia como um homem mais velho, também. Aliás, ele sempre parecera e agira como alguém muito acima de. sua idade. Algumas vezes, depois da separação, Kitty pusera-se a pensar se ele algum dia fora um menino como os outros. Agora, imaginava se era um homem como os demais. De qualquer forma, ainda se tratava do mais belo espécime masculino que ela já vira.
Com dificuldade, Katherine engoliu o bolo que se formara em sua

garganta.
— Com certeza, você não veio à minha procura, depois de todos esses anos, apenas para saber como eu estou passando — conseguiu dizer, afinal.
A boca bem-feita apertou-se.
— Evidente que não.
— E o que você deseja, então?
— Respostas para algumas perguntas. — Ele cruzou as longas pernas musculosas e por um momento estudou a ponta da bota de couro trabalhado. Depois, erguendo os olhos para ela, perguntou, abruptamente: — Você está casada, Kitty?
Ela não conseguiu conter-se e deu risada. Mas não foi uma risada alegre.
— Você já me fez essa pergunta da outra vez. E acabei numa encrenca séria.
Sem dar importância a esse comentário, Strong insistiu:
— Este caso também é sério, Kitty. Preciso saber se está casada.
Ela passou a língua pelos lábios secos e respirou fundo.
— Engraçado. Da outra vez você também precisava saber.
Strong franziu o cenho.
— É mesmo? Não me lembro. — Um músculo saltou em seu maxilar. — Que tal refrescar minha memória?
Com um sorriso frio, ela o encarou:
— Foi no primeiro dia em que nos encontramos.
Um brilho de reconhecimento surgiu nos belos olhos verdes.
— No jardim dos fundos da casa dos seus pais.
— Você estava plantando cactos.
— Estava mais quente que o inferno, e você trouxe uma bandeja de refresco.
— Limonada.
— Agora me lembro — disse Strong.
De modo deliberado, ela foi sentar-se atrás da escrivaninha, colocando a larga extensão do móvel entre ambos. Erguendo uma sobrancelha, perguntou então, no mesmo tom inquisitivo usado por ele:
— E você, está casado, Strong?
Fugindo à pergunta, ele colocou outra questão:
— O que você sabe a respeito de leis?
— Alguma coisa. — Kitty deu de ombros. Enfiando a mão no bolso interno do casaco de couro,

Strong retirou um maço de papéis, que colocou sobre a mesa.
— Nesse caso, acredito que isso vá interessá-la. Curiosa, Katherine pegou os papéis, desdobrou-os e começou a ler.
— Parece ser uma cópia da anulação do nosso casamento.
— E é — replicou Strong em tom frio, esticando as longas pernas sob a mesa.
— Receio não estar entendendo — Kitty admitiu, cautelosa.
— Alguém enviou esses papéis para mim. Chegarajn ontem ao meu escritório, via correio.
— Estranho...
— Muito estranho.
Ela ainda não conseguia entender, e sua expressão revelava a confusão. Sem deixar de fitá-la, Strong continuou, em tom macio:
— Há um detalhe especial nesses documentos que um bom advogado descobriria em cinco minutos.
Kitty baixou o olhar para as próprias mãos.
— Nesse caso, por que enviá-los a você?
— Porque sou um advogado danado de bom. Ela ergueu a cabeça bruscamente.
— Eu... desculpe. Não sabia. Não fazia a menor idéia.
— Não esperava que soubesse. A curiosidade dela aguçou-se.
— Desde quando?
— Prestei o exame da Ordem há quatro anos. Kitty não conseguiu parar o interrogatório:
— E onde você está advogando?
— Em Prescott.
— Meus parabéns.
— Obrigado — Strong agradeceu, irónico, e não pôde deixar de acrescentar: — Foi mérito seu.
— Meu?
Levantando-se de um salto, ele pôs-se a andar de um lado para outro. Depois, detendo-se de repente, endereçou-lhe um olhar que sem dúvida faria tremer muitas testemunhas no tribunal.
— Sabe, Katherine — Strong nunca a chamava assim, a não ser quando zangado —, nunca consegui entender como o homem e as suas leis podiam separar aqueles que Deus havia unido.
Remexendo-se na cadeira, ela dirigiu ao céu uma curta prece, para que o encontro não se tornasse desagradável.
— Já faz muito tempo, Strong. Não vamos remexer no passado agora.

Strong riu sem vontade.
— Podemos não ter outra escolha. Você sabe o que dizem, doçura... — A última palavra podia ser tudo, menos um tratamento carinhoso.
Mesmo contra a vontade, Kitty viu-se perguntando:
— Não sei, não. O que é?
Ele dirigiu-lhe um olhar intenso, firme.
— O passado vai voltar para assombrá-la. Kitty ficou pálida.
— Foi você, então?
O rosto dele expressou surpresa.
— Fui eu o quê?
— Que mandou aquela mensagem horrível para mim? — O olhar de Kitty era acusador.
— Mensagem horrível? Inferno, claro que não! Quer dizer que também recebeu uma?
— Também? Então você recebeu?
— O passado vai voltar para assombrá-lo, O'Kelly — Strong recitou de cor.
— A minha era idêntica, apenas no final dizia: "sra. 0'Kelly".
Correndo os dedos, agitado, pelos cabelos fartos, Strong deixou escapar um palavrão. Depois, lançando a Kitty um mudo pedido de desculpa, continuou: — Quando você recebeu a sua?
— Ontem.
— Em casa ou no escritório?
— Aqui, mas só a abri quando cheguei em casa, à noite.
— Que tipo de envelope era?
— Comum, do tipo comercial.
— Você o guardou?
Ela anuiu. ,
— Está em casa.
— Qual o tamanho da mensagem? — Os olhos verdes se estreitaram.
— Era pequena, como os bilhetes que costumavam vir nos biscoitos da sorte chineses.
— Droga! Droga! Droga!
— O que foi?
— Recebi o meu "bilhete da sorte" num envelope de papel manilha, ontem, junto com a fotocópia dos documentos. — Ele voltou a andar de um lado para outro. — Você leu tudo o que lhe entreguei?
Kitty olhou para os papéis que ainda segurava nas mãos.
— Não, tudo não.

— Então leia.
Ela obedeceu. Quando chegou à última página e viu a ameaça rabiscada no verso, todo o sangue fugiu-lhe das faces. Com voz rouca e trêmula, leu alto:
— Melhor casado do que morto? O que significa isso?
— Não estou bem certo — confessou Strong. — Mas você entendeu as ramificações daquilo que o documento contém?
— Acho que sim.
Estendendo a sobre o tampo da escrivaninha, Strong apertou-lhe os dedos da mão direita.
— Fale a verdade. Entendeu ou não? Um forte rubor coloriu as faces de Kitty.
— Não, não entendi. Talvez seja melhor me esclarecer, já que você é o advogado.
— Está bem, vamos direto ao ponto. De alguma forma,
não sei por que, os papéis da anulação do nosso casamento não foram corretamente preenchidos. Trata-se de uma tecnicalidade apenas. Mas as leis deste país e do Estado do Arizona estão cheias de tecnicidades.
— E daí?
— E daí que não sou seu ex-marido, como acabou de me apresentar, Kitty.
— Não? — ela sussurrou, com voz abafada. — Nesse caso...
— Ainda sou seu marido, Kitty. A anulação do nosso casamento não é válida pelas leis do Arizona.
Ela empalideceu, sem poder acreditar.
— Isso significa...
— Que ainda somos casados.

CAPITULO V

Kitty parecia transtornada. Ela estava linda, talvez mais bonita ainda do que aos vinte e dois anos, mas sua fisionomia revelava todo o abalo que a notícia lhe causara.
Talvez devesse ter escolhido outra maneira de comunicar o fato, pensou Strong, e não aparecendo daquele jeito, de repente, sem o menor aviso. Afinal não era um acontecimento corriqueiro uma mulher descobrir que ainda se achava casada com o ex-marido. E isso depois de dez anos...
Como o mal já estava feito, o melhor a fazer era seguir em frente.
Voltou então o olhar para a elegante mulher com quem ainda estava casado.
— Tudo bem com você? — perguntou.

A cor começava a voltar aos poucos às faces pálidas de Kitty.
— Você tem certeza do que disse? — ela respondeu com outra pergunta, os grandes olhos azais arregalados.
— Sobre ainda estarmos casados? Certeza absoluta. Verifiquei tudo pessoalmente.
Sacudindo a cabeça, como se ainda não pudesse acreditar, Kitty comentou:
— Todos esses anos... estivemos casados.
— A coisa é por aí. Marido e mulher, aos olhos da lei.
Agora pode responder à primeira pergunta que lhe fiz? Você está casada com mais alguém, Kitty?
Os lábios carnudos apertaram-se naquela linha obstinada que Strong lembrava tão bem. E só havia um jeito de lidar com Kitty quando esta resolvia fincar pé numa questão, como uma mula. Só que Strong não achava ser aquele o lugar ou a hora para beijá-la até que nenhum dos dois conseguisse pensar em outra coisa a não ser em fazer amor.
— Por que isso é tão importante, afinal? — ela quis saber.
— Bigamia. É crime, você deve saber.
As mãos de Kitty voaram para as faces, enquanto uma exclamação lhe fugia dos lábios:
— Oh, meu Deus!
— E então, está ou não casada?
— Não. Nunca mais me casei.
Uma sensação de alívio invadiu Strong, permitindo-lhe relaxar pela primeira vez.
— E quanto a você? — foi a vez de Kitty perguntar.
— Também não. Fiquei imunizado contra o casamento, se quer saber a verdade. — Depois, franzindo as negras sobrancelhas, acrescentou pensativo: — As coisas tornaram-se mais simples, uma vez que nenhum de nós tornou a se casar.
Kitty passou a ponta da língua sobre os lábios secos.
— Não entendo como isso foi acontecer. Papai cuidou de tudo, na ocasião.
A menção ao pai fez Strong franzir o cenho. Matthew St. Clair não era uma de suas pessoas favoritas. Embora, através dos anos, tivesse acabado por entender o amor do homem pela filha, e seu desejo de protegê-la, principalmente por ser jovem, bonita e inocente.
Além do mais, no caso de Kitty havia um agravante: era herdeira de gerações e gerações de gente de classe, educação

privilegiada e muito dinheiro.
Ele, por sua vez, não passava de um joão-ninguém, nascido numa família pobre, embora orgulhosa. Sua herança era uma rica mistura de sangue americano nativo, espanhol, irlandês e anglo-saxônico. Strong, porém, aprendera do modo mais duro o que era ser julgado com base numa origem tão mesclada.
Afastando as lembranças perturbadoras do passado, voltou então ao assunto que interessava no momento:
— Quem foi o advogado que tratou da anulação?
— Um grande amigo de papai. O coitado morreu o ano passado, de um ataque cardíaco.
Havia uma ponta de escárnio na voz dé Strong, ao replicar:
— Pode ter sido um excelente amigo, mas não foi um bom advogado.
— Todos podemos cometer erros — Kitty saltou em defesa do amigo.
— Bem, esse erro em particular foi monumental. Em tom gelado, Kitty retrucou:
— Nesse caso, temos que tomar as providências necessárias para corrigi-lo.
Ele foi incisivo:
— O que você sugere?
Por um instante, Kitty ficou em silêncio, medindo as palavras.
— Podemos discretamente obter uma anulação real, ou um divórcio, enfim qualquer ação legal capaz de dissolver o nosso casamento.
Strong ocupou-se em arrancar um fiapo imaginário da barra da calça.
— Você está esquecendo um pequeno detalhe.
— Qual?
— Alguém lá fora — ele fez um gesto vago em direção à janela e ao mundo exterior — sabe a respeito desse caso. Alguém que aparentemente não está interessado em que obtenhamos a anulação, ou um divórcio. Pelo menos, foi o que deduzi da ameaça.
Fazendo uma pausa, Strong esperou que a ex-esposa (inferno, ela ainda era sua esposa!) enxergasse a realidade. Arregalando os olhos, ela exclamou:
— Claro! A ameaça... "melhor casado do que morto".
— Exatamente.
— Mas... voltemos ao ponto inicial. Quem poderia ser essa pessoa?
— Não faço a menor ideia.
— E se for uma brincadeira? — ela perguntou, esperançosa.
Strong sacudiu lentamente a cabeça.

— Não faz sentido. Quem fez isso deve ter tido muito trabalho para colocar as mãos nesses documentos. É demais para uma simples brincadeira.
Franzindo a testa, Kitty tratou de seguir outra linha de raciocínio:
— Talvez alguém querendo criar problemas para a minha família.
— Não deixa de ser uma possibilidade.
— Ou uma pessoa movida pela inveja, ou ciúme. Strong refletiu alguns segundos.
— Sim... afinal você é uma mulher bonita, talentosa e dona de uma fortuna considerável. Isso sem dúvida abre espaço para esse tipo de sentimentos negativos em alguém menos dotado.
De repente, uma ideia ocorreu a ela.
— Muffy! — exclamou.
— Quem é Muffy?
— Eleanor Wainwright — Kitty apressou-se a explicar.— Crescemos juntas e estudamos na mesma escola. Ela sempre teve inveja de mim porque eu costumava obter as melhores notas, e os melhores papéis nas peças de teatro na universidade. Sei que parece besteira, mas sempre existiu rivalidade entre nós. — Com os olhos brilhando, concluiu, triunfante: — E, por coincidência, ontem também chegou aqui ao escritório o convite de casamento dela. O terceiro ou quarto, aliás, em menos de dez anos.
Um sorriso irônico curvou a boca bem-feita de Strong.
— Uma dama muito ocupada, pelo jeito.
A voz melodiosa de Kitty endureceu, expressando desprezo:
— Acredite, Muffy Wainwright não é uma dama. Mantém um advogado especialista em divórcios de plantão, e-m sua folha de pagamentos. Deve ser um negócio muito lucrativo para um advogado.
Por alguma estranha razão, Strong viu-se obrigado a sair em defesa própria:
— Não saberia lhe responder. Não aceito casos de divórcio. — Pigarreando, para clarear a garganta, perguntou, seco: — Algum outro suspeito?
— Meu pai pode ter inimigos — Kitty respondeu, com certa relutância.
— Afinal, é o que costuma acontecer com a maioria dos ricos e poderosos, não?
Strong tinha uma expressão de dúvida. — Nesse caso, por que não enviaram as mensagens e os documentos diretamente a ele? Por que a nós? Kitty deu de ombros.

— Não sei.
Na opinião de Strong, nenhuma daquelas hipóteses fazia sentido. Percebendo-lhe a descrença, ela resolveu explorar outro ângulo:
— E quanto a você? Afinal, os documentos e a ameaça foi você quem recebeu. Acaso tem inimigos?
Ele franziu o cenho, ligeiramente aborrecido.
— Todo advogado que se preza acaba fazendo algum inimigo ao longo da carreira.
— Então! Está vendo? — ela exclamou, triunfante.
— Vendo o quê?
— Poderia tratar-se de algum criminoso, que você colocou atrás das grades, e que saiu afinal da prisão, louco para vingar-se.
Com toda a paciência, Strong explicou:
— Não sou criminalista, Kitty. Minha especialidade são causas cíveis. Direito comercial.
O lindo rosto de Kitty expressou desapontamento por ver assim derrubada sua bela teoria. Pouco depois, no entanto, voltou a iluminar-se. Outra ideia lhe ocorrera.
— Quem sabe algum caso de amor que você tenha rompido? Uma mulher rejeitada?
Ele sacudiu a cabeça, entre exasperado e divertido.
— Nem por sombra, posso lhe garantir. As mulheres com quem me relaciono não esperam nada além de um encontro casual.
— E quem garante que uma delas não esteja secretamente apaixonada por você? E essa seria uma forma de chamar sua atenção. — De repente, Kitty bateu na testa — Ah... sua secretária, talvez?
Dessa vez Strong não conseguiu deixar de rir.
— Quem? Mildred? Ela tem idade para ser minha mãe. Ou melhor, minha avó. — Pensativo, ele pôs-se a tamborilar no braço da cadeira. — Sabe, algo que me diz que estamos indo na direção errada. O que precisamos descobrir é quem teria a ganhar com tudo isso. E o que está esperando ganhar. — Os maravilhosos olhos verdes se estreitaram. — Em outras palavras, o motivo. Quem haveria de ter interesse em nos comunicar que continuamos casados? E a querer que permaneçamos assim?
— Que eu saiba, ninguém — Kitty suspirou.
— Há alguma coisa nessa história toda que está nos escapando — resmungou Strong, esfregando o queixo.
— Ou então, que ainda não nos foi comunicada. — Levantando-se, Kitty

foi até a cafeteira elétrica, colocada a um canto do escritório. — Aceita um café?
Com um aceno, Strong recusou, e por um instante ficou a observá-la servir-se da bebida quente, pensativo.
— Essa sua hipótese é interessante — comentou. — Continue.
Com a caneca na mão, Kitty voltou a sentar-se à escrivaninha.
— Até agora, nada faz sentido, concorda? E como um quebra-cabeça, faltando metade das peças.
Ela tinha razão, pensou Strong. De fato, a história não estava completa.
— Sabe, você até que não se sairia mal como advogada — elogiou-a
— Obrigada. — Kitty corou diante do cumprimento, e imediatamente censurou-se por ser tão tola a ponto de deixar-se afetar por palavras amáveis, apenas por terem sido ditas por Strong.
— Este pode ser o primeiro movimento do jogo do nosso adversário secreto, como também pode acontecer de acabar por aqui, e não ouvirmos mais falar a respeito.
— Concordo.
Os olhos verdes a fitaram com intensidade.
— De qualquer forma, é melhor estarmos prevenidos e esperarmos pelo pior. Diga-me uma coisa: sua casa tem um bom sistema de segurança?
— O melhor que existe no mercado.
— Era de se esperar... — Ele sorriu com certa ironia. Afinal, os muito ricos sempre tinham o melhor de tudo. — Bem, este edifício me pareceu muito bem vigiado. Precisei
de muita conversa e exibir três provas de identidade para passar por um tal de Hal, na portaria.
Um sorriso divertido curvou a boca bem-feita de Kitty.
— Hal é muito eficiente. E de toda a confiança. Mas ainda penso que tudo não passa de uma brincadeira idiota, Strong. Alguém está se divertindo às nossas custas. E não gosto nem um pouco de ser feita de boba — concluiu, empinando o queixo delicado, e mais do que nunca assemelhando-se a uma princesa ofendida.
— Ninguém gosta — concordou Strong.
Os olhares de ambos se cruzaram, e se prenderam. De repente, estava tudo lá outra vez, Strong percebeu, abalado, a sensualidade, o desejo, a atração que sempre existira entre eles.
Inferno!, praguejou em silêncio. Tinha tanta certeza de que havia conseguido eliminar Kitty por completo de seu sistema orgânico. Pelo jeito, tratava-se de uma doença incurável...

— E então, qual é sua impressão?
Caindo em si, Strong obrigou-se a prestar atenção ao que Kitty lhe perguntava pela segunda vez.
— Desculpe, eu estava distraído. Minha impressão sobre o quê?
— Se estamos correndo um perigo real? — ela repetiu, impaciente.
— Diabo, como posso saber? Não acredito muito, mas afinal o mundo anda cheio de malucos à solta, matando por motivos fúteis.
— E se entregássemos as mensagens à polícia? Eles não poderiam descobrir alguma coisa?
Strong não ia mentir, apenas para confortá-la, por mais que desejasse fazê-lo.
— Francamente, não creio. Afinal, não há muito em que
eles possam se basear, para investigar. Tudo o que vão fazer é nos aconselhar a aguardar.
— Talvez seja melhor não envolvermos a polícia, por enquanto — ela falou, pensativa. — Se chegar aos ouvidos de algum repórter, desses que rondam as delegacias, vai ser um escândalo. Em vinte e quatro horas estará em todos os jornais e canais de tevê do Estado.
— Pode apostar que sim. — Strong não tinha dúvidas a respeito. A família St. Clair era notícia quente naquele canto do mundo.
— Sabe — murmurou Kitty, quase consigo mesma —, tenho trabalhado duro todos esses anos para construir uma boa reputação como profissional, e não gostaria que nenhum escândalo me atingisse.
De repente, ela não parecia mais a "Princesa" distante, e sim uma mulher comum, preocupada com o futuro e a carreira.
— Esse também não é o tipo de publicidade que um advogado sério e de boa reputação deseja obter — Strong retrucou, secamente.
— Nesse caso, o que podemos fazer?
Por alguns segundos, ele a encarou em silêncio.
— Nada, por enquanto. Vamos manter a coisa entre nós dois, apenas.
O alívio de Kitty foi imenso, mas o raciocínio de Strong já se adiantava, prevendo todas as possibilidades.
— Mesmo assim, não se arrisque, e esteja atenta a tudo, o tempo todo. E me avise se alguma coisa diferente do normal acontecer. Qualquer coisa mesmo, por mais insignificante que lhe pareça. Promete?
Ela engoliu em seco.
— Está bem, prometo — cedeu. — Enquanto isso, imagino que você vá cuidar do nosso... hã... do nosso problema... legal.
— Vou tratar do caso da anulação, sim.

Um pesado silêncio caiu então sobre a sala. Depois, pegando a carteira, Strong tirou seu cartão profissional, que entregou a Kitty, após escrever rapidamente no verso.
— Este é o endereço e telefone do meu escritório em Prescott. Atrás, coloquei o número do hotel onde estou hospedado aqui em Phoenix. Pretendo partir amanhã de manhã.
Levantando-se, Kitty estendeu-lhe a mão.
— Agradeço por ter vindo. — Era sem dúvida uma despedida. — Cuide-se, viu?
— Você também. — Contra a vontade, Strong apertou-lhe a mão. Preferia não tocá-la, já que não confiava o bastante na própria reação ao contato de suas peles. Como esperava, o toque foi magnético, como sempre fora no passado, e ele apressou-se a retirar a mão, como se a tivesse queimado.
— Até logo, Strong — ela falou, igualmente abalada.
— Adiós, querida.
Somente a caminho do elevador, Strong deu-se conta do que havia feito. As palavras de despedida haviam sido as mesmas que dissera a Kitty ao sair de sua vida, dez anos antes.
"Adiós querida" "Adiós querida"... Como um amargo refrão, as palavras ficaram lhe ecoando na mente.
Que inferno, pensou. O passado já tinha voltado para assombrá-lo...
Duas horas mais tarde, ao destrancar a porta do quarto do hotel, depois de um jantar solitário, Strong ainda remoía o passado. Em consequência, seu estado de ânimo não podia ser pior.
Nada havia mudado.
Kitty St. Clair ainda representava caviar e champanha francesa, ao passo que ele não passava de tortillas e cerveja. Guiava um Jaguar, e ele um jipe.
Ela pertencia à elite, ele era um produto de raças disparatadas.
Para piorar ainda mais as coisas, continuava linda, além de sofisticada e elegante. Seus cabelos longos e fartos pareciam seda, assim como a pele, macia como pétalas de rosa. E seu perfume era embriagador...
Tinha esquecido o quanto era delicioso o cheiro dela.
Por um momento, fechando os olhos, Strong permitiu-se imaginar como seria tê-la de novo nos braços, esfregar o rosto nos cabelos sedosos, desabotoar-lhe a blusa e... retirar-lhe o sutiã.
Correria então as mãos pela pele nua e macia e com os lábios buscaria os seios ansiosos por seus beijos, por suas carícias. Com delicadeza,

tomaria entre os dentes um mamilo rijo, e o morderia de leve, lamberia e sugaria até vê-la implorar por mais. Que doce vingança seria ouvi-la gritar seu nome, suplicando para que a possuísse e a levasse ao clímax. Então, só então, ele lhe ergueria os quadris e a penetraria, arremetendo o membro enrijecido na cavidade quente, molhada, e prosseguiria em movimentos rítmicos, cada vez mais fundo e mais rápido, até ambos explodirem num gozo sem limites.
— Droga! — Os pensamentos o haviam deixado excitado como um adolescente, e o sexo rígido clamava pelo alívio físico do desejo.
Jogando o casaco sobre a poltrona e já desabotoando a camisa, Strong dirigiu-se para o banheiro. O que precisava mesmo era de um banho frio. Gelado até, se possível.
Afinal, não era idiota. Nem masoquista. Aquela mulher já o fizera de "gato e sapato" uma vez, deixando-o louco
de paixão, e depois saindo de sua vida, sem olhar para trás.
Isso nunca mais aconteceria. Tinha aprendido a lição, à custa de muito sofrimento. Nem Kitty, nem mulher alguma lhe lançaria as garras, uma segunda vez.
Que fossem todas para o inferno!

CAPITULO VI

Kitty tinha acabado de sair do chuveiro quando o telefone tocou. Enrolando uma toalha em torno do corpo, pegou o telefone sem fio que deixara sobre a penteadeira.
— Alô? — atendeu levemente ofegante, afastando dos olhos uma longa mecha de cabelos molhados.
Uma voz abafada soou do outro lado:
— Kitty?
— É você, Strong?
— *Não*, *minina, num é Strong*. — A voz era de pessoa não educada, de classe baixa.
Kitty ficou tensa.
— Quem está falando?
— *Num interessa ocê sabe*.
— Se não me disser quem é, vou desligar — desafiou Kitty, segurando a toalha sobre os seios.
— *Eu num faria isso, se fosse ocê, garota*. — A ameaça estava claramente implícita. — *Recebeu minha mensagil*
— Que mensagem? — Kitty fez-se de desentendida, procurando ganhar tempo e ver se identificava a voz.

Ouviu-se um som sibilante, asmático, e em seguida a pessoa falou:
— *O passado vai volta pra assombra ocê, sra. 0'Kelly.*
Devagar, Kitty sentou-se no banquinho estofado, em frente à penteadeira.
— O que quer de mim?
A voz, que ela não podia dizer se era masculina ou feminina, respondeu:
— *Logo vai sabe. Si fizé o qui eu manda, ninguém vai fica ferido. Entendeu?*
Trêmula, Kitty respirou fundo.
— Entendi, sim.
— *Costuma lê a Bíblia?*
— Às vezes. — A língua dela parecia ter-se enrolado na boca.
— *O Livro Sagradu diz qui os pecado dos pais vão caí sobre os fius*.
Nervosa, Kitty tentava seguir as palavras do interlocutor, ou interlocutora, já que era impossível identificar-lhe o sexo.
— Como assim?
Fez-se uma curta pausa. Depois, a voz continuou:
— *O'Kelly está mi devendu. E a muita genti.*
— Que tipo de dívida? Ouviu-se uma risadinha abafada.
— *Tudo a seu tempo. Ocê vai acaba sabendo no tempo certo*.
Os olhos de Kitty encheram-se de lágrimas.
— Por favor, deixe-nos em paz.
— *Não posso, minina. Quero o qui é meu por direitu. E ocê vai consegui isso pra mim.*
— Por que eu?
A resposta não foi exatamente uma explicação:
— *Porque ocê é a única qui pode fazê isso.*
Kitty tentava manter-se controlada, mas a coisa estava cada vez mais difícil.
— Não entendo! — exclamou, frustrada.
— *Ocê vai entende já, já. Por inquantu, basta sabe qui é hora de ocê parti pra uma segunda lua-de-mer.*
— Uma segunda lua-de-mel? — Aquilo estava ficando cada vez mais confuso.
— *Ocê ouviu*.
— Mas...
— *Nada de mas.* — Uma pausa e depois, em tom áspero
— *Preste atenção, minina. Quero qui dê um recado a Strong.*
Kitty mordeu tão forte o lábio inferior que acabou por

feri-lo. Com gosto de sangue na boca, respondeu:
— Está bem. Qual é o recado?
— *Diga a Strong qui ele sempre foi um cara de sorte.*
— Ouviu-se em seguida um acesso de tosse. — *Entendeu? Use as palavra qui eu falei, viu?*
— Está bem. Direi a Strong que ele é um cara de sorte
— Kitty repetiu. — Mas o que isso quer dizer?
— *Strong vai intende. Vai acaba discubrindo. E ocê vai está cum ele, quando isso acontece.*
— Não entendo como... — começou a protestar Kitty, quando do outro lado um sonoro "clique" avisou que a ligação fora cortada bruscamente.
Colocando o aparelho de volta sobre a penteadeira, ela ficou algum tempo imóvel, olhando distraída para o espelho. Em seguida, pegando uma escova, pôs-se a desembaraçar as longas mechas molhadas.
Strong. As palavras dele naquela tarde voltaram-lhe à lembrança: "Não corra riscos. Esteja sempre alerta. Avise-me se algo estranho acontecer. Qualquer coisa."
E ela prometera avisar.
Colocando de lado a escova, Kitty correu para o quarto. Pegando a bolsa, despejou o conteúdo sobre a cama.
— Onde diabo pode estar? — resmungou enquanto procurava aflita entre os pertences.
Finalmente localizou a carteira de couro, e dentro desta
o cartão de Strong. No verso estava o número do telefone do hotel em Phoenix.
Jogando-se sobre a cama, Kitty agarrou o telefone da mesa de cabeceira, e apressou-se a discar. Suas mãos tremiam tanto que precisou de duas tentativas para chegar ao fim da discagem. Finalmente conseguiu.
Strong atendeu no terceiro toque.
— Alô? — A voz soou preguiçosa, quase sonolenta. . — Desculpe, eu o acordei?
— Não. Estava deitado assistindo ao telejornal da noite. — Ele recostou-se na cama, ajeitando melhor os travesseiros. — O que aconteceu, Kitty? Sua voz está... estranha. Você está bem?
— Um pouco assustada, talvez, mas acho que estou bem. Dessa vez, Strong sentou-se de um pulo.
— O que houve? — quis saber.
A respiração de Kitty soava ofegante, como se ela tivesse corrido.

— Recebi um telefonema muito estranho.
— Quando?
— Há alguns minutos.
— Quem era?
— Ele... ou ela, não quis dizer.
— Não deu para saber se era homem ou mulher?
— Não. A voz estava camuflada, talvez com um lenço ou algo assim, sobre o bocal. Mas a pessoa, quem quer que fosse, mandou que eu desse um recado... — A voz de Kitty ficou trêmula, e ela precisou esforçar-se para continuar: — ... para você.
— Não chore, Kitty.
— Não estou chorando.
Strong tinha certeza de que estava. Ele sempre fora capaz de captar os mínimos sentimentos dela. Num movimento ágil, pôs-se de pé, estendendo a mão para os jeans.
— Vou para aí agora mesmo. Dê-me o endereço. Kitty obedeceu, tomada de enorme alívio.
— Seu sistema de segurança está ligado?
— Está.
— Só desligue quando tiver certeza de que sou eu à sua porta. Estarei aí em vinte minutos.
— Obrigada, Strong. — A voz falhou quando pronunciou o nome dele.
— Estou a caminho.
Desligando, ele acabou de vestir-se e saiu do hotel. Entrando no jipe que deixara estacionado no pátio, tomou o rumo do bairro onde Kitty morava. Uma onda de fúria impotente dominava-o dos pés à cabeça. A mensagem era para ele, mas o sujeito quisera fazê-la chegar por intermédio de Kitty.
— Filho da mãe! — xingou, os olhos verdes apertados, a expressão sombria.
Katherine St. Clair ainda despertava nele o instinto de proteção, percebeu, enquanto entrava numa rua que cortaria caminho até a casa dela, fazendo-o ganhar preciosos minutos. Ela precisava dele, e, por Deus, ficaria ao lado dela.
Faria o que quer-que fosse preciso para mantê-la a salvo de qualquer ameaça.

CAPITULO VII

Kitty estava espiando pela janela quando _Strong chegou, exatamente quinze minutos depois de haver desligado o telefone.

Saltando do jipe empoeirado, ele bateu a porta do veículo e correu para a entrada da casa.
Nunca na vida Kitty tinha ficado tão feliz com a chegada de alguém!
Rapidamente, ela tratou de digitar o código que desarmava o sistema de segurança e apressou-se em abrir a porta.
As primeiras palavras de Strong ao entrar no hall foram:
— Você parece estar precisando de uma bebida. Eu, pelo menos, tenho certeza de que preciso.
— O bar é ali. — Ela indicou um ponto a um canto do living.
— Tem cerveja?
— Na geladeira. A cozinha fica desse lado. — Virando-se na direção oposta, Kitty conduziu-o até lá.
A cozinha era uma combinação interessante de utensílios modernos e arquitetura de estilo espanhol. O piso e o tampo do balcão de serviço eram revestidos de lajotas mexicanas, ao passo que o teto alto era suportado por vigas de madeira escura.
Os móveis eram autênticos, antigos. A um canto, um enorme armário rústico e, ao centro, mesa e cadeiras igualmente despojadas.
— Sente-se aí e fique quietinha — disse Strong, segurando-a pelos ombros e fazendo-a sentar-se na cadeira mais próxima. — Pode deixar que eu sirvo. —. Abrindo a enorme geladeira, observou o conteúdo. — Vinho branco? — perguntou.
— Por favor — ela aceitou, agradecida. Servindo-lhe um cálice, Strong colocou-o à frente dela, sobre a mesa. Depois, pegando para si mesmo uma lata de cerveja, foi sentar-se ao lado de Kitty.
Durante alguns minutos, limitaram-se a beber, em silêncio, mas não demorou muito e os olhos verdes fitaram os azuis, inquisitivos.
— Podemos falar sobre o que aconteceu?
Ela concordou, baixando o olhar para o delicado cálice de cristal entre os dedos trêmulos.
— A pessoa que telefonou sabia o seu nome?
— Sim. — A voz de Kitty saiu num murmúrio.
— Exatamente como a chamou?
— De Kitty. Outras vezes de menina. E uma vez só, de sra. O'Kelly.

— Você falou que não conseguiu distinguir se era homem ou mulher, não foi?
— Era impossível saber — ela reafirmou, com ênfase.
— Era uma voz de jovem ou de velha?
— De velha, tenho certeza.
Recostando-se na cadeira, e esticando as pernas musculosas, Strong prosseguiu de modo quase profissional:
— Você diria que se tratava de uma pessoa educada? Fina?
— Não, de forma alguma. De fato, a pessoa falava errado, quer dizer, cometia erros de concordância e pronunciava mal as palavras.
Estendendo a mão, Strong deu um tapinha amistoso nela.
— Grande garota! Você daria uma excelente testemunha.
— Em seguida, prosseguiu: — Havia alguma outra coisa, algum ruído na linha, barulho de fundo, que pudesse indicar se a ligação era local ou interurbana?
Fechando os olhos, Kitty puxou pela memória, mas não conseguiu lembrar de nada que pudesse ajudar. Desapontada, sacudiu a cabeça.
— Tudo bem — Strong animou-a.
De repente, as feições expressivas se iluminaram.
— Havia algo de estranho com a respiração dele. Ou dela. Tinha uma espécie de chiado.
Strong franziu o cenho.
— Como um asmático?
— Isso mesmo! — ela respondeu, triunfante.
Antes de continuar, Strong tratou de servir-lhe mais vinho. A bebida tinha ajudado Kitty a relaxar, aliviando-lhe a tensão. Mais tranquila, ela relatou então o telefonema, repetindo, palavra por palavra, toda a conversação.
— Tem certeza de que não esqueceu de nada? — ele perguntou, quando Kitty se calou.
Ela franziu as delicadas sobrancelhas.
— Deixe-me ver.. — Começou então a contar nos dedos.
— As partes mais importantes foram: primeiro, algo sobre os pecados dos pais recaírem sobre os filhos; segundo, a pessoa falou: O'Kelly está me devendo; terceiro, que talvez fosse hora de partirmos para uma segunda lua-de-mel; e por último, mandou que eu lhe dissesse que você é um cara de sorte.
— Um cara de sorte..
— Perguntei o que queria dizer com isso, mas a única resposta foi:

Strong vai saber.
— Bem, acontece que não sei — ele resmungou por entre os dentes.
— Quem quer que fosse, parecia acreditar que você acabaria descobrindo. — A voz de Kitty acusava todo o seu cansaço. — E eu devo estar junto quando isso acontecer.
— Eu poderia estrangular o desgraçado por envolver você nessa história! — A lata vazia de cerveja foi esmagada com violência entre os dedos masculinos. — Sinto muito, Kitty. Sinto de verdade.
— Você não precisa se desculpar. A culpa não é sua.
— Quero que saiba que vou cuidar disso — ele prometeu em tom intenso, duro. — Não precisa se preocupar com coisa alguma.
— Eu não estou preocupada. — Bem, talvez isso não fosse exatamente verdade, mas Strong não precisava saber, precisava? Dando de ombros, ela tentou falar em tom leve, quase indiferente: — Acho que agora podemos deixar Muffy Wainwright fora disso, não?
— Acho que sim. — Os olhos verdes a fitaram, preocupados. — Você parece cansada. Por que não vai deitar e tentar dormir um pouco? — Empurrando para trás a cadeira, Strong pôs-se de pé.
— Antes vou acompanhá-lo até a porta.
— Não é preciso.
— Mas...
— Eu não vou embora, Kitty — ele cortou, incisivo. — Vou ficar aqui esta noite. Não se sente mais tranquila assim?
Kitty abriu a boca para responder, mas fechou-a em seguida. Como responder sim e não à mesma pergunta?
— E então? — Strong pressionou-a.
— Sim — respondeu, afinal. — O quarto de hóspedes é por aqui. A cama já está arrumada, e há toalhas limpas no banheiro ao lado. Vai encontrar tudo de que possa precisar, para a sua toalete, no armário sob a pia.
— Relaxe, Kitty. Você não precisa bancar a anfitriã perfeita comigo. Sei me cuidar.
Não havia mais o que dizer a não ser "boa noite", e foi o que Kitty fez, sentindo-se estranhamente protegida.
Apagando as luzes do quarto de hóspedes, Strong despiu-se, ficando apenas com à calça jeans. Aproximou-se então da janela e, afastando as cortinas, ficou olhando para o jardim repleto de árvores exóticas, palmeiras e canteiros de flores luxuriantes. A lua cheia brilhava no céu estrelado, coisa que até então nem havia notado.

De repente, um vulto quase etéreo apareceu numa das alamedas. Kitty vestia um penhoar branco comprido e diáfano, e seus longos cabelos caíam soltos sobre os ombros. Para sair de casa, com certeza devia ter desligado o sistema de segurança da porta dos fundos.
Abrindo a porta-janela de correr, Strong saiu para a varanda que rodeava toda a casa. Era uma daquelas perfeitas noites de primavera no Arizona, quente e silenciosa, com milhões de estrelas cintilando no céu, e a silhueta escura das montanhas destacando-se na distância.
O inebriante perfume das roseiras selvagens, buganvílias e flores de laranjeira enchia o ar noturno, fazendo Strong se recordar de outra noite, em outros tempos, onde a fragrância das laranjeiras em botão também perfumava o ar...
Como um de seus ancestrais nativos, ele deslizou sem ruído pela alameda.
Ele não era idiota. Nem masoquista. Mas a curiosidade, principalmente quando de origem sexual, tornava-se uma força poderosa.
Descalço, em silêncio, aproximou-se da figura vestida de branco.
— Sempre gostei do perfume das flores de laranjeira — disse Kitty, sem se voltar.
Ela não podia tê-lo ouvido chegar, mas de alguma forma havia lhe pressentido a presença. Intrigado, Strong perguntou a si mesmo o que lhe teria denunciado a aproximação.
— Lembro-me de que você disse isso no primeiro encontro que tivemos — ele respondeu, afinal.
Kitty voltou-se para encará-lo.
— Eu fiz isso?
Sacudindo a cabeça em afirmação, Strong sorriu ao falar:
— Que noite aquela...
— Uma noite como nenhuma outra — foi a doce-amarga confissão.
Com delicadeza, ele pousou um dedo sobre os lábios carnudos de Kitty.
— Você se lembra da primeira vez em que fizemos amor? Ela estremeceu.
— Sim. — A voz saiu rouca, pouco firme.
Strong traçou o contorno da boca sensual, primeiro o lábio superior, depois, mais devagar e de modo mais deliberado, o inferior.
— Você era tão doce, tão encantadora... — murmurou.
— Estava nervosa — ela confessou.
— Um pouco. E eu também.
— Mas você parecia tão seguro de si, tão confiante.

— As aparências muitas vezes enganam.
— É, acredito que sim.
Havia um significado oculto sob as palavras e ambos sabiam disso. Na realidade, Strong tinha apenas dezessete anos na primeira vez em que haviam feito amor, mas aparentava muito mais, sendo amadurecido para a idade, experiente. Ela, apesar de seus vinte e dois anos, em matéria de sexo não passava de uma garotinha ingênua, quase uma criança.
Fitando-a intensamente, ele perguntou:
— Lembra-se da semana que passamos na Casa de Pedra? A resposta mais pareceu um suspiro.
— Sim.
O sangue estava se transformando em fogo líquido nas veias de Strong, mas ele não se importou, assim como ignorou os sinais de aviso representados pelo suor em sua testa e pela rigidez do membro viril.
— Alguma vez você ficou imaginando?
— Imaginando o quê?
— Se tinha sido tão bom quanto você se lembrava? — A mão dele escorregou para a garganta de Kitty, onde uma veia pulsava loucamente.
Katherine St. Clair não era imune à atração entre ambos, assim como ele. Ainda existia alguma coisa entre ambos. Uma força poderosa, primitiva, que os atraía um para o outro.
— Nós éramos muito jovens. E loucos. — Ela sacudiu a cabeça, como que para afastar as lembranças. — Pensávamos estar apaixonados.
Strong foi direto ao ponto:
— Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, doçura.
— Não faça isso, Strong... — ela implorou.
— Isso o quê?
— Não me torture. Não torture a si mesmo. Vamos deixar o passado onde está, morto e enterrado.
— É muito tarde para isso — ele lembrou-a, incisivo.
— Alguém já se encarregou de ressuscitá-lo dentre os mortos. —
Fitando o rosto lindo, iluminado pelo luar, continuou:
— Eu costumava ficar acordado muitas vezes, dizendo a mim mesmo que você não podia ser tão perfeita quanto a minha mente afirmava.
— Oh, Deus...
— Eu sonhava com você noite após noite. E acordava banhado em suor, todo o meu corpo doendo, clamando por você, desejando possuí-la.
Ele sentiu-a prender a respiração e depois soltá-la lentamente.

— Por favor... — A voz tremia tanto que as palavras mal eram audíveis.
— Por favor, me deixe em paz.
— É isso mesmo que você quer? — Stfong insistiu, impiedoso.
Sacudindo a cabeça, Kitty agarrou os braços dele, enterrando as unhas na carne rija.
— Não. Quero que você me beije. Por favor! Abraçando-a pela cintura, Strong atraiu-a para junto do
corpo másculo. Apenas o penhoar de tecido diáfano os separavam. Ele podia sentir a maciez dos seios fartos, o enrijecimento dos mamilos de encontro a seu peito, o calor úmido na junção das coxas roliças.
— O passado não existe. Nem o futuro. Só o presente. Só este momento — ele afirmou, colando os lábios nos dela.

CAPITULO VIII

Foi como da primeira vez. Bastou que Strong a beijasse e ela já não era mais um ser racional, inteligente, maduro. Um único beijo e, no espaço de um batimento cardíaco, Kitty tornou-se de novo a garota impressionável, vulnerável, ingênua, de dez anos atrás.
As mãos dele (oh, céus, aquelas mãos fortes e gentis ao mesmo tempo) estavam em sua cintura, estreitando-a de encontro ao corpo musculoso. Contudo, não havia gentileza ou suavidade na forma como a boca masculina se movia sobre a dela. Não, ao contrário, havia exigência, ímpeto, possessividade. Os lábios de Strong subjugavam, dominavam. Rapidamente, Kitty sentiu-se inflamar, arder de paixão, excitada e assustada ao mesmo tempo. Um tremor de desejo sexual sacudiu-a dos pés à cabeça. Todos os nervos de seu corpo respondiam ao comando da paixão. A pele macia queimava, sensível ao menor toque. Os seios empinaram-se, intumescidos, oferecendo os mamilos às carícias das mãos e da boca masculina. Tudo em que Kitty conseguia pensar era nos lábios, dentes e língua de Strong a sugar, morder e lamber os bicos enrijecidos.
Joelhos enfraquecidos, sangue fervendo nas veias, olhos enevoados de desejo, Kitty estava perdida num mar de sensualidade, de sensações delirantes, havia muito esquecidas.
Trêmula, mal conseguia respirar. Strong a enfeitiçava, seduzia, como da primeira vez.
Agarrava-se aos ombros vigorosos, embora ao mesmo tempo desejasse empurrá-lo para longe. Queria entrar dentro dele, dentro de seu coração, de sua alma. E por outro lado, desejava nunca mais tê-lo encontrado. Strong era tudo em sua vida. E ela não queria nada com ele.

Fora assim que se sentira aos vinte e dois anos. E era assim que continuava a sentir aos trinta e dois.
Nada havia mudado.
Aquele homem era um perigo. E ela estava em suas mãos.
— Droga, Strong! — gritou, meio em agonia, meio em êxtase.
— Droga digo eu, Kitty! — ele resmungou, os dedos rodeando-lhe de leve o pescoço macio. — Eu devia ter imaginado que isso ia acontecer. Não consigo manter as mãos longe de você.
— Nunca conseguiu, aliás.
— Nem você de mim — ele devolveu o desafio.
O pior era que Strong tinha razão. Ela sempre tinha adorado tocá-lo, sentir-lhe a rigidez dos músculos poderosos, os duros planos e ângulos, a textura da pele, dos cabelos fartos e macios, a aspereza da barba por fazer, a suavidade dos pêlos crespos onde se aninhava o membro viril. Strong sempre a fascinara. Nunca se cansava de olhá-lo, de beijá-lo, de fazer amor com ele.
E desejava beijá-lo agora. Com uma exclamação abafada de impaciência, Kitty pôs-se na ponta dos pés e apoiou as mãos nos ombros largos e vigorosos. Do corpo atlético emanava um odor de limpeza e masculinidade. Strong cheirava a sabonete, os cabelos ainda úmidos do banho recém-toma-do.
Ela sempre adorara o perfume e o gosto daquela pele quente e nua. Com um leve suspiro, Kitty esfregou a boca na dele. A ponta de sua língua molhou os lábios masculinos, deslizando entre eles.
Strong gemeu alto. Seus braços estreitaram-se ainda com mais força, suas mãos pressionando as nádegas macias até fazê-la sentir a rigidez do membro viril de encontro às coxas macias. Seu corpo reagia ao menor movimento de Kitty, enrijecendo-se e latejando dentro do jeans apertado.
Encorajada, ela penetrou-lhe ousadamente a boca com a língua, explorando-a com avidez. Sua recompensa foi vê-lo estremecer, e descobrir que ainda detinha o poder de deixá-lo louco de paixão, de desejo.
Nesse ponto, Strong resolveu assumir o controle da situação. Mergulhou a língua entre os lábios carnudos que se abriam para recebê-la, invadindo, tomando posse do interior aveludado. Era como um vendaval, um furacão dos trópicos, envolvendo-a e arremessando-a ao espaço sem fim.
Vagamente, Kitty teve consciência de que ele lhe abria o robe, fazendo-a

deslizar pelos ombros e braços até cair num monte suave de tecido a seus pés.
Os olhos verdes percorreram devagar o lindo corpo que se oferecia à sua apreciação. A luz do luar revelava com clareza os seios alvos, com bicos tenros e rosados. Diante do olhar masculino, os mamilos começaram a enrijecer, a escurecer, os seios ficaram túrgidos e arfantes. Kitty fez menção de cobrir-se, de ocultar a nudez, mas ele a impediu.
— Não faça isso. Quero olhar para você. — A voz de Strong soou rouca e abafada.
Ela não soube o que dizer, a não ser um sussurrado:
— Também quero ver você.
A perfeição das coxas musculosas e dos quadris estreitos era evidente mesmo sob o tecido do jeans. Havia uma perfeita harmonia em relação ao peito largo e aos braços e ombros vigorosos. O estômago plano, sem um grama de
gordura, enfatizava a nuvem de pêlos escuros que lhe cobria o peito, estreitando-se até desaparecer por sob o cós da calça.
— Quero tocar você — acrescentou Kitty, correndo as pontas dos dedos atrevidos ao longo do estômago chato e rijo, descendo depois em direção à virilha."
Num gemido rouco, ele exclamou:
— Oh, Kitty, eu quero tocá-la também! Preciso tocá-la. Juntando o gesto às palavras, ele cobriu-lhe os seios com
as mãos, sustentando-lhes o peso nas palmas, enquanto os polegares acariciavam os mamilos rosados. Depois, prendendo-os entre o polegar e o indicador, beliscou-os eroticamente.
Inclinando a cabeça para trás, Kitty projetou o tronco para a frente, gemendo de prazer.
Strong então baixou a cabeça e passou a ponta da língua sobre os bicos endurecidos. Depois mordiscou-os, acariciou-os com os lábios e a língua, brincando com eles, deixando Kitty alucinada.
— Eu não... aguento... mais — ela gemeu, o corpo todo estremecendo de paixão.
Finalmente, Strong cedeu às súplicas de Kitty, tomando o mamilo dentro da boca e começando a sugá-lo, a princípio devagar e depois mais forte, e mais fundo.
Que loucura, pensou Kitty, desesperada. Ela só percebeu que externava em voz alta o pensamento quando ele afastou um segundo os lábios do seio para murmurar, rouco:

— Tudo foi loucura desde o início, entre nós. — Enquanto a boca ávida se apossava do outro mamilo, as mãos fortes percorriam todos os contornos do corpo perfeito, escultural, desde os ombros macios, à cintura esbelta, os quadris generosos, as nádegas firmes, deliciosamente empinadas. Depois, escorregando para a frente, os dedos ousados vieram tocar o sexo úmido e quente, acariciando o botão sensível, intumescido de prazer.
— Strong... — Kitty balbuciou, tremula, agarrando-se à cintura do jeans dele, receando que as pernas não mais a sustentassem.
Ele ergueu a cabeça do seio que até então não deixara de sugar, de lamber, de mordiscar. Os olhos verdes brilhavam como esmeraldas.
— Gosta disso, amor?
Ela não conseguia falar. Nem mesmo pensar.
Delicadamente, ele enfiou o dedo indicador na quente cavidade. A resposta natural do corpo feminino lhe molhou a mão, levando-a a mergulhar o dedo cada vez mais fundo, ao mesmo tempo em que o polegar friccionava o ponto mais sensível. Por fim, todo o corpo de Kitty estremeceu, e seu suave grito de prazer ecoou na noite silenciosa.
No mesmo instante, os lábios de Strong cobriram os dela, sorvendo-lhe os gemidos provocados pelo orgasmo alucinado. Ao mesmo tempo, ele perdeu o férreo controle que vinha exercendo sobre si mesmo, e explodiu num gozo sem limites.
Foi exatamente como da primeira vez, no banco do carro. Strong a havia tocado, acariciado, e ela atingira o clímax. Dez anos antes, Kitty inocentemente esfregara seu corpo no dele, fazendo-o explodir como um bastão de dinamite.
— Parece que nada mudou — Kitty murmurou ofegante, a mente vazia, o corpo esgotado. Nem sequer tinha forças para erguer a cabeça do ombro de Strong.
— Algumas coisas nunca mudam — ele concordou, com uma risadinha autodepreciativa. — Eu perco por completo o controle quando se trata de você, garota. Sempre foi assim. E acho que sempre vai ser.
Depois, inclinando-se, pegou o penhoar de Kitty do chão e começou a vesti-la, como a uma criança.
— Deixe que eu faço isso — ela protestou, mas seus dedos trêmulos e desajeitados não conseguiram levar a cabo a tarefa. Afinal, foi Strong quem acabou por cobrir-lhe de novo a nudez.
Por alguns minutos, ambos permaneceram em silêncio. O luar iluminava as feições atraentes de Strong, seus cabelos escuros, e fazia brilhar as

gotículas de suor em seu peito. Ele não fez o menor esforço para cobrir a reveladora mancha na frente do jeans.
— Eu não pretendia que isso acontecesse — falou, afinal, dando de ombros.
Kitty focalizou o olhar num ponto logo acima do ombro direito dele, onde as folhas de uma palmeira ondulavam à brisa noturna.
— Nem eu.
— Você está bem? — Strong não tentou aproximar-se dela dessa vez.
Como responder a essa perguntai
Ela havia acabado de permitir a seu ex-marido (por todas as suas intenções e propósitos era isso que Strong representava a seus olhos) incríveis intimidades. Como uma mulher carente de afeição, ela o beijara. E o tocara como uma fêmea ansiosa por sexo. E permitira que ele a beijasse, acariciasse, despisse, tocasse, levando-a a um clímax alucinante.
O que poderia responder nesse caso?
Parada na frente dele, com o robe transparente mal lhe cobrindo a nudez, a umidade do sexo traindo-lhe o gozo, os seios túrgidos, os mamilos rijos ainda molhados dos beijos, as pernas bambas, Kitty pensou que a pergunta era ridícula, naquelas circunstâncias. Afinal, acabou respondendo da única maneira possível. Com uma mentira.
— Estou ótima. E você?
Strong riu, sarcástico, jogando a cabeça para trás.
— O que você acha? Depois de dez anos, acabo de descobrir que ainda não consigo manter as mãos longe de você. Que você ainda tem o poder de me deixar louco de paixão, a ponto de explodir de gozo, dentro da calça, como um adolescente superexcitado. Oh, sim. Estou ótimo, também
— concluiu, zangado.
— Sinto muito.
— Sente muito o quê? — ele quis saber. — O que acabamos de fazer?
Kitty tentou manter a calma diante da zanga de Strong.
— Não, não lamento o que aconteceu. Foi você mesmo que disse que não existia passado, nem futuro. Só o presente. Portanto, não adianta ficar zangado agora. Não seja tão duro consigo mesmo. Afinal, demos prazer um ao outro, não demos? Sugiro que consideremos o fato como uma experiência agradável e tratemos de ir dormir. Os dois últimos dias foram extenuantes para mim.
— Está bem — ele concordou, recuperando o bom humor.

— Vamos para a cama.
Não foi a maneira como Strong falou e sim a expressão dos olhos verdes que fez Kitty entender que ele queria dizer "para a cama juntos".
— Não — respondeu então, simplesmente.
— Sim.
— Não podemos. Não é direito.
— Claro que é direito. Somos casados.- Kitty encarou-o com firmeza.
— Mas não por muito tempo. — Depois acrescentou:
— Podemos nos arrepender depois, pela manhã. Ele riu, divertido.
— Fale por si mesma.
Decidindo usar outro tipo de argumento, Kitty insistiu:
— Você sabe, tão bem quanto eu, que não é razoável nos envolvermos de novo um com o outro nesse ponto das nossas vidas.
Strong encolheu os ombros, indiferente.
— E desde quando fomos razoáveis, no que diz respeito à atração sexual entre nós?
Ela encarou-o com ar de censura.
— E esse foi o nosso problema. Cedendo apenas um pouco, Strong afirmou:
— Katherine St. Clair, você sempre conseguiu me deixar louco.
Com as mãos nos quadris, ela replicou:
— Você também. Desde o primeiro dia. Mas não vai conseguir me seduzir de novo, Carlos Michael Strongarm O'Kelly. Não sou mais aquela garotinha ingênua que você seduziu dez anos atrás. Agora estou mais velha e mais esperta.
— Mais velha e mais esperta, é? E como explica o que acabou de acontecer neste jardim?
Kitty ficou vermelha até as orelhas.
— Boa noite, Strong — foi tudo o que conseguiu dizer. Ele ficou parado, vendo a afastar- se em direção às portas
de vidro que conduziam ao quarto.
—Buenas noches, doçura — Kitty ainda ouviu a profunda voz masculina dizer, quando ia fechar a porta-janela.
— Doces sonhos para você, Strong — falou então, com suavidade, por sobre o ombro.
Doces sonhos uma ova! Durante a maior parte da noite,
Strong virou e revirou na cama, sem poder conciliar o sono. Estava quase alvorecendo quando, afinal, adormeceu, a mente povoada de sonhos agitados, repletos de rostos de passado, erros do passado.

As palavras rodopiavam em seu subconsciente: "O passado vai voltar para assombrá-lo, O'Kelly. É melhor estar casado do que morto. Os pecados dos pais cairão sobre os filhos. 0'Kelly, você está me devendo. E a muitas outras pessoas. Talvez seja a hora de vocês seguirem para uma segunda lua-de-mel. Diga a Strong que ele sempre foi um cara de sorte".
Já era dia claro quando acordou, sentando-se na cama. Alguma coisa acabara de voltar-lhe à mente. Algo que Kitty dissera na noite anterior. Algo que alguém lhe dissera havia muitos anos.
Alguém estava jogando com ele, e não gostava nem um pouco disso. Precisava explicar a Kitty a ideia que lhe ocorrera e fazê-la entender o motivo pelo qual teriam de voltar às montanhas, e à Casa de Pedra. As respostas encontravam-se lá. Lá estava a solução do enigma. E para descobri-la, chegara a hora de partir para uma segunda lua-de-mel.

CAPITULO IX

- Você quer que eu faça o que? — Kitty explodiu na manhã seguinte, assim que Strong começou a informá-la de seus planos.
— Se ao menos me permitisse explicar... — Com seu melhor tom de advogado no tribunal, fez com que ela parecesse pouco razoável, embora, na opinião de Kitty, fosse Strong quem perdera o juízo.
Impaciente, ela pôs-se a andar de um lado para outro, no espaçoso living, indo deter-se finalmente diante de uma das largas janelas que davam para o vale.
— Quando foi que essa brilhante ideia lhe ocorreu? — perguntou, fitando-o com ar meio desconfiado.
— Em algum momento dessa noite. — Strong tomou um gole de café e reconsiderou: — Melhor dizendo, foi logo cedo, pela manhã.
— E o que foi que lhe deu essa ideia? Ele pigarreou para clarear a voz.
— Você quer saber qual foi a fonte inspiradora?
— Exatamente.
Um sorriso malicioso curvou os lábios dele.
— Para falar a verdade, foi você.
— Eu? — Irritada, Kitty bateu o pé no chão de tábuas largas. — O que quer dizer com isso?
— Seus seios — Strong resumiu.
— Meus seios? — A irritação mesclou-se com perplexidade.
Ele anuiu, animado, enquanto colocava a xícara sobre a mesa.
— Acontece que eu estava pensando nos seus seios, no adorável formato deles e na maneira como os mamilos se endurecem quando...

Kitty ergueu uma das mãos, fazendo-o calar-se.
— E assim que trabalha a mente de um supostamente brilhante e promissor advogado?
— Não — ele replicou —, esta é a maneira como funciona a mente de um homem sexualmente frustrado."
— Francamente, Strong, você quer falar sério? Enfiando as mãos nos bolsos do jeans, ele veio plantar-se na frente dela.
— Falando sério, tive um palpite. Uma pista, se assim preferir. — Os olhos verdes fitaram os azuis, desafiadores. — Faça um esforço, e tente seguir a minha linha de raciocínio.
Kitty mordeu a língua, para impedir uma resposta desaforada.
— Vou tentar — falou, por entre os dentes.
— Depois que nos separamos, a noite passada, descobri que tinha perdido o sono. Assim, comecei a tecer fantasias a respeito de... alguns dos seus atributos e... talentos.
Ela ergueu uma sobrancelha.
— Comportamento perfeitamente jurídico — falou, em tom seco.
Como se não tivesse havido interrupção, Strong prosseguiu, inabalável:
— A imagem seguinte a me ocorrer foram montanhas.
— Presumo que deva tomar isso como um elogio — Kitty comentou, ainda mais secamente.
— Claro. Mas, como eu ia dizendo, depois devo ter cochilado, porque as imagens de que me recordo são desconexas, não mais que rápidos clarões: um rosto, uma impressão, uma ou duas palavras.
Ela entendeu o que Strong queria explicar.
— Foi um sonho...
A expressão dos olhos verdes tornou-se distante, como que rebuscando na memória.
— Quando acordei, lembrei-me de uma ocasião em que estive no alto de uma montanha com minha bisavó navajo. Mulher Arco-íris era muito velha na ocasião, e havia um lugar favorito que ela desejava rever antes de morrer.
De repente, sem que ela pudesse impedir, os olhos de Kitty ficaram marejados.
— Começou a chover — Strong continuou relatando o sonho. — Então o sol rompeu por trás das nuvens e um arco-íris apareceu no horizonte. Sentamos juntos numa rocha e ficamos a observá-lo. Minha bisavó parecia muito contente.
— Que idade você tinha, no sonho?

— Sete. Talvez oito.
— Sua bisavó deve ter sido uma mulher extraordinária — Kitty falou, com respeito.
— E foi. — Os belos olhos verdes tornaram-se de novo alertas, e a voz de Strong perdeu o tom reminiscente: — Aquele acabou sendo o último dia que passamos juntos, sozinhos. Ela morreu pouco tempo depois.
— Sinto muito.
Ele encolheu os ombros filosoficamente.
— Assim é a vida. Nascemos, vivemos, morremos. De qualquer forma, a lembrança provocou outra, a daquele velho bandido, Michael O'Kelly. Kitty escutava com toda a atenção.
— Seu avô paterno? Aquele de quem você herdou a Casa de Pedra?
— Esse mesmo — Strong sorriu, indulgente. Relembrando as fascinantes histórias que ele lhe contara
sobre o velho irlandês, Kitty retribuiu o sorriso.
— Ele também era uma figura sensacional, não era?
— Para dizer o mínimo. — As belas feições de Strong franziram-se numa careta. — Vovô tinha o dom de passar qualquer conversa nos outros. Era capaz de vender sorvete? para os esquimós.
— Imagino que isso explique o seu... o seu... — Kitty fez um gesto com as mãos, incapaz de encontrar as palavras certas.
— O meu incrível charme irlandês? — ajudou.
— E, o seu incrível charme irlandês. — Havia mais do que simples divertimento na voz dela.
— Achei que era isso mesmo que você queria dizer. Sabiamente, Kitty mudou de assunto:
— Esse seu avô era um mineiro, não?
— Era. Naquela época, a maioria dos mineiros vinha da Irlanda para trabalhar nas minas de cobre em Bisbee. Mas isso não era para Michael O'Kelly. Ele procurava pelo pote de ouro no fim do arco-íris.
— Um sonhador.
— O maior de todos. — Strong deu de ombros. — Vovô acreditava em cada lenda, em cada lorota que ouvia contar sobre tesouros em jóias e moedas, roubados dos galeões espanhóis e enterrados em lugares absurdos, rios de prata correndo das montanhas do Arizona até o golfo do México, e até mesmo na lenda do inesgotável veio de ouro da Mina do Holandês Perdido, em algum lugar daqueles picos distantes — concluiu, apontando para as montanhas Superstitions, visíveis no horizonte.

— Ainda há turistas e caçadores de fortuna que se perdem todos os anos nas Superstitions — comentou Kitty. — Sempre haverá pessoas à procura do pote de ouro no fim do arco-íris.
— Vovô sem dúvida foi uma delas.
— E ele acabou desistindo, afinal? Strong sacudiu a cabeça.
— Foi para Prescott, conheceu minha avó e casou-se com ela. Foram morar numa velha cabana de pedra que no passado tinha sido uma parada de diligências.
— A Casa de Pedra.
— E continuou procurando o arco-íris até o dia em que morreu.
— Isso foi um ano antes de nos conhecermos.
— Exatamente.
Sabendo que havia um propósito em toda aquela conversa, Kitty esperou pela continuação.
— Foi então que eu me lembrei! — declarou Strong, triunfante. — Devia estar no meu subconsciente todo o tempo. — Pegando a xícara, ele tomou um grande gole de café.
A excitação de Kitty crescia a olhos vistos.
— E então... — incitou-o.
— Eu não pensava nisso há anos, mas uma coisa que o seu interlocutor misterioso falou deve ter agido como catalisador.
Kitty fervia de curiosidade.
— E o que foi?
— Diga a Strong que ele sempre foi um cara de sorte. Ela bateu palmas, deliciada.
— Bem que a pessoa disse que você ia adivinhar. Conte-me. — O suspense crescia a cada instante. — O que quer dizer isso?
Os fascinantes olhos verdes brilharam.
— Há uma velha cidade-fantasma nas montanhas, perto de Prescott e da Casa de Pedra.
— O nome da cidade é Cara de Sorte.
— Não posso acreditar que deixei você me convencer a participar dessa loucura — Kitty ainda estava resmungando horas depois, enquanto Strong colocava a sacola de viagem dela na traseira do jipe.
— E só por uma semana — ele repetiu, conciliador, pela enésima vez. — As respostas do quebra-cabeça estão lá. Só temos que encontrá-las.
Kitty não podia deixar de reconhecer que Strong tinha razão. Ainda assim...
— Acontece que eu sou uma profissional de sucesso, com um negócio

bem-sucedido para cuidar — relembrou-o.
— Pensei que a sua secretária fosse uma mulher competente.
— E é.
— Então, deixe-a dirigir as coisas. Kitty suspirou fundo.
— Não vai ser a mesma coisa.
Num gesto displicente, Strong enganchou um dos polegares sob o cinto de couro que lhe prendia o jeans e encarou-a.
— Que diabo você faz com o seu negócio bem-sucedido quando deseja sair de férias?
— Eu nunca saio de férias.
— Nesse caso, eu diria que está mais que na hora de fazer isso.
Ela fitou-o por trás dos óculos escuros de uma *griffe* famosa e resistiu à tentação de mostrar-lhe a língua.
— E quando foi a última vez que você tirou férias, senhor advogado?
— É diferente — ele resmungou, mas diante do ar irónico de Kitty, acrescentou: — Está bem, admito que já faz algum tempo. E agora, podemos ir?
Ela anuiu graciosamente e tratou de subir no jipe. Só então Strong reparou na grande sacola que ela trazia ao ombro.
— O que é isso?
— *"Isso"* são as minhas câmeras, lentes, filmes. Meu equipamento fotográfico.
Ele deu risada, sacudindo a cabeça com indulgência.
— Pelo jeito, você continua com a mania de andar com uma câmera no pescoço.
— Gosto de estar preparada. Nunca se sabe quando a próxima grande foto vai surgir na sua frente. Por isso, levo sempre uma câmera comigo.
Strong deu partida no veículo e manobrou para sair da entrada de carros. Depois, puxou o chapéu de vaqueiro para a testa e falou, com a fisionomia impassível:
— É bom eu me lembrar disso quando tirar a roupa e for nu para o banheiro tomar banho.

CAPÍTULO X

Antes de abrir a porta do seu escritório, Strong abaixou a voz e confidenciou:
— Não se preocupe com Mildred. Ela é um encanto, e um modelo de discrição.
Jogando para trás os longos cabelos, que voltara a usar soltos nos ombros por alguma razão desconhecida, Kitty comentou:

— Ah, a famosa Mildred, sua inigualável secretária e braço direito. Aquela que, segundo me recordo, você disse ter idade para ser sua mãe.
— Na verdade, falei que ela tem idade para ser minha avó. O que pode ter sido um leve exagero.
Os olhos de Kitty estreitaram-se por trás dos óculos escuros. Empurrando-os para o alto da cabeça, perguntou, desconfiada:
— O que você entende por "leve exagero"?
O belo homem a seu lado exibiu os dentes muito brancos num sorriso que o tornava ainda mais devastador.
— Não me diga que está com ciúmes?
— Não seja ridículo — ela contestou com toda a compostura que conseguiu juntar. Não esperava que Strong fosse capaz de ler sua mente com tanta facilidade. — Há quanto tempo Mildred trabalha com você?
— Há cerca de um ano. — Inclinando-se, ele tornou-lhe o queixo entre as mãos e beijou-a ardentemente nos lábios, deixando-a sem fôlego. — Antes disso, era secretária de Clarence Martin e seu braço direito por mais de trinta anos. — Strong apontou o nome junto ao seu, na porta, e abrindo-a, saudou alegremente: — Oi, Mildred, todo bem com você?
Uma senhora de cabelos grisalhos, ar matronal, ergueu os olhos do trabalho que estava executando e, sem preâmbulos, disparou:
— Há uma dúzia de recados telefônicos urgentes sobre a sua mesa e uma pilha de cartas que precisam ser examinadas antes das cinco horas. O juiz Peterson quer vê-lo logo cedo na terça-feira de manhã, no gabinete dele. A sra. Lund telefonou. Ela e o prefeito o esperam para jantar na quinta. — Finalmente, Mildred parou para tomar fôlego, e com um brilho malicioso nos olhos vivos, concluiu: — Eu vou muito bem, obrigada. E você, Strong?
O jovem advogado fez um gesto indicando que tudo estava perfeito e depois tratou de apresentar as duas mulheres uma à outra.
Depois das costumeiras amabilidades, ele lançou um olhar à porta de sua sala, e voltou-se para Kitty:
— Você me daria uma hora para lidar com o trabalho mais urgente?
— Claro. Leve o tempo que precisar — ela concordou. Como filha de Matthew St. Clair, e sendo também uma profissional responsável, Kitty entendia a importância do trabalho antes do prazer.
— Obrigado, doçura. — Inclinando-se, Strong deu um beijo rápido nos

lábios sensuais de Kitty. — Prometo não demorar mais do que o necessário.
Observando-o desaparecer pela porta de comunicação, Kitty ficou pensando que precisava ter uma conversa com Strong sobre o hábito que ele estava adquirindo de beijá-la a todo o instante, com ar de proprietário, além de tratá-la por nomes carinhosos.
— Katherine St. Clair — repetiu Mildred, pondo-se de pé e vindo postar-se, com os ombros eretos, em frente à escrivaninha. — Por acaso é da família St. Clair de Phoenix e Palm Springs?
Suspirando, Kitty admitiu:
— Por acaso, sou.
— Logo vi.
Havia um mundo de significado por trás daquelas duas simples palavras. Mildred Leeper era, sem sombra de dúvida, profundamente dedicada a Strong. Parecia considerar seu dever cuidar dele, atender-lhe às necessidades, defendê-lo.
Encarando nos olhos a outra mulher, Kitty resolveu colocar as cartas na mesa.
— Strong me garantiu que você é um modelo de discrição. Um leve rubor tingiu as faces de Mildred.
— Bem... Tenho que ser. Conheço todo mundo nesta cidade e sei tudo a respeito deles.
Inspirando fundo, Kitty confessou:
— Eu sou a esposa de Strong.
A reação de Mildred não passou de um piscar de olhos. Kitty corrigiu, apressada, a afirmação:
— Eu *fui* a esposa dele.
Num tom de voz calmo de quem se entretém numa conversa agradável, a secretária perguntou:
— Qual das duas opções está valendo?
— É uma longa história. — Suspirando, Kitty afundou numa poltrona normalmente reservada aos clientes à espera de serem atendidos. — Nós estamos separados faz algum tempo.
— Quanto tempo?
— Dez anos.
Mildred Leeper tirou os óculos, limpou-os metodicamente com um lenço de papel e tornou a colocá-los, antes de comentar:
— Bem, isso explica algumas coisas.
— Nós éramos jovens demais.

— Eu diria que ainda são muito jovens, os dois — a sexagenária constatou com voz divertida. — Claro, na minha idade, todos os que têm menos parecem jovens. — Depois de um momento, ela sugeriu, com um sorriso: — Que tal uma xícara de chá?
Kitty aceitou com entusiasmo:
— Eu adoraria!
Pouco mais tarde, depois de duas xícaras de chá e um pratinho de biscoitos feitos em casa, Mildred retomou o assunto que a interessava sobremaneira:
— Strong nunca arranjou tempo para namorar. Agora entendo por quê.
— Oh, mas...
A expressão da idosa solteirona era de quem sabia do que estava falando, ao interromper Kirry:
— Não é preciso que ninguém lhe diga que é uma linda mulher, Katherine. Mas você é do tipo que um homem não consegue esquecer. Pelo menos, não um homem como Strong.
— Eu também nunca o esqueci — disse Kitty, num tom de voz baixo, mas intenso.
— Fico aliviada por ouvir isso. Strong O'Kelly sempre trabalhou duro. Duas vezes mais do que qualquer pessoa que eu conheça. Parece viver unicamente para o trabalho, como se tentasse provar alguma coisa a si mesmo.
— E o que seria?
Mildred arqueou uma sobrancelha.
— Provar que era digno de ser casado com uma St. Clair, por exemplo. — Ela balançou a cabeça, incisiva. — Uma tarefa árdua, mesmo para alguém do calibre de Strong. Ele é um homem de valor, você sabe.
— Sei, sim.
— Só conheci um melhor.
— Clarence T. Martin? — arriscou Kitty. Mildred assentiu.
— Que a alma dele descanse em paz.
Quase duas horas depois, quando saiu do seu escritório, Strong encontrou a esposa e a secretária conversando como velhas amigas.
— Pelo menos um de nós esteve trabalhando por aqui — brincou.
— Kitty e eu estivemos batendo um bom papo — explicou Mildred, muito à vontade.
Strong ficou curioso.
— A respeito do quê?
— Assuntos femininos — informou a secretária. — E nada que lhe

interesse.
A boca atraente e máscula apertou-se, obstinada. Ele sabia muito bem quem estava por trás daquela espécie de insurreição feminina: Kitty St. Clair. Fazia apenas duas horas que ela se encontrava na cidade e já virara sua bem organizada existência de cabeça para baixo. Até sua secretária estava ficando impertinente.
Ele não ia tolerar isso. Girando nos calcanhares encarou a esposa.
— Katherine?
— Sim, querido? — Ela retribuiu o olhar, com uma expressão inocente no lindo rosto.
— Eu, hã... — De repente, Strong esqueceu o que ia dizer.
Mildred aproveitou a chance e aproximou-se do chefe.
— Imagino que você ia me entregar essas cartas para datilografar e colocar no correio, não? — Ela se referia ao maço de papéis que ele trazia nas mãos.
— Kitty e eu temos um importante negócio particular para tratar durante os próximos dias. Já transferi os compromissos que você havia marcado, e resolvi a maior parte dos assuntos pendentes. Não vou poder vir ao escritório muitas vezes, Mildred.
A secretária deu um tapinha amistoso no braço dele.
— Eu entendo. Pode deixar que cuido de tudo. Defenderei o forte até o último homem. Ou deveria dizer até a última mulher?
Strong deixou essa passar. Tinha coisas mais importantes na mente.
— Não quis dizer nada na frente de Mildred, mas havia outra carta daquelas em meio à minha correspondência — ele informou, tomando Kitty pelo braço e conduzindo-a em direção ao jipe.
Toda a animação desapareceu do rosto dela.
— O que dizia dessa vez?
Strong abriu a porta do lado do passageiro e ajudou-a a subir. Depois, dando a volta, instalou-se à direção. Só então, tirou do bolso um envelope de papel manilha, mas não o entregou logo a ela.
— Não quero que fique nervosa, Kitty.
— Eu não estava, mas agora que você falou...
— Custe o que custar, eu a protegerei. Com a minha vida, se for preciso. — Nada havia de melodramático na declaração. Era apenas a constatação de um fato.
— Eu sei disso. — Lágrimas surgiram nos olhos azuis de Kitty. — O que diz a mensagem? — A voz dela soou rouca.
Strong precisava prepará-la primeiro. Não podia jogar o caso em cima

dela, sem mais nem menos.
— Dessa vez não se trata de uma mensagem, e sim de uma fotografia.
— Uma fotografia? Do quê?
— Não é *do quê.* E *de quem.* É uma foto minha. — Abrindo o envelope, ele retirou um instantâneo. — Há uma coisa rabiscada no verso.
— Leia para mim — ela pediu, trêmula.
— Está bem. — Tomando uma funda inspiração, Strong começou: — "Se uma foto vale mais que mil palavras, então a outra metade desta deve valer um milhão de dólares para você, O'Kelly".
— Deixe-me ver. — A voz de Kitty soou mais firme dessa vez. Ela parecia ter recuperado o controle.
Strong entregou-lhe a foto.
Era um instantâneo tirado nos velhos tempos. A metade de um instantâneo, aliás. Fora deliberadamente cortado ao meio. A metade restante mostrava Strong diante da Casa de Pedra, sorridente, o braço nos ombros de alguém. Esse alguém estava faltando, mas ambos sabiam de quem se tratava. De Kitty.

CAPITULO XI

Saindo do velho centro histórico de Prescott, eles tomaram a direção das montanhas, seguindo por uma estrada íngreme e cheia de curvas, através da floresta do Parque Nacional.
Os altos pinheiros que ladeavam a estrada estreita en chiam o ar com seu odor agreste e vivificante. Densos arbustos obscureciam a vista de um lado, enquanto do outro corria um riacho de águas turbulentas, engrossado pelas chuvas da primavera.
Baixando o vidro da janela, Kitty não se conteve e colocou a cabeça para fora. Inalou profundamente o ar fresco e perfumado, exclamando extasiada:
— Como é maravilhoso aqui nas montanhas! Ocupada demais em observar a paisagem, não viu o sorriso indulgente nos lábios de Strong.
— Sim, é maravilhoso mesmo — ele concordou.
— Eu tinha esquecido o quanto essa floresta é bonita — admitiu Kitty, num tom quase melancólico. — É tão diferente da paisagem do deserto... Tudo tão verde e fresco e tão límpido!
— Tivemos um bocado de chuva esta primavera — disse Strong, como se isso de alguma forma justificasse toda aquela exuberância.
Pouco depois, o jipe contornava a última curva da estrada, e lá, aninhada na parte mais espessa da floresta, encontrava-se a Casa de Pedra.

Kitty prendeu a respiração. Nada parecia haver mudado naqueles dez anos, pelo menos à primeira vista. A casa ainda era uma mistura de estilos de períodos variados. No princípio não tinha passado de uma cabana de um único cómodo, um local de parada para troca de cavalos, no tempo das diligências. Mais tarde, cada proprietário fora acrescentando alguma coisa à estrutura, até esta alcançar a presente aparência: uma construção espalhada, de dois andares, revestida de pedras, o que lhe dera o nome.
Depois da morte da esposa, vinte anos atrás, o velho Michael O'Kelly perdera todo o interesse pelo lugar. A casa e o terreno a seu redor tinham começado a deteriorar-se. E na ocasião em que Strong a herdara, com a morte do avô, precisava de uma reforma em regra.
Dez anos antes, quando ali haviam passado sua curta lua-de-mel, a Casa de Pedra mal podia ser considerada habitável. Esse fato em nada incomodara o jovem casal. Qualquer lugar toma-se um paraíso quando se é jovem e apaixonado.
Contudo, observando melhor à medida que se aproximavam, Kitty percebeu que muitas coisas haviam mudado. O mato fora todo arrancado da frente da casa, e o caminho de pedra que conduzia à entrada da frente tinha sido refeito.
Os batentes e esquadrias de madeira haviam sido pintados recentemente de branco e as vidraças das janelas reluziam ao sol da tarde. O telhado de ardósia fora reparado na parte principal da casa e na garagem, bem como o muro de tijolos aparentes em torno do jardim. Até mesmo algumas flores de primavera começavam a brotar nos canteiros.
— Tem gente morando na casa? — ela indagou.
— Tem, sim.
O coração de Kitty ficou apertado. Não havia previsto
tal possibilidade e sabia que o desapontamento devia estar visível em suas feições.
— Quem?
Estendendo a mão, Strong apertou a dela, de leve.
— Tudo bem, Kitty. *Eu* moro aqui.
— Você? — Claro, agora que pensava nisso, era perfeitamente natural.
— Há quanto tempo?
— Venho trabalhando na reforma da casa há quase três anos, nas minhas horas de folga, mas eu me mudei para cá há apenas alguns meses. — Ele estacionou o jipe no fim da entrada de carros. — Preciso preveni-la: a reforma ainda não está concluída. Há apenas um quarto e

um banheiro habitáveis no andar de cima.
Kitty mal escutou as palavras dele. Estava louca para ver o que fora feito no interior da casa. Saltou do jipe e já se encontrava junto à porta de entrada quando ele chegou com a chave.
— Não fique muito animada — avisou Strong, tentando refrear-lhe o entusiasmo. — Como já disse, a casa ainda precisa de um bocado de restauração.
Virando a chave na fechadura, ele abriu a pesada porta de madeira e afastou-se para o lado, a fim de deixá-la entrar.
— Oh, Strong, você fez maravilhas neste lugar! — foi a exclamação extasiada de Kitty.
O piso original, de belas tábuas largas de madeira de lei, tinha sido cuidadosamente lixado e encerado, e depois recoberto com tapetes de vários tamanhos, alguns deles persas, de segunda mão.
As paredes, antes esburacadas, haviam sido reparadas e pintadas de cinza-gelo, quase branco. No hall de entrada, via-se um esboço em bico de pena da casa, tal como era na virada do século, e várias litogravuras de vinhedos, além de uma reprodução de Monet.
O corrimão de pinho-de-riga da escada, que conduzia ao andar superior, fora restaurado e polido até adquirir uma patina dourada.
O hall de entrada abria-se para o *living* e a sala de jantar mais adiante. Depois desta ficava a cozinha.
Os aposentos eram escassamente mobiliados, os móveis uma mistura de peças antigas autênticas, obtidas em leilões, e outros modernos, confortáveis e masculinos. A decoração refletia a personalidade do homem que lá vivia.
De pé, atrás dela, Strong correu a mão pelos cabelos fartos.
— Ainda falta muita coisa, como já disse. Voltando-se para ele, Kitty deu-lhe um abraço espontâneo.
— Pois eu acho que você fez milagres. Obviamente satisfeito com a opinião dela, Strong ainda
se achou na obrigação de explicar:
— Levei muito tempo para fazer o que está feito. Só contava com uma hora aqui, outra ali, em geral nos fins de semana, e muitas vezes nem isso.
— Mas o resultado valeu a pena.
— Ainda assim, está faltando um toque feminino na casa. Era verdade, Kitty reconheceu. E antes que pudesse refletir, viu-se perguntando:
— Por que você não tornou a casar? Ele franziu o cenho.

— Eu já *sou* casado, caso tenha esquecido.
— Eu quero dizer — Puxa, aquilo era difícil! — por que não se casou de novo antes de descobrir sobre nós dois?
Strong não se achava disposto a explicar suas razões, e limitou-se a declarar, lacônico:
— Estava ocupado demais.
— Ocupado demais?
— Tinha que me concentrar no que era mais importante. Trabalho. Estudo. Faculdade. Pós-graduação. E depois que passei nos exames da Ordem dos Advogados, comecei a trabalhar com Clarence Martin. Nunca tive muito tempo para mulheres.
Havia uma nota de amargura na voz profunda, que tocou fundo na alma de Kitty.
— E foi só isso? — ela perguntou, estranhamente abalada. Por um longo momento, Strong ficou calado, com o olhar
perdido no espaço.
- Não. Acontece que eu já tinha passado por um inferno em vida por causa de uma mulher, e não estava disposto a repetir a experiência. — Dessa vez, havia um nítido tom de sarcasmo em sua voz. — E você, por que nunca mais se casou? Deve ter tido inúmeras oportunidades nesses dez anos.
Kitty colocou sua bagagem de mão sobre uma mesa rústica, ao lado da porta.
— Nem tantas. Uma vez descartados os que só queriam dar o "golpe do baú", os que buscavam publicidade, os gigolôs, os que procuravam um meio de se aproximar de meu pai, não sobrou quase nada.
Strong não conseguiu acreditar na explicação e isso ficou evidente na expressão cética do belo rosto másculo.
— Qual foi a *verdadeira* razão, Kitty? Engolindo em seco, ela resolveu dizer a verdade:
— Nunca mais encontrei alguém a quem quisesse *daquela* maneira.
Essa resposta pareceu fazer sentido para ele.
— Eu também. Nunca poderia trazer outra mulher para esta casa. Ela era *nossa.* Sua e minha. — Estendendo a mão, Strong acariciou-lhe a face aveludada. — Tinha que ser você, querida, ou ninguém mais.
Os olhos dela espelharam profunda tristeza.
— Deus do céu, Strong, o que nós fomos fazer?
— Arruinamos um ao outro para qualquer novo envolvimento amoroso.
— Percebendo que a conversa estava ficando intensa demais, ele sorriu,

sugerindo: — Vamos lá, vou levá-la para uma volta pela casa.
Uma hora depois, Kitty já havia visto tudo, do sótão ao porão, de um extremo ao outro, dentro e fora, incluindo o pomar que crescia de forma selvagem, nos fundos da propriedade, onde Strong ainda não começara a trabalhar.
— Essa parte vai ficar para o próximo ano, se tudo der certo — ele explicou. — Mas não sei se vou conseguir. Primeiro tenho que terminar a casa.
— Não há ninguém para ajudá-lo?
— Não, estou fazendo tudo sozinho. Ou melhor, quase tudo. Claro, tive de contratar um eletricista para checar a fiação, e um encanador para a parte hidráulica. Mas o resto, fui aprendendo à medida que fazia. Aqui — falou, abrindo a porta de um galpão entre a garagem e a entrada dos fundos —, é a minha oficina de trabalho.
O lugar continha uma miscelânea de tábuas e pedaços de madeira, latas cheias de pregos e parafusos, galões de tinta e verniz, pincéis, caixas de ferramentas, além de cadeiras e mesas desparceiradas.
Kitty nunca vira tanta coisa amontoada num só lugar.
— E aqui a sua mesa de trabalho? — perguntou, correndo a ponta do dedo indicador sobre a única superfície vaga, uma grande bancada de carvalho.
Strong não respondeu. Ela repetiu a pergunta, em tom mais alto, e ainda assim, nada de resposta.
Voltando-se, Kitty descobriu-o parado atrás dela, olhando fixamente para um ponto na parede, acima da bancada, onde ele havia pendurado alguns martelos e chaves de fenda.
— O que foi? Alguma coisa errada?
— Sumiu — ele falou por entre os dentes.
— Sumiu o quê?
Enfiando a mão no bolso da jaqueta, Strong tirou a foto mutilada que recebera pelo correio.
— Bem que eu fiquei imaginando onde o canalha teria, conseguido esta foto... Eu tinha uma igual pregada na parede, bem naquele ponto. Vê? Não há nada ali, agora.
Aproximando-se, Kitty inspecionou o local indicado. Havia um pedaço de alguma coisa, talvez um restinho da foto, sob a tachinha ainda pregada na parede de madeira. Olhou então para a fotografia ainda na mão de Strong. Realmente, faltava um pedacinho no canto superior direito.
— Alguém esteve aqui — ele falou, os olhos verdes brilhando

enfurecidos. — Invadiu minha propriedade, entrou neste galpão e roubou a foto de nós dois daquela parede.
— Quem poderia ser? — Ambos sabiam que a pergunta era puramente retórica.
Com fúria mal contida na voz, Strong disparou:
— Para mim, chega! Já tive mais do que sou capaz de suportar. Cansei desse joguinho idiota. De ficar esperando pelo próximo passo desse sujeito. Esse não é o meu estilo. Agora, vou fazer as coisas à minha maneira. Chegou a hora de entrar em ação.
Estendendo a mão, Kitty segurou a dele, timidamente. Podia sentir a tensão que dominava o corpo atlético. Strong estava fora de si de raiva, e ela precisava acalmá-lo de alguma forma. De repente, um pensamento atingiu-a como um raio.
— Quem quer que seja a pessoa por trás disso, é evidente que acredita que a resposta está aqui nesta casa. Por isso sugeriu que tivéssemos uma segunda lua-de-mel. Aonde mais poderíamos ir, a não ser para o lugar onde passamos a nossa primeira e única semana juntos?
— Continue — ele a incitou, interessado.
— A pessoa não pôde entrar na casa para fazer uma busca rigorosa porque você está morando aqui há meses.
Por alguma razão, ela só deve ter ficado interessada recentemente naquilo que acha que você lhe deve. — Ela passou a língua pelos lábios secos. — Você mesmo falou que era fundamental descobrirmos não só ò porquê, como o porquê só *agora.*
Os dedos de Strong apertavam tanto os dela que quase chegaram a machucá-la.
— Doçura, acho que você acertou o alvo.
As faces delicadas de Kitty ficaram coradas de excitação.
— Então você também acha que a resposta está dentro da casa?
— Pode ser. Mas há outra coisa, talvez ainda mais importante. E se o O'Kelly a quem o desgraçado se refere não for eu? Se for outro O'Kelly que lhe deve?
Seguiu-se um minuto de pesado silêncio e depois os dois exclamaram, em uníssono:
— Michael O'Kelly!
Em seguida, de modo analítico, Strong continuou sua linha de raciocínio:
— Você me disse que a voz ao telefone era de uma pessoa idosa, e que a linguagem era um tanto fora de moda. Isso poderia apontar para alguém de outra geração. — Os olhos verdes tinham um brilho gelado.

— Era meu avô que vivia se enfiando naquela cidade-fantasma, e que sempre andava à cata de tesouros enterrados, do pote de ouro na ponta do arco-íris. E era vovô que as pessoas diziam ser um "cara de sorte".
A mente de Kitty trabalhava rapidamente.
— Devia haver documentos, cartas antigas, fotografias, recibos, coisas desse género. O que aconteceu com toda essa papelada depois que seu avô morreu?
Strong refletiu algum tempo.
— Quando fiz limpeza no quarto principal, encontrei algumas caixas cheias de papéis velhos. Coloquei-as no fundo de um armário, a fim de as tirar do caminho até poder examiná-las com calma.
— Talvez fosse bom nós dois darmos uma olhada nessas caixas — sugeriu Kitty.
Alguma coisa, uma espécie de sexto sentido, alertava-a para o fato de que se encontravam na pista certa. E que encontrariam a resposta do enigma na velha casa.
E o mesmo instinto lhe dizia que, ao encontrarem as respostas a respeito do passado, descobririam também o que o futuro lhes reservava.

CAPITULO XII

Vou acabar ficando míope se tiver que olhar para mais uma fotografia apagada dos meus avós, e de outros parentes. Ou recibos de compras e de impostos pagos por vovô — declarou Strong, horas depois, em tom fatigado. — Temos que encarar a verdade, Kitty. Isso não vai nos levar a parte alguma. Num súbito impulso, ela aproximou-se e começou a massagear-lhe os ombros e o pescoço.
— Cansado?
— Morto. Puxa, isso é bom demais! — ele exclamou, satisfeito. — E quanto a você? Cansada também?
— Um pouco. — Com um suspiro desanimado, Kitty constatou: — Acho que fizemos uma bagunça terrível na sala.
Papéis de todo o tipo achavam-se espalhados pelo chão do *living:* fotos, documentos, recortes de jornais, licenças de caça e pesca, um verdadeiro caos.
Uma pizza pela metade encontrava-se sobre a mesa em frente ao sofá. Fora a única coisa levemente apetitosa que Kitty descobrira no congelador. E na geladeira. Strong nunca tivera muita habilidade culinária, e pelo visto, nesse ponto não mudara nada.
Abafando um bocejo, ele anunciou:

— Há mais uma caixa.
De alguma fornia, Kitty conseguiu não gemer.
— Onde?
— No topo da escada. Atrás de uma porta secreta.
— Uma porta secreta? Que emocionante!
— Foi construída, originalmente, para ser um esconderijo. Ou um depósito secreto. Tem ânimo para examinar essa última caixa, ou prefere deixar para amanhã?
Kitty estava exausta, na verdade. Mas por outro lado, havia adorado cada minuto daquela noite com Strong. Juntos, tinham dado risada de velhas e ridículas fotografias, mostrado um ao outro algo que os interessara entre os velhos papéis, trocado histórias e lembranças, ou simplesmente compartilhado momentos de silêncio amistoso.
Fora o tipo de noite que nunca haviam vivido juntos, quando mais jovens. Só tinham passado uma semana ao lado um do outro, uma semana em que a única coisa que queriam era fazer amor. Esse fora o início e o fim do seu relacionamento.
Ela havia amado o rapaz. Agora estava descobrindo, dez anos depois, que gostava do homem em que ele se tornara.
Colocando-se de pé, Kitty falou então com mais entusiasmo do que acreditava ser possível minutos antes:
— Vamos logo examinar essa caixa.
— Pois eu prefiro dar um tempo e em vez disso fazermos uma boa massagem nas costas um do outro, ou — Um sorriso malicioso iluminou o rosto atraente — uma massagem na *frente.* — A intenção era inconfundível.
— Negócios primeiro, prazer depois, sr. O'Kelly — Kitty estendeu a mão para ele. — Vamos desenterrar essa bendita caixa.
Desenterrar provou ser a palavra certa. Cinco minutos depois eles a encontraram, debaixo de uma espessa camada de poeira.
Tossindo e passando a mão nos cabelos cinzentos de pó, Strong reclamou:
— Diabo, acho que ninguém abriu essa porta nos últimos vinte anos.
Estavam ambos cobertos de poeira quando, afinal, conseguiram arrastar a caixa para o andar de baixo, e limpá-la com uma flanela.
— Lixo, só lixo — constatou Strong, desgostoso, assim que a abriram. — Canetas quebradas, uma faca enferrujada, livros velhos, nada que interesse. Lixo, lixo, lixo! — Ele ergueu as mãos, frustrado.
— Espere um pouco — Kitty falou em tom racional. — Não seja tão

apressado. Há mais coisas no fundo. Veja, a licença de casamento dos seus avós, mais fotos antigas...
— Grande! — ele a interrompeu. — Mais fotos!
— ... o álbum de casamento deles — Kitty continuou, sem se incomodar com a interrupção —, alguns documentos... um contrato escrito à mão!
— A voz dela falhou.
— O quê? — Strong aproximou-se, interessado.
— Isto parece interessante — ela fez uma pequena pausa, antes de continuar: — Pelo jeito, trata-se de um contrato de sociedade, escrito à mão, entre três amigos. Acho que você vai entender melhor do que eu o significado.
Sem perda de tempo, Strong pôs-se a examinar ,o papel, amarelado pelo tempo.
— É um contrato de sociedade, sem dúvida. Aparentemente algum que Michael 0'Kelly conseguiu extrair de dois dos seus amigos. Eles concordaram em investir quinhentos dólares cada um e, em troca, meu avô teria de explorar uma mina chamada...
Kitty arregalou os olhos em suspense.
— Chamada...
— Cara de Sorte.
O coração dela deu um pulo.
— Veja — falou, estendendo a Strong uma fotografia. — Esta é uma foto do seu avô em frente ao que parece ser a entrada de uma mina. A Cara de Sorte, posso apostar.
O pequeno instantâneo, amarelado pelos anos, mostrava um homem jovem, com uma picareta numa das mãos, uma pá na outra e um sorriso no rosto bonito de irlandês. Encontrava-se de pé diante do que parecia ser a entrada de uma caverna. Um pouco mais atrás, à direita, via-se uma formação rochosa bastante peculiar e, ao fundo, uma cadeia de montanhas. Nada que fosse familiar a Strong. Observando o verso da foto, à procura de alguma referência quanto ao local onde fora batida, tudo que encontrou foi a data: junho de 1938.
— Faz mais de cinquenta anos — comentou.
Em seguida, voltou a examinar o frágil pedaço de papel onde o contrato fora escrito.
— Basicamente, o contrato foi firmado entre três pessoas, Michael 0'Kelly e dois sócios, Clester Rhodes e Arthur Moser. Data de 14de junho de 1938, e estabelece que 0'Kelly recebeu quinhentos dólares de cada um, a fim de comprar os equipamentos necessários para a

exploração da mina Cara de Sorte. Em troca, os três homens concordaram em dividir os lucros da mina em partes iguais entre eles.
Em tom calmo, Kitty comentou:
— Certamente os outros dois também já devem ter morrido, não acha?
— Se não morreram, devem ser muito velhos — replicou Strong, acrescentando depois, pensativo: — Pensei que Cara de Sorte fosse o nome da cidade-fantasma, mas pelo jeito era também o nome da mina.
Olhando para a foto, Kitty perguntou:
— Que tipo de mina seria?
— O contrato não diz. Mas posso deduzir, quase com certeza.
— Como assim?
Strong deu outra olhada no curto adendo, ao pé da página.
— Há um pós-escrito assinado pelos três, que diz: "Nossa palavra vale tanto quanto o ouro".
Os olhos de Kitty se arregalaram.
— Era sócios de uma mina de ouro! — exclamou.
— É o que parece.
— Seu avô alguma vez mencionou os outros homens para você?
— Não, nunca ouvi falar de Clester Rhodes nem de Arthur Moser. Mas não devemos esquecer que vovô já era velho e praticamente senil quando o conheci.
Kitty estava disposta a explorar todas as possibilidades.
— Alguma vez ele ficou rico?
Rindo, Strong sacudiu a cabeça, mas havia uma ponta de tristeza em sua voz ao afirmar:
— Ele nunca teve um centavo em seu nome além desta casa, dos dois hectares e meio de terra que a circundam, e duzentos dólares numa caderneta de poupança, destinados a custear as despesas do seu enterro. Aliás, mal cobriram o preço do caixão.
Pensativa, Kitty mordiscou o lábio inferior.
— Não consigo encontrar um sentido para aquilo que a pessoa falou ao telefone: "O'Kelly está me devendo. O'Kel-ly deve a um bocado de gente". A não ser... — ela estalou os dedos — ... que um desses dois sócios ainda esteja vivo e acredite que seu avô encontrou o ouro.
— O quê? E não contou nada aos outros? Não dividiu os lucros? — Strong protestou. Depois, estendeu as longas pernas musculosas e massageou a coxa adormecida. — De qualquer forma, não faz sentido. Por que só agora ele viria reclamar sua parte? Se bem que — confessou com uma risada cansada —, uma coisa que aprendi nos meus anos de

advogado é que muitas vezes os atos das pessoas não fazem sentido.
— Como poderíamos descobrir se um dos dois ainda está vivo?
— Fácil. Que tal a lista telefônica?
Kitty inclinou-se, numa reverência zombeteira:
— Strong, você é um gênio!
— Eu sei — ele concordou, nada modesto.
Pouco depois, Kitty voltava da cozinha, onde fora consultar a lista, com ar frustrado:
— Nada. Não encontrei nenhum Clester Rhodes, nem Arthur Moser.
— Não quer dizer nada — retrucou Strong. — Afinal, se estiverem vivos, devem ter mais de oitenta anos. Podem estar morando com os filhos. Ou numa casa de repouso. Ou talvez o telefone não conste na lista.
— Você é sempre tão lógico e racional?
— Sempre.
— E nunca pára de raciocinar?
Uma expressão que Kitty conhecia muito bem surgiu nos belos olhos verdes.
— Às vezes. Com o estímulo apropriado.
— Esqueça a última pergunta. — De repente, um pensamento ocorreu a Kitty. — Já sei a quem podemos perguntar sobre os dois homens! Mildred, sua eficientíssima secretária. Ela me disse que conhece todos os habitantes da cidade e sabe tudo a respeito deles.
Esfregando o queixo, onde a barba começava a despontar, Strong falou devagar:
— Ela morou aqui a vida,inteira.
— E trabalhou para um importante advogado por mais de trinta anos — acrescentou Kitty. — Vou ligar para ela agora mesmo! — E começou a levantar-se.
Strong, porém, agarrou-a pelo braço, obrigando-a a permanecer sentada no chão.
— Não senhora! Você não pode fazer isso agora.
— Por que não?
Ele apontou para o relógio na parede.
— São duas horas da manhã.
— Não admira que estejamos tão cansados — ela comentou, pasma com o adiantado da hora.
Bocejando, Strong pôs-se de pé.
— Imagino que queira tomar um banho antes de ir para a cama.
Kitty olhou para as mãos sujas de pó.

— Trata-se da mais absoluta necessidade.
— O banheiro fica no fim do corredor de cima, à direita. Vai encontrar tudo o que possa precisar no armário. Enquanto isso, vou dar uma ordem nessa bagunça. Quero guardar o contrato e a foto num lugar seguro.
— Está bem. — Kitty não queria perguntar onde ia dormir. Ou onde Strong ia dormir. Mas lembrava-se muito bem de ele ter mencionado haver apenas um quarto e um banheiro em condições de uso.
Como se lhe tivesse lido a mente, Strong acrescentou:
— Você vai dormir no quarto ao lado do banheiro. Já coloquei a sua bagagem lá. Se precisar de alguma coisa...
— Obrigada, tenho tudo do que preciso. — Mas Kitty ainda queira saber onde ele pretendia dormir. Sem dúvida, podia fazer uma pergunta tão simples como essa sem ficar embaraçada. Afinal, estava com trinta e dois anos. — Onde você vai dormir?
Mesmo exausto como se encontrava, Strong ainda conseguiu sorrir, malicioso:
— Isso é um convite?
— Não, só curiosidade.
— O sofá do *living* transforma-se em cama.
— Ah... — Kitty não sabia se estava aliviada ou desapontada. — Bem, nesse caso, vou para o chuveiro.
— Vamos ter de dividir o banheiro. Mas não se preocupe, vou lhe dar tempo suficiente, antes de subir. — De novo, os olhos verdes brilharam, maliciosos. — Boa noite, Kitty. Espero que dessa vez você consiga dormir, sem antes ficar vagando pela casa, de penhoar transparente. Afinal, não sou de ferro.
— Boa noite, Strong — ela respondeu, com toda a dignidade que pôde reunir.
Saindo do box, Strong enxugou-se vigorosamente, enfiou a calça do pijama e resolveu ver se Kitty precisava de alguma coisa. Bateu de leve na porta, e esta, mal fechada, acabou por abrir-se sozinha.
As cortinas encontravam-se fechadas e o abajur na mesa de cabeceira ainda estava aceso. Ele esperava encontrá-la lendo um livro, ou recostada nos travesseiros, pronta para discutir a descoberta que haviam feito.
Em vez disso, descobriu que Kitty se achava profundamente adormecida. Sem fazer ruído, Strong atravessou o quarto e foi sentar-se numa antiga cadeira de balanço, colocada perto da cama, onde ficou a

observá-la dormir.
Céus, ela parecia tão jovem quanto a garota por quem se apaixonara... Adormecida, tinha um ar de vulnerabilidade, de quem precisava de proteção contra as maldades do mundo.
Katherine St. Clair gostaria que o mundo inteiro acreditasse que era uma mulher forte, independente, segura de si e eficiente, com as próprias emoções sempre sob controle. E que não precisava de ninguém.
Isso não passava de um monte de tolice.
Na verdade, Kitty era amorosa, sensível, ardente e solitária. E encontrava-se talvez em sério perigo, graças a ele,
Custasse o que custasse, Strong jurou a si mesmo, ele protegeria a esposa reencontrada.
Kitty não tinha certeza do que a acordara. Permaneceu deitada algum tempo na semi-obscuridade sem saber onde se encontrava.
Então lembrou-se.
Estava na Casa de Pedra. A casa de Strong. E dormindo na cama dele.
Podia ouvir o trinar dos pássaros lá fora. Logo mais o dia ia clarear. Uma luz pálida, cinzenta, filtrava-se através das cortinas de voai, em vez da escuridão da noite.
Foi então que ela o viu.
Strong achava-se sentado na cadeira de balanço junto à cama, a cabeça caída para o lado. Vestia apenas a calça do pijama. O peito largo estava nu e os pés, descalços. Devia ter sentido frio durante a noite, e cobrira-se com uma manta leve.
Dormia a sono solto, apesar de parecer cansado e mal acomodado. Kitty ficou tentada a acordá-lo e dizer-lhe que viesse para a cama, ao seu lado, onde poderia esticar o corpo. Era ridículo que ela tivesse uma cama de casal *king-size* só para si mesma, enquanto aquele homem de um metro e noventa, que era o dono da cama, dormia encolhido numa cadeira pequena demais para ele.
O coração de Kitty de repente começou a bater acelerado. Enquanto observava aquele que ainda era seu marido, descobriu que pelo resto da vida o amaria. E que nunca, nem por um minuto, havia deixado de amar Strong. Estivera iludindo a si mesma naqueles dez anos, mas seu coração não se enganava. Strong era e seria para sempre seu único amor.
Fora amor à primeira vista, quando não passavam de duas crianças. E tinham vivido juntos uma única semana, naquela casa. Uma semana de paixão e risos.

Deus do céu, como o amava naquele tempo!
E como o amava agora!
"O passado vai voltar ara assombrá-la, sra. O'Kelly."
Aquele homem era seu passado e seu presente. Só não sabia ainda se seria seu futuro.
Poderiam perdoar-se mutuamente e recomeçar? Strong lhe mentira uma vez e precisava aprender a confiar nele de novo.
De sua parte, Strong acreditava que ela não o amara o bastante para apoiá-lo quando as coisas desandaram. Poderia aprender a confiar nela outra vez? Ele ainda a amaria? Não haviam dito uma só palavra a respeito de amor.
Claro, sabia que Strong a desejava, mas não sabia se existia algo mais além de sexo.
E sexo nunca foi o bastante para um relacionamento duradouro.
Lágrimas encheram os olhos azuis. Cerrando-os com força, Kitty tentou reprimi-las e mordeu a ponta do lençol para abafar os soluços.
Então ouviu seu nome ser pronunciado em tom suave:
— Kitty?
Abrindo os olhos, encontrou os fascinantes olhos verdes a fitá-la, preocupados. Strong havia acordado e a observava, não sabia por quanto tempo. Engolindo com dificuldade, tentou falar:
— Bom dia. Já é quase de manhã.
— Por que você estava chorando?
— Bobagem minha, não? — Com as costas da mão, ela enxugou as lágrimas que teimavam em rolar por suas faces.
— Você não respondeu à minha pergunta. Não quer me dizer por que estava chorando?
Não, ela pensou, porque quando um homem sabe o que uma mulher sente a seu respeito, adquire vantagem sobre ela. Mas principalmente porque era uma covarde, com vergonha de confessar o seu amor.
Com voz suave, a mais suave que ela já ouvira, Strong continuou:
— Nunca fui capaz de vê-la chorar.
— Por quê?
— Porque isso me partia o coração — ele confessou, livrando-se da manta e indo ajoelhar-se ao lado da cama. — E ainda parte. — Estendendo a mão, enxugou com ternura as lágrimas que ainda permaneciam no canto dos olhos azuis.
— Strong... — sussurrou Kitty, emocionada.
— Quando você chora, eu choro também. Quando ri, eu dou risada

junto. Quando sente medo, sinto medo por você. Quando está ferida, eu sinto a sua dor. No dia em que você morrer, eu morrerei também.
Kitty não conseguiu dizer uma palavra. Apenas abriu os braços para o homem que amava, convidando-o a juntar-se a ela na cama.
Levantando-se num movimento ágil, Strong livrou-se da calça do pijama e deslizou para baixo das cobertas. Seu corpo era ainda mais rijo e musculoso do que Kitty se lembrava.
Ela não fez qualquer pergunta, nem ele fez promessas. Não existia o ontem nem o amanhã. Só o momento presente. Um homem e uma mulher que se necessitavam, que se desejavam com loucura, ansiando pelo prazer que só encontravam nos braços um do outro.
Era sexo.
Era luxúria.
Era paixão. Mas também era amor, uma união de corpos e mentes, alma e coração.
Palavras foram sussurradas, mas também houve momentos de silêncio. A compreensão entre ambos estava acima de qualquer linguagem.
Strong fez amor com Kitty com frenesi, como que consumido por uma espécie de febre, arrancando-lhe a camisola do corpo, sugando-lhe os seios como um homem sedento no meio de um deserto, ao encontrar um manancial.
Não houve preliminares. Ele afastou-lhe as coxas e penetrou-a num único movimento, até o fundo. Encontrou-a totalmente preparada para recebê-lo, toda molhada e quente. Erguendo os quadris, ela enlaçou-o com as pernas esbeltas, atraindo-o ainda mais para dentro de si. O clímax explosivo chegou ao mesmo tempo para ambos, levando-os às alturas.
Eles nem sequer se separaram antes de começar de novo. Rolando na cama, Strong deitou-se de costas, levando-a consigo. Kitty acomodou-se sobre aquele corpo magnífico, cavalgando-o como se fosse um esplêndido garanhão.
A pele de ambos reluzia, molhada de suor e de paixão. Os longos cabelos de Kitty roçavam seus corpos como uma cortina de seda. Os seios firmes e fartos balançavam eroticamente a cada arremetida de seu corpo sobre o membro rijo. Os mamilos salientavam-se, túrgidos e molhados dos beijos ardentes. Havia pequenos arranhões e marcas de mordidas aqui e ali, nos corpos de ambos, mas nenhum deles se importava com isso.
O sol começara a erguer-se acima das montanhas, e sua luz entrava

pela janela do lado leste quando eles se acomodaram um ao lado do outro, iniciando um preguiçoso e sensual ato de amor. Dessa vez, não havia urgência, e cada toque, cada carícia, cada beijo saboreado lentamente. Tinham dez anos de sonhos, de anseios, de desejos não satisfeitos para recuperar.
Meio-dia. O sol ia alto no céu quando, afinal, acordaram um nos braços do outro, saciados e felizes.
— Não sei se vou ser capaz de me levantar — Strong gemeu, a mão cobrindo um dos seios dela, possessivamente.
Kitty riu baixinho, um riso malicioso, de intimidade.
— Não percebi nenhum problema desse tipo em você, até agora. Muito pelo contrário.
Ele beliscou o traseiro empinado.
— Eu quis dizer levantar da cama. Todos os músculos do meu corpo estão doloridos.
— Todos? Nesse caso acho melhor dar um beijinho em cada um, para fazê-los sarar.
— Ah, não. Você não vai fazer isso — Strong riu, uma risada profunda, masculina, repleta de satisfação. — Foi assim que acabei nesse estado, para começar. — Ele arqueou uma sobrancelha e encarou-a. — Você também deve estar toda dolorida.
— Em alguns pontos. — Virando-se para o outro lado, Kitty tentou sentar-se, mas desistiu. — Você não acha que estamos velhos demais para tanto exercício, acha? — perguntou, olhando-o por sobre o ombro.
— Está brincando? — ele tornou a dar risada, depois pressionou um músculo dolorido do lado do peito. — Só um pouco fora de prática.
— Um pouco?
— Está bem, *bastante* fora de prática. Mas isso logo vai ser remediado, garanto. — Levantando-se da cama, ele espreguiçou o corpo atlético, atraindo o olhar extasiado de Kitty. — Pode usar o banheiro primeiro. Enquanto isso, vou fazer café e telefonar para Mildred. Como você disse, ela conhece todo mundo nessa cidade. Quem sabe descubro alguma coisa sobre os dois sócios de Michael O'Kelly. Quero resolver esse caso o mais rápido possível. Agora mexa-se, preguiçosa!
Kitty pôs-se de pé ao lado da cama, encantadora em sua nudez, e, perfilando-se, bateu continência.
— Sim senhor!
Ele franziu as sobrancelhas.
— Alguma vez eu já lhe disse o que faço com uma esposa malcriada?

Procurando pela camisola, que acabou encontrando caída no chão, ao pé da cama, Kitty sacudiu a cabeça.
— Pois então lembre-me de lhe mostrar uma hora dessas. Com olhos muito abertos, num ar de inocência, ela perguntou:
— Por que não agora?
O olhar de Strong deixou bem claro que ela pagaria mais tarde pelo atrevimento. E com juros.

CAPITULO XIII

Quando Kitty entrou na cozinha, mais tarde, Strong encontrava-se ao telefone, falando com Mildred7
— Obrigado, Mildred, você vale ouro. Lembre-me de lhe dar um aumento no fim do mês. — Ele escutou mais um pouco, e depois, com uma risada gostosa, despediu-se e desligou.
Voltou-se então para Kitty, olhando-a com apreciação divertida.
— Vejo que já está pronta para as atividades de hoje.
Ela usava jeans desbotados, um suéter folgado, um par de botas de caminhada, já bem usadas, e um chapéu de abas largas, para protegê-la do sol. Pendurada no braço trazia uma jaqueta de náilon acolchoada, um. cantil de água, a sacola com sua parafernália de fotógrafa e até um pacote de carne seca. Pessoalmente, Kitty detestava esse último item, mas achava que era adequado para quem ia se aventurar naquela parte do mundo.
Colocando café numa xícara, Strong entregou-a a ela, e depois serviu outra para si mesmo. Apoiado displicentemente no balcão da cozinha, estudou-a sobre a borda da xícara.
— Às vezes esqueço o quanto você é eficiente.
— Essa é a razão de eu ser tão bem-sucedida na minha profissão — ela falou, nada modesta.
— Não duvido — concordou Strong.
Kitty dirigiu-lhe um sorriso. Estava se sentindo tremendamente contente consigo mesma naquela manhã. Claro, isso devia-se mais à satisfação sexual do que à eficiência. Contudo, tinha assuntos mais urgentes a tratar no momento.
— Agora me diga: Mildred descobriu alguma coisa sobre os dois sócios do seu avô
Antes de responder, Strong terminou de beber o café e foi lavar a xícara.
— Está preparada para uma bomba? Ela acenou vigorosamente.
— Sim.
— Acontece que tanto Clester Rhodes, mais conhecido como Peg, e

Arthur "Cacto" Moser estão vivos e na ativa.
A linda boca de Kitty abriu-se de, espanto.
— Os dois?
— Exatamente.
— Deus abençoe Mildred Leeper! — ela exclamou, entusiasmada. — Você deve *mesmo* lhe conceder um bom aumento.
— Ela já ganha mais do que eu — Strong falou secamente.
— Não importa, ela merece — insistiu Kitty. Ele avançou um passo, ameaçador.
— Como disse antes, lembre-me de lhe mostrar como trato uma esposa impertinente, mais tarde.
Kitty não resistiu à tentação de continuar provocando-o:
— Quando se sentir disposto. Os olhos verdes estreitaram-se.
— Você está brincando com fogo, sra. 0'Kelly.
Ela não duvidava. Mas descobrira naqueles últimos dois dias que adorava brincar com fogo. Era excitante. Um desafio. E muito erótico, em se tratando de Strong O'Kelly.
— Promessas. Só promessas — murmurou por entre os dentes.
— O que você disse? — ele perguntou, desconfiado.
— Problemas. Só problemas. Saber que ambos estão vivos só aumentou os nossos problemas. Suponho que Mildred não encontrou o endereço dos dois cavalheiros.
As sobrancelhas perfeitas de Strong arquearam-se.
— Nem mesmo Mildred é *tão* eficiente.
Kitty terminou o café e, seguindo o exemplo do anfitrião, foi lavar a xícara.
— O que vamos fazer agora?
— Depois que eu tomar banho e me vestir, vamos sair em campo.
— Estou preparada para o que der e vier.
— Isso eu já vi. — Ele lançou um olhar divertido para o pacote de carne seca e perguntou: — Pretende mesmo comer essa droga?
Ela torceu o nariz.
— Só numa emergência. Uma emergência extrema.
— Então ninguém sabe com certeza onde moram os dois homens.
— Dizem, na cidade — informou Strong colocando o equipamento na traseira do jipe —, que Cacto Moser tem uma namorada que mora nos arredores de Jasper.
— Uma namorada? — ela repetiu, entre surpresa e divertida. — Nessa cidade?

Strong não foi capaz de resistir. O jeans muito justo que Kitty usava modelava os quadris arredondados e o traseiro roliço de modo extremamente provocante. Estendendo o braço, deu-lhe um tapinha carinhoso, demorando algum tempo para retirar a mão.
— Alguns de nós, homens, nunca ficamos velhos demais para apreciar as delícias do sexo oposto.
— Tenho certeza de que você vai ser um deles — ela retrucou, embarcando no jipe.
Vinte minutos mais tarde, Strong conduziu o jipe para fora da estradinha poeirenta por onde vinham seguindo e enveredou por um campo aberto.
— Tem certeza de que sabe para onde está indo? — Kitty perguntou, desconfiada.
Retirando a mão do volante por um instante, ele colocou-a sobre o joelho dela.
— Não se preocupe, Kitty. Sei o que estou fazendo. Eu costumava vir aqui com frequência quando era garoto.
— Eu não estou preocupada.
— Otimo. Sabe, cheguei à conclusão de que uma vez que ninguém conhece o paradeiro de Peg Rhodes e Cacto Moser, o melhor que temos a fazer é seguir a segunda opção.
— E qual é?
— Encontrar a mina Cara de Sorte.
Uma luz de compreensão brilhou nos olhos azuis de Kitty.
— Você acha que a mina deve estar em algum lugar perto da cidade fantasma, não é?
Ele atirou-lhe um rápido olhar.
— Mulher brilhante!
— Eu sei que sou. — Por algum tempo, Kitty ficou mordendo o lábio inferior, pensativa. Alguma coisa a estava intrigando, era evidente. — Como vamos saber onde a mina está?
— Nós não vamos saber.
Ela olhou-o como se tivesse ficado maluco.
— Então como diabo vamos encontrá-la?
— *Nós* não vamos, mas *você* vai.
— Eu?
— Vou lhe explicar — disse Strong, com toda a paciência. — Você é uma fotógrafa talentosa.
— Muito obrigada, mas e daí?
— É também uma artista. Está acostumada a ver o mundo com olhos

diferentes das pessoas comuns.
Impaciente, ela tamborilou os dedos no painel.
— Isso é mais um dos seus incríveis truques de advogado?
— Kitty, meu anjo, se você ao menos prestasse atenção, em vez de desconfiar de tudo o que digo... No meu bolso tenho a foto de vovô O'Kelly em frente à mina.
— Hum, num.
— Você trouxe a sua câmera e lentes fotográficas, não trouxe?
— Claro.
— Quando chegarmos à cidade fantasma, o que acontecerá em poucos minutos, vamos tentar recriar a foto do meu avô, comigo posando no lugar dele!
O queixo de Kitty caiu.
— Essa é a sua brilhante ideia?
— Eu nunca disse que era uma "brilhante ideia". Só falei que era uma ideia. Por acaso tem alguma melhor? Não se acanhe em dizer — incentivou-a, irônico.
— Não — ela viu-se obrigada a reconhecer. Depois concedeu: — Pode dar certo. — Ela jogou os longos cabelos castanho-dourados para trás e ajustou melhor o chapéu. — Para ser sincera, é uma solução bastante criativa para um problema incomum.
— Obrigado. Eu sempre achei que um dia você acabaria reconhecendo meus outros talentos criativos. — O tom de Strong era eroticamente sugestivo.
Kitty caiu na risada, completamente vencida pelo charme irresistível daquele homem. E Strong juntou-se a ela na risada.
Ainda estavam rindo quando ele, manobrando habilmente o jipe, chegou ao alto da colina que vinham subindo, onde parou o veículo.
— Aqui estamos — anunciou.
— Aqui? — Kitty olhou em torno desapontada. — O que é isto?
— A cidade fantasma de Cara de Sorte.
— E isso aí?
Strong olhou-a, divertido com a sua ingenuidade.
— O que esperava? Uma cidade de faroeste feita só de fachadas, com as dos estúdios de cinema?
— Mas não há nada aqui além de mato e algumas madeiras podres.
Saltando do jipe, Strong apoiou-se na porta e dirigiu o olhar para o horizonte distante.
— Cara de Sorte é apenas uma entre as centenas de outras cidades

fantasmas do oeste dos Estados Unidos. Oculta nas colinas, não passa de um conjunto de velhos edifícios de madeira, carcomida pelo tempo, pregos enferrujados e ferraduras espalhados por aí, pedaços de vidro colorido, um cemitério abandonado, com as lápides quebradas, os nomes e datas apagados pela chuva e pelo sol de muitas décadas.
— Você parece saber muita coisa sobre esta cidade em particular. Como era ela, no passado? — Kitty perguntou interessada, a despeito de si mesma.
— Começou como uma pequena comunidade vivendo da mineração. Os mineiros ergueram suas tendas, faziam sua comida em fogueiras, enquanto procuravam por ouro, prata, cobre ou mercúrio. Os preciosos metais de que ouviam falar estavam sempre ocultos nas montanhas, nas rochas, nos *canyons.* Às vezes, comunidades que se iniciavam assim acabavam recebendo depois gente decente, disposta a fundar escolas, igrejas e estabelecimentos comerciais, tornando-se assim verdadeiras cidades. — Strong deslizou um braço pelos ombros de Kitty, que viera postar-se a seu lado, e prosseguiu: — Mas outras, como esta, acabaram morrendo. Cara de Sorte tornou-se uma cidade fantasma muito antes de nós dois termos nascido. Lembro que meu avô me trouxe até aqui pela primeira vez quando eu ainda era bem pequeno. E já era uma ruína, na ocasião. Quase igual ao que é hoje. Kitty estremeceu de leve.
— Você está com frio? -— ele perguntou, solícito. — Posso pegar a sua jaqueta.
Sacudindo a cabeça, ela recusou.
— Acho que alguém pisou no meu túmulo. — E riu. — Bobagem, tive um mau pressentimento, só isso. Vamos andar?
— Vou lhe mostrar tudo o que há para ver.
Eles caminharam alguns metros e Strong indicou um local um pouco adiante.
— Está vendo esse mato alto? Aí costumava ser a rua principal. Ainda se podem ver alguns edifícios, cujas fachadas se mantém mais ou menos de pé. Um deles tem até um pedaço de cortina de renda numa das janelas.
— Que ruído foi esse? — Kitty sobressaltou-se de repente.
— Uma tabuleta balançando ao vento, pendurada em velhas correntes enferrujadas. Lugares estranhos, essas cidades fantasmas.
— Você está me fazendo ficar toda arrepiada.
— Não se preocupe. Não há nada aqui que possa nos causar mal.
Kitty tentou sorrir.

— Nesse caso, quando vamos começar a procurar?
— Agora mesmo.
Voltando ao jipe, trataram de pegar os respectivos equipamentos. Strong foi separando os itens de que necessitava.
— Um par de binóculos, uma bússola, uma pá, uma picareta, um facão.
O último item chamou a atenção de Kitty.
— Um facão? Que diabo você vai fazer com isso?
— Limpar a entrada da mina, se estiver coberta pelo mato. Aliás, um facão é sempre um objeto útil de se ter à mão. Você está pronta? Tem tudo de que precisa?
— Pronta como nunca, chefe — ela respondeu, olhando-o com novo respeito. Além de competente adVogado, Strong era também um aventureiro do calibre de um Indiana Jones. Só faltava o chicote...
Com o facão pendurado na cintura, e a mochila às costas, ele seguiu à frente, indicando o caminho.
— Ideia brilhante uma ova! — resmungou Kitty bem mais tarde, olhando pela enésima vez pela teleobjetiva de sua câmera. Strong encontrava-se parado a alguma distância, em frente a uma formação rochosa.
A formação rochosa errada.
Colocando as mãos em concha ao redor da boca, Kitty gritou:
— Não é essa!
Dando de ombros, ele pegou a mochila com o equipamento de mineração e apontou para um amontoado de rochas, terra e árvores anãs a alguns metros de onde se achava.
— Por que não? — Kitty murmurou consigo mesma. — Qualquer monte de pedras é tão bom quanto outro.
Não queria ser desmancha-prazeres, ela pensou. Tinha sido bastante compreensiva... nas primeiras três horas de busca. Mas no momento encontrava-se exausta e suada. Sem falar na fome e na sede que sentia. Todo seu corpo doía do esforço de carregar o equipamento fotográfico de um lado para outro, por quilómetros. E devia ter perdido seu habitual senso de humor numa das últimas formações rochosas.
Erguendo o olhar, viu que Strong já havia se posicionado em frente ao amontoado de rochas que indicara. Mais uma vez, Kitty colocou a câmera em frente ao rosto e espiou pela teleobjetiva. Depois, com um suspiro de cansaço, baixou o equipamento.
De repente, uma lembrança atingiu-a como um golpe físico e ela tornou a olhar pela teleobjetiva.
Não podia ser.

Enfiando a mão no bolso do jeans tirou de lá a velha foto de Michael O'Kelly em frente à mina e estudou-a com atenção. Em seguida, ergueu a câmera e fez o mesmo em relação à peculiar formação rochosa em frente à qual Strong estava parado.
Havia uma indiscutível similaridade entre, as duas formações geológicas.
— Pode ser essa — murmurou, examinando mais uma vez a foto e a paisagem.
Era a própria.
Deixando a câmera pender pela correia, entre os seios, gritou o mais alto que pôde:
— É essa!
Um fraco eco voltou a seus ouvidos:
— É essa?
Dando pulos de alegria feito uma criança, Kitty agitou os braços, gritando até perder o fôlego:
— E essa! É essa!

CAPITULO XIV

- Eu falei que o facão seria útil, não falei? — declarou Strong enquanto cortava, com golpes vigorosos, a espessa vegetação que cobria a entrada daquela que supunham ser a mina Cara de Sorte.
— Cuidado para não cortar fora alguma coisa importante — preveniu-o Kitty, observando o resultado de cinquenta anos de trabalho da natureza.
— Não se preocupe, doçura. — Ele baixou o olhar, significativamente, para a frente da calça jeans. — Estou tomando todo o cuidado.
Kitty ergueu as sobrancelhas, com expressão de paciência.
— Eu estou me referindo a dedos da mão, do pé, e outros apêndices.
Fazendo uma pausa, Strong enxugou o suor da fronte com as costas da mão, e sorriu malicioso.
— Eu também.
Apesar de tudo, ela caiu na risada.
— Você não tem jeito mesmo. Só pensa *"nisso"* — brincou.
— Espero sinceramente que sim.
Os quinze ou vinte minutos seguintes foram gastos na limpeza da entrada da caverna. Finalmente surgiu uma abertura de tamanho suficiente para permitir a passagem de uma pessoa.
Apontando a lanterna que havia trazido para o interior escuro, Strong observou o local.
— Vou entrar e verificar a situação. Quero testar os suportes das galerias, se é que existem, descobrir se é mesmo uma mina, como

imaginamos. Enquanto isso, você fica aqui quietinha, à minha espera. Entendeu?
Apesar de não gostar da sensação de ser deixada para trás, Kitty entendeu as razões de Strong. E não conseguiu evitar a repetição das palavras que dissera anteriormente:
— Por favor, tenha cuidado. E não demore muito, viu?
— Apenas o necessário. E não se preocupe. Tomarei cuidado.
Inclinando-se, ele cobriu os lábios carnudos com os seus, num beijo exigente, devastador, que a deixou toda trêmula, e desapareceu no interior da caverna.
Andando de um lado para outro na frente da mina, Kitty aguardou.
De trinta em trinta segundos, consultava o relógio, rezando, roendo as unhas.
De vez em quando, interrompia a agitada caminhada e arriscava um olhar para o interior escuro, tentando ver alguma coisa. Mas não se via quase nada.
Então, punha-se a xingar o destino, Strong, Michael O'Kelly, seus dois sócios, e todo o sexo masculino em geral.
Cinco minutos se passaram. Mas lhe pareceram cinco séculos.
Depois dez.
Kitty chegou à conclusão de que o louco que afirmara (teria sido o grande poeta John Milton?) que: "Muito fazem os que têm paciência de esperar", nunca devia ter ficado nessa situação. Era uma agonia.
Estava a ponto de mandar às favas as recomendações de Strong e entrar também, quando viu o brilho da lanterna. Em seguida ele surgiu do lado de fora.
Sem conseguir dizer uma palavra, Kitty correu para junto dele, abraçando-o com força pela cintura, como se não fosse largá-lo nunca mais. Afundou o rosto no peito másculo, deixando correr algumas lágrimas de alívio.
Strong estava quente e suado, mas isso não tinha importância. Sua camisa molhada colava-se aos músculos vigorosos, e ele achava-se coberto dos pés à cabeça por uma fina camada de poeira, que agora manchava também o rosto, o suéter, o jeans de Kitty. Nada disso, porém, a incomodava, dominada como se encontrava pela profunda felicidade de vê-lo vivo e bem.
— Puxa, acho que devia me aventurar com mais frequência no desconhecido — Strong brincou, segurando o rosto lindo com as duas mãos, e fazendo-a olhar para ele. — Uma recepção dessas vale

qualquer perigo que um homem tenha de enfrentar.
— Eu estava preocupada com você — ela confessou. — Você demorou tanto...
— Menos de quinze minutos.
— Pareceu uma eternidade aqui fora.
— Você está bem? — Strong perguntou, preocupado com a palidez dela.
— *Agora* estou.
O belo rosto bronzeado abriu-se então num sorriso, que fez brilharem ainda mais os olhos verdes, e ele informou:
— Encontramos a mina. A Cara de Sorte.
— Tem certeza?
Ele estava entusiasmado:
— Quase certeza absoluta. Noventa por cento. Kitty deixou-se levar também pela excitação:
— É seguro entrar aí dentro?
Com um decidido aceno de cabeça, Strong confirmou. — Uma vez ultrapassada a entrada, você se encontra realmente numa caverna. É possível ficar de pé sem problemas. Tratase de rocha sólida, firme. Seria preciso um terremoto para provocar um desabamento, acredite.
— E o ouro? — A voz de Kitty soou ansiosa. — Há vestígios de ouro?
A expressão das feições másculas era inescrutável.
— Venha ver por si mesma — foi tudo o que disse. Strong entrou primeiro, segurando-a pela mão, guiando-a
através da estreita passagem, e depois para o salão principal da caverna.
— Nossa, como é grande aqui dentro! — ela exclamou, ouvindo a própria voz ecoando ao longo das paredes.
Erguendo a lanterna, Strong tentou iluminar melhor o ambiente, mas sua vastidão permitia que a luz atingisse apenas alguns pontos.
— Acredito que este lugar tenha cerca de dez metros de altura, no ponto mais alto, e cerca de vinte a trinta de extensão.
— É enorme. — Kitty agarrou-se com mais força à mão de Strong. — Tem alguma coisa brilhando ali adiante, ou foi impressão minha?
— Vamos dar uma olhada — ele sugeriu, em tom casual.
— Meu Deus! — Kitty mal conseguia respirar de tanta excitação.
A sua frente, na parede rochosa, viam-se veios de um amarelo brilhante, alguns da grossura de um polegar masculino, outros ainda mais largos. Depósitos de luminescente metal amarelo engastados em rochas de todos os tamanhos e formas. *Ouro.* Kitty sentiu uma onda de calor

queimar-lhe as faces.
— Deve haver uma fortuna aqui. O resgate de um rei. Milhões de dólares. Talvez mais.
— Talvez. *Ouro.*
— Strong, você está rico.
— Você acha? — ele perguntou numa voz estranha.
— Claro. A mina era do seu avô, não era? E agora é sua.
— E se eu não for rico?
Voltando-se, Kitty estudou-lhe o perfil à luz da lanterna.
— O que quer dizer com isso? Strong encarou-a.
— Faria diferença para você?
— Você ser rico ou pobre?
— Essa é a questão.
De repente, Kitty percebeu que ele não estava brincando. A pergunta era séria. Muito séria.
— Não fez a menor diferença, dez anos atrás. E faz menos ainda agora.
— Gostaria de poder acreditar nisso.
— Posso provar. Damos as costas e saímos deste lugar agora mesmo. Para nunca mais voltar. E nunca falaremos a respeito. Podemos até dinamitar a entrada, ocultando-a para sempre. Não me importo com riquezas. Nunca me importei. — Kitty estava sendo sincera. — Talvez por sempre ter tido dinheiro, não sei... — E deu de ombros.
— O que é importante para você, então?
— Você — ela declarou com uma veemência que surpreendeu a ambos.
— Você é importante para mim.
Strong aproximou-se mais.
— Deixe-me lhe mostrar uma coisa, querida.
— *Num* é a coisa mais *bunita* que *oceis* já viram? — A voz abafada, andrógina, ofegante, veio de um ponto qualquer atrás deles.
Ambos voltaram-se, sobressaltados, na direção do som.
Uma silhueta escura achava-se parada à entrada da caverna, tendo numa das mãos um objeto irreconhecível na obscuridade, e na outra uma lanterna de bolso, o feixe luminoso apontando para os dois.
Quando a luz foi baixada, Strong e Kitty puderam ver que a pessoa vestia um velho macacão de jeans desbotado e uma camisa comum, com as mangas enroladas até os cotovelos. Nos pés trazia velhas botas de trabalho, e um chapéu mole, de abas caídas, ocultava-lhe a maior parte do rosto.
— As *coisa* ficaram bem mais faci já que nenhum d'o*ceis* quer o ouro. É,

fico tudo bem *mior* pra *nóis* tudo.
— Eu estou reconhecendo essa voz — Kitty sussurrou para Strong.
— Cala a boca, *minina.* Ninguém mandou *ocê fala.* Tomando a mão de Kitty, Strong apertou-a, tranquilizador.
— Quem diabo somos "todos nós"? — perguntou, indiferente, absolutamente calmo.
— *Num* banque o espertinho comigo, meu *rapaiz* — disse a voz roufenha. — Sei que é um desses *divogado falado.* Nunca *criditei* em *divogado.*
— Qual dos dois é você? Pelo menos nos diga isso. Peg Rhodes ou Cacto Moser?
Isso provocou uma risadinha deliciada.
— *Inganei ceis* dois o tempo todo, né? *Ceis* nunca *sou-berum.* Nem *divinharum.*
De repente, uma ideia ocorreu a Kitty. Algo em que já deveria ter pensado havia muito. Largando a mão de Strong, deu um passo na direção de feixe de luz.
— Você não é nenhum dos dois, é? — perguntou, com voz macia.
— Fique onde está, *minina.* Kitty avançou mais um passo.
— Você não é nem Rhodes, nem Moser.
— *Num* chegue perto. — Havia um leve tremor na voz abafada. — Eu tenho um *revorvi.*
Prendendo a respiração, Kitty arriscou:
— Você não vai atirar em mim.
— Como *ocê sabil*
— Não acredito que tenha ferido alguém em toda a sua vida. E não vai começar agora.
— *Ocê num podi sabe* disso! — gritou o estranho.
— O que você está fazendo é por amor, não é?
— *Ocê* tá *querendu mi cunfundi, minina.*
A confiança de Kitty crescia a cada momento.
— Por que não baixa o revólver antes que alguém saia ferido acidentalmente? Assim poderemos falar de mulher para mulher.
— Mulher para mulher? — Strong repetiu, com incredulidade na voz.
— Como *ocê discubriul* — A figura curvada perguntou a Kitty.
— Sexto sentido, talvez. Ou intuição feminina. Ou ainda porque entendo o que é amar um homem de todo o coração, com todas as forças.
Ouviu-se um gritinho abafado.
— Meu Deus!

— Por que não trata de baixar o revólver?
— Não tem balas, de qualquer jeito — confessou a figura derrotada, à entrada da caverna, a maneira inculta de falar desaparecendo de repente?
Strong e Kitty aproximaram-se até poderem ver claramente a velha mulher.
— Você é a namorada de Cacto Moser? — perguntou Kitty.
A cabeça inclinada balançou afirmativamente. Em tom calmo, apaziguador, Kitty continuou:
— Qual é o seu nome?
A mulher levantou a cabeça, empurrando o chapéu para trás e revelando os olhos tristes, marejados de lágrimas.
— Meu *nomi* é Ida Pearl.

CAPITULO XV

- Quer falar sobre o caso agora, Ida Pearl? — pressionou Strong, assim que os três se encontraram á luz do dia, sentados sobre rochas à frente da caverna.
A velha senhora assoou o nariz no lenço gentilmente oferecido por Kitty, e encarou Strong.
— Agora que posso ver você na claridade, percebo que é a cara daquele patife de Michael O'Kelly. Principalmente os olhos. Você tem os mesmos olhos dele.
— Eu sei. — Strong permaneceu sério.
— Claro, você é muito mais alto e forte.
— Assim me disseram.
— Ouvi dizer que conseguiu ser alguém na vida. — Ela deu-lhe um sorriso trémulo.
— Sou advogado. Mas isso você já sabe.
— Há advogados e advogados.
— Isso é verdade. Kitty resolveu interferir:
— Strong é um advogado maravilhoso que faz o máximo para ajudar os clientes.
Ida Pearl acenou com vigor.
— Trouxe orgulho ao nome O'Kelly então, garoto.
— Garoto não. Homem.
Os olhos envelhecidos ainda conservavam-se cheios de vivacidade.
— Isso eu estou vendo. Sem dúvida você é um homem, um belo homem.
Strong dessa vez não retrucou, embaraçado.

— Ouvi dizer — continuou a mulher — que você esteve reformando a Casa de Pedra, tornando-a sólida de novo.
— Estou me esforçando para isso.
— É, isso tornou as coisas mais difíceis para mim — ela confessou. — Imaginei que o que quer que Michael O'Kelly tivesse deixado, deveria estar naquela casa. Então, fui até lá e descobri que você estava morando lá. — Sacudindo a cabeça, continuou: — Eu nunca fiz nada de errado como invadir a propriedade de alguém, antes. A não ser para caçar coelhos ou algo assim. Peço desculpas por ter entrado na sua oficina para roubar a foto de você com a sua garota aqui.
Os lindos olhos verdes de Strong se estreitaram perigosamente.
— Eu não gostei nada disso. A velha suspirou.
— É, não achei que fosse gostar.
— Você não tinha o direito. Se você fosse um homem e mais jovem, eu lhe daria uma lição que jamais esqueceria.
— Ainda bem que não sou.
— Mesmo assim, posso mandá-la para a cadeia por fazer o que fez.
— Você está muito zangado com a velha Ida Pearl, não está? — Ela enxugou o rosto úmido de lágrimas no lenço e enfiou o pedaço de pano no bolso da camisa.
— Não vou negar isso, Ida Pearl — admitiu Strong. — Mas gostaria de saber o motivo de você fazer o que fez.
Tirando o chapéu, ela correu os dedos deformados pela artrite pelos cabelos brancos, declarando, lacônica:
— Tive minhas razões.
— Foi pelo ouro?
A pergunta fez com que Ida Pearl erguesse a cabeça. Lágrimas tomaram a correr dos olhos azuis, mas ela não se importou.
— Pelo ouro? Acha que eu queria aquele maldito ouro? Odeio essa coisa. Arruinou a minha vida. Arruinou a vida *dele.* E uma doença, um vício pior que a bebida, ou qualquer outra droga. — Detendo-se, a velha senhora tentou coordenar os pensamentos. Ao prosseguir, havia um mundo de tristeza na voz rouca — Sabe o que dizem a respeito do ouro? Que é uma febre. Uma vez que entra no sangue de um homem, este nunca mais consegue livrar-se. A única cura é a morte.
Estendendo a mão, Kitty afagou o braço da velha mulher.
— Por *quem* você fez isso, então?
Ida Pearl ergueu o olhar, fixando-o nas montanhas distantes.
— Fiz por ele. O homem que eu amo. E por mim mesma também.

Queria realizar seu último desejo. Queria ver os olhos dele quando tivesse o ouro nas mãos, quando soubesse que o possuía. Então, ele poderia morrer em paz.
— Que fim levou Peg Rhodes? — perguntou Strong.
— Aquele velho ingrato — ela respondeu, com uma risadinha de desprezo. — Foi para a Califórnia morar com a sobrinha, depois que perdeu a perna num acidente numa mina.
Strong e Kitty olharam surpresos um para o outro.
— Vocês não sabiam sobre o velho Peg, sabiam?
— Não — Strong respondeu pelos dois.
— Todo aquele sol parece que combinou com ele. Pelo menos foi o que escreveu num postal que nos mandou uma vez.
— Quando foi isso?
Ida Pearl refletiu um instante.
— Acho que foi em mil, novecentos e setenta e nove. É, foi no verão de setenta e nove.
Strong ainda tinha perguntas a fazer.
— E Cacto Moser?
A mulher ficou um bom tempo calada, antes de responder, com simplicidade:
— Cacto não vai sair dessa.
Inclinando-se, Strong apoiou os braços nas coxas musculosas.
— O que quer dizer com isso?
Os lábios da velha senhora puseram-se a tremer visivelmente.
— Ele está com câncer.
Calado, Strong observou Kitty afagar gentilmente a mão da mulher mais velha.
— Está muito doente?
— Muito. Em estado terminal.
— Então você fez tudo isso por ele. Embaraçada, Ida desviou o olhar.
— Queria lhe dar a coisa que Cacto mais desejou em toda essa maldita vida. A droga daquele ouro.
— E como foi que descobriu a existência dele? Ela estava mais que disposta a dizer a verdade.
— Os remédios que Cacto toma para diminuir as dores do câncer algumas vezes o fazem delirar. E ele fica repetindo todo o tipo de coisas. Falou várias vezes sobre a sociedade que fez com Michael O'Kelly e Cluster Rhodes em mil, novecentos e trinta e oito. E sobre a mina Cara de Sorte. Como ia fazer com que os três ficassem ricos. Ricos como reis.

Eu sabia que não passava de um sonho. — Ida esfregou os olhos cansados. — Mas era o sonho de Cacto.
— Você o ama muito, não? — Kitty perguntou, comovida a despeito de si mesma.
— Muito. Embora não saiba por quê. Tudo que ele jamais* amou na vida foi o maldito ouro — confessou a mulher.
— De qualquer forma, quando o médico me falou que não havia mais esperança, comecei a planejar as coisas. Cacto gostava de conversar sobre os velhos tempos. Não foi difícil arrancar as informações de que eu precisava. Venho trabalhando nisso há seis meses.
— Você foi muito esperta — afirmou Strong, esticando as longas pernas.
— Tive de ser.
— Deve ter tido muito trabalho para descobrir sobre os papéis de anulação do nosso casamento.
—= Conhecia um advogado que não era muito honesto. Foi ele que me informou sobre a anulação do seu casamento com uma rica herdeira, dez anos atrás. E aceitou verificar os papéis para saber o motivo. Eu precisava descobrir um jeito de levar você a procurar a mina para mim. Ficamos surpresos quando descobrimos que a anulação não era legal.
— Ela olhou de um para o outro. — Vocês não sabiam que ainda eram casados, sabiam?
O maxilar de Strong apertou-se.
— Não, não sabíamos.
— Ficamos aborrecidos, Cacto e eu, de que o seu passado tivesse quer ser remexido assim. Não queríamos fazer nenhum mal a você ou à garota, Strong. Só queríamos fazer o que fosse preciso para Cacto obter o seu ouro, afinal.
— Você me assustou com aquele telefonema — disse Kitty.
— Eu sei, menina, eu sei. Vou para o túmulo levando o remorso pelo que fiz. Sei que o bom Deus vai me punir pelo que fiz vocês passarem.
— Ida Pearl fez o sinal da cruz. — Acho que vou ficar muito tempo no purgatório.
Strong fitou o rosto da velha senhora, marcado por fundas linhas de preocupação e remorso. O que Ida fizera tinha sentido, de uma certa maneira. Se ela fosse homem e mais jovem, ele teria o maior prazer em dar-lhe uma boa surra, apesar de compreender-lhe as razões. Mas se tratava de uma mulher idosa... e solitária.
— O que vai fazer comigo agora? — Ida Pearl perguntou então. — Vai

me pôr na cadeia? Ou posso voltar antes para Jasper para dizer adeus a Cacto?
Passando a mão pela testa, num gesto de cansaço, Strong refletiu algum tempo. Em seguida, "tomou a decisão que lhe pareceu certa:
— Nada disso.
A expressão de Ida era de quem não estava entendendo nada.
— Você não vai para a cadeia — explicou Strong. — E nem precisa dizer adeus a Cacto, pelo menos enquanto ele viver.
— Não entendo. Não entendo — a velha senhora repetia, confusa.
Levantando-se, Strong endireitou as costas doloridas, e dirigindo-se às duas mulheres, falou:
— Venham comigo. Quero lhes mostrar uma coisa. Intrigadas, Kitty e Ida o seguiram para dentro da mina.
— O que é? — perguntou Kitty.
Conduzindo-as até a parede de rocha com os veios amarelos, ele ergueu a lanterna.
— É bonito, não? — E *parece* ouro.
— Como assim, *parece* ouro? — Até Kitty ficou abalada.
— Não é ouro? — perguntou Ida Pearl, com voz fraca. Pegando o facão, Strong arrancou uma pepita do tamanho
de seu polegar, e exibiu-a à luz da lanterna.
— Trata-se de pirita, o mais comum dos minerais sul-fúricos. É um compostos de ferro e enxofre. O nome vem da palavra grega para *fogo.* Se a atingirmos com um pedaço de metal — colocando no chão a pepita, golpeou-a com força com o facão —, ela solta fagulhas.
— Credo! — exclamou Ida Pearl.
— Algumas vezes — continuou Strong —, a pirita é confundida com ouro, por garimpeiros iludidqs com o seu brilho metálico e a cor amarela. Por isso, é também chamada de "ouro dos tolos".
— Ouro dos tolos... — repetiu Kitty, com voz abafada.
— Foi por isso, então? Por isso que Michael O'Kelly foi para o túmulo sem dividir a sua fortuna com os sócios...
— Nunca houve fortuna alguma — Strong declarou, alto e claro. -— Nunca existiu ouro. Vovô sempre soube que a mina Cara de Sorte não valia nada.
Depois de um instante, Kitty perguntou:
— Como você sabe?
Abaixando-se, Strong pegou do chão um pedaço de madeira meio apodrecido.

— Encontrei isto quando entrei sozinho na caverna. Vou ler para vocês.
— Depois de iluminá-la com a lanterna, ele leu a inscrição de meio século, em voz alta: — "Nem tudo que reluz é ouro. Assinado, Michael O'Kelly, mineiro e cavalheiro".

CAPITULO XVI

Assim que se viram novamente no exterior mina, Strong dirigiu-se a Ida Pearl:
— Estou disposto a esquecer tudo o que você nos fez passar, mas sob duas condições...
A velha senhora endireitou o mais que pôde as costas curvadas pelos anos, resolvida a enfrentar qualquer punição que lhe fosse infligida.
— Quais são as condições? — perguntou, encarando Strong com coragem.
Ele permaneceu um instante calado, um homem alto, de ombros largos e físico perfeito; os cabelos escuros desmanchados pelo vento, o rosto atraente, inteligente, honesto, os olhos verdes como esmeraldas em contraste com a pele bronzeada. Kitty nunca o vira mais bonito do que naquele momento.
— Em primeiro lugar — falou afinal com uma solenidade adequada às circunstâncias —, você vai me dar a sua palavra de honra de que nunca mais fará uma coisa dessas.
— Eu juro — prometeu Ida —, e que Deus me ajude. Tirando alguma coisa do bolso da camisa, Strong pegou
a mão enrugada da velha senhora, virou-a de palma para cima, e ali colocou o objeto.
— Nossa! — exclamou Ida, abismada. — É a maior pepita de ouro que já vi!
— Não *exatamente* ouro — ele lembrou —, mas talvez Cacto não perceba a diferença.
Ela entendeu de imediato e lágrimas formaram-se nos cantos de seus olhos.
— Cacto não vai saber. Sua vista já não é o,que costumava ser.
— Esta é a segunda condição — Strong continuou, com firmeza. — Quero que leve essa pepita para ele, e o faça prometer guardar segredo. Depois, conte-lhe histórias maravilhosas a respeito da mina e mantenha o sonho vivo enquanto Cacto viver. — Os olhos verdes focalizaram as montanhas distantes no horizonte. — Todo ser humano tem direito a sonhar.
— Você é uma pessoa excelente, Strong O'Kelly — declarou a velha

senhora, emocionada. — A melhor que já conheci.
Observando a cena, Kitty lutava contra as lágrimas que teimavam em lhe correr pelas faces.
Ida Pearl voltou-se então em sua direção, observando-a com perspicácia.
— Você arranjou um grande homem, menina.
— Eu sei — Kitty conseguiu dizer, com voz trémula.
— Tome conta dele. Não seja tola como eu fui. Se você o ama, diga-lhe isso.
— É melhor você ir para casa agora — interrompeu-a Strong. — Está ficando tarde, e Cacío deve estar preocupado com a sua demora.
— Eu... eu não sei como agradecer — balbuciou a velha senhora.
— Não é preciso. Só tem que cumprir as nossas duas condições.
— Não vou esquecer. — Colocando a pepita de pirita no bolso do macacão, onde ficaria seguramente guardada, Ida Pearl estendeu a mão para Strong.
— Acho que é hora de nós voltarmos, também — ele falou para Kitty assim que a mulher desapareceu de vista.
— Deve escurecer dentro de uma hora, mais ou menos — acrescentou, olhando para o céu.
Com a eficiência costumeira, Kitty começou a juntar o equipamento.
— Nesse caso, é melhor nos apressarmos — declarou.
— Gostaria de estar em casa antes da noite cair.
Por alguma razão, essas palavras trouxeram um sorriso aos lábios de Strong.
Encontravam-se no jipe, sacolejando colina abaixo, em direção à estradinha poeirenta e à civilização, quando tornaram a falar.
— Estive pensando — começou Strong.
— No quê?
— De um modo bastante estranho, acho que Ida Pearl e Cacto Moser acabaram nos fazendo um favor.
— Como assim?
Strong esfregou o queixo, pensativo.
— Bem, se não fosse pela interferência deles, nós segui-ríamos pela vida sem saber que ainda éramos casados.
— Isso é verdade — Kitty concordou.
Mas seria bom ou mau? Era uma pergunta que Kitty tinha medo de fazer, tanto a Strong quanto a si mesma.
Estacionando o jipe, uma hora depois, diante da Casa de Pedra, Strong

informou:
— Acho que a única coisa que temos para comer é ravióli em lata.
Kitty mordeu o lábio inferior, no esforço de conter uma risada.
— A despensa e o congelador estão vazios? Ele desligou a ignição.
— Não costumo estocar mantimentos. Não sou um bom cozinheiro.
— O que você come, habitualmente? — perguntou Kitty, preocupada.
Strong encolheu os ombros com indiferença.
— Pizza. Sanduíches. Comida congelada. Qualquer coisa que seja fácil e rápida. — Os fascinantes olhos verdes fitaram os azuis. — Que tal tomarmos um bom banho e sairmos para jantar?
Kitty correu o olhar por sua roupa e botas cobertas de poeira. Estava mais cansada do que com fome.
— Não. Posso dar um jeito. Acho que ainda há outra caixa de pizza no fundo do seu congelador.
O alívio de Strong foi evidente.
— Vamos deixar o equipamento no jipe. Amanhã eu cuido de descarregar.
Para Kitty estava ótimo assim. Tudo o que queria era um banho quente e roupas limpas.
Horas depois encontravam-se ambos de banho tomado, alimentados, talvez não muito bem, era verdade, e instalados no sofá do *living.* A noite estava fria, como frequentemente acontece nas montanhas, mesmo no verão. Strong foi então acender as achas de lenha já arrumadas na lareira, e logo um belo fogo crepitava. A única outra luz no ambiente vinha de um pequeno abajur numa mesa de canto. Era um perfeito cenário romântico, e um súbito nervosismo dominou Kitty.
Agitada, ela cruzou e descruzou as mãos no colo, ajeitou as almofadas atrás das costas pela terceira vez em poucos minutos. Clareando a garganta, abriu a boca para falar, mas fechou-a de novo, sem dizer palavra.
Por que se sentia tão pouco à vontade? Por que estava tão nervosa? Como uma adolescente em seu primeiro encontro com o namorado? Afinal, aquele homem era seu marido!
Esse era o problema, claro.
Os próximos minutos, a próxima hora, podiam ser decisivos para o seu futuro inteiro.
Strong lidou mais alguns minutos com as achas de lenha, avivando o fogo, e depois veio sentar-se de novo ao lado dela.
Kitty ouviu-o inalar profundamente e em seguida soltar devagar a

respiração.
— Acho que é hora de termos uma conversa séria.
Conservando os olhos nas labaredas que dançavam e crepitavam na lareira, sua cor mudando rapidamente do azul para o vermelho e amarelo, Kitty respondeu:
— Também acho.
— Por onde quer começar? Pareceu apenas lógico sugerir:
— Pelo começo, é claro. Acho que a primeira coisa que precisamos esclarecer é o que aconteceu há-dez anos.
— Concordo — ele apressou-se a dizer.
Kitty engoliu em seco. Era difícil, mas precisava colocar para fora a amargura que ficara guardada todos aqueles anos.
— Você mentiu para mim — conseguiu dizer, afinal. Sem hesitar, Strong contra-atacou:
— E você não ficou do meu lado.
Depois de um longo momento de silêncio, ela declarou:
— Voltamos à estaca zero. Pelo jeito, nada mudou. Strong apertou os lábios e correu os dedos pelos cabelos
fartos. Em seguida, protestou:
— Muita coisa mudou.
— Apenas *algumas* coisas — ela o corrigiu. -Ele praguejou baixinho:
— Eu era louco por você.
De repente, Kitty sentiu vontade de chorar. Mordendo o lábio inferior, tentou dominar a emoção.
— Eu também era louca por você.
Numa voz abafada, tensa, ele acrescentou:
— Eu quase não consegui continuar vivendo, depois que nos separamos.
— Eu também — ela admitiu afinal, torcendo uma mecha dos longos cabelos entre os dedos.
Pela primeira vez, Strong parecia a ponto de perder o autocontrole.
— Eu te amava e odiava ao mesmo tempo. Num murmúrio angustiado, Kitty deixou escapar:
— E eu fiquei arrasada. Levei um tempo enorme para superar o sofrimento.
— Eu também custei a me levantar.
Ela não podia esperar mais. Precisava saber.
— Por quê? Por que você mentiu sobre a sua idade? Uma veia saltava no maxilar dele.

— Acho que por medo de que, se você soubesse que eu só tinha dezessete anos, não quisesse sair comigo.
— E não teria saído mesmo — Kitty declarou, com franqueza.
— Nesse caso, eu estava certo.
— Certo e errado. Nunca devia ter mentido para mim
— insistiu Kitty.
Colocando as mãos nos ombros dela, Strong obrigou-a a voltar-se de frente para ele.
— Eu te desejava tanto que teria feito qualquer coisa... *Qualquer coisa,* Kitty. Você consegue entender? Acrescentar alguns poucos anos à minha idade não me pareceu nada tão terrível na ocasião.
— Para mim, foi. — Anos de frustração vinham à tona.
— Você era um garoto, Strong. Casei comum garoto. Quase um menino.
Como um bastão de dinamite junto de um fósforo aceso, ele explodiu: o velho Cacto — falou, sem se voltar. — Posso entender a febre do ouro que os dominou a vida inteira.
— Febre do ouro? Não... não entendi — ela balbuciou, confusa. — Pensei que você não se interessasse por ouro.
Strong atirou-lhe um olhar por sobre o ombro.
— E não me interesso. Você é a minha febre. Um vício. Entrou no meu sangue e só a morte vai me curar.
De repente, um grande silêncio tomou conta do aposento. Tudo que se ouvia era o crepitar alegre das chamas. Kitty não ousava nem respirar.
— E por que você quer se curar?
A resposta veio num tom baixo e intenso:
— Porque não quero passar a vida inteira desejando uma mulher que não posso ter.
Inspirando fundo, ela sussurrou:
— E quem disse que não pode ter?
Essas palavras o detiveram, deixando-o paralisado por alguns segundos. Depois, lentamente, Strong se pôs de pé, e a encarou.
— O que está dizendo, Kitty?
Ela fez um gesto com as mãos, desamparada.
— Pensei que você soubesse. Que tivesse entendido quando eu falei.
Avançando alguns passos na direção dela, ele replicou:
— Bem, eu não entendi, e ainda não entendo. Por que não me explica?
— Foi quando estávamos na mina. Eu estava falando com Ida Pearl, mas as palavras eram dirigidas a você também.
Deus do céu, Strong não tinha entendido. Por um momento, chegara a

recear que ele não se importasse mais com ela, não *daquele jeito,* pelo menos.
— Diga de novo — exigiu Strong.
— Eu disse para Ida Pearl que entendia os motivos dela ter feito o que fez por Cacto. Disse que sabia o que era amar um homem de todo o coração, e com todas as forças. Porque é assim que eu amo você — ela concluiu, com firmeza emocionada.
Strong avançou outro passo.
— Não *amava,* tempo passado? E sim *ama,* tempo presente?
Os olhos azuis ergueram-se para ele, e estava lá, para ser vista: a verdade, nada mais que a verdade. A voz dela soou baixa, mas carregada de convicção:
— Eu amo você, Strong O'Kelly. Apaixonei-me por você desde o primeiro dia e nunca mais deixei de estar apaixonada.
Ele ainda não estava convencido.
— E ontem à noite? O que você sentiu ontem à noite? Dissemos que não havia passado, nem futuro. Só o presente importava. O momento.
— A noite de ontem — ela lutou para conservar a calma
— foi a noite de ontem. Foi sexo. Ele estremeceu.
— Foi luxúria — continuou Kitty. — Foi paixão, loucura, foi maravilhoso. Mas acima de tudo, foi amor.
Deixando-se cair ao lado dela no sofá, Strong insistiu:
— Tem certeza?
— Tenho. — Kitty jamais tivera tanta certeza na vida.
— Eu fiz *amor* com você, Strong. E eu amo você. Para sempre.
Agora era a vez dele dizer o que ela precisava ouvir. Em vez disso, Strong jogou a cabeça para trás e riu, de pura felicidade.
— Você não vai dizer nada? — Kitty explodiu, zangada, surpreendendo-o. — Não vai me dizer o que a noite passada significou para você?
Os olhos verdes a encaravam, ardentes, fazendo-a derreter por dentro como neve ao sol.
— Eu já disse. Disse tudo ontem à noite.
— Diga outra vez.
Como se fosse um poema de amor, ele declarou:
— Quando você chora, eu choro. Quando você ri, eu rio também. Quando você está com medo, eu tenho medo por você. Quando você é ferida, eu sinto a sua dor. E quando um dia você morrer, eu morrerei também. — Segurando o queixo delicado, Strong mergulhou o olhar no dela e concluiu: — Eu amo você, Kitty. Para sempre.

— Graças a Deus! — ela deixou escapar, meio como uma oração, meio como ação de graças. E colou os lábios aos dele.
Então Strong a ergueu nos braços e carregou-a até o grosso tapete em frente à lareira, deitando-se ao lado dela.
— Há muito tempo eu falei que queria fazer amor com você numa cama de verdade, numa praia de areias brancas, num campo cheio de flores, ou em frente à lareira numa noite fria.
— Eu me lembro — Kitty murmurou, acariciando as faces másculas e traçando o contorno da boca sensual com a ponta dos dedos.
— Prometi fazer amor com você noite e dia. Quero fazer amor com você para sempre.
As mãos dela dirigiram-se aos botões da camisa de Strong, e um sorriso carregado de significado iluminou-lhe o rosto encantador.
— Acho que essa é uma boa hora para começar, não?
— Não poderia ser melhor — ele concordou, enquanto começavam a despir-se um ao outro, com toques suaves e apaixonados.
Quando, porém, Kitty chegou à fivela do cinto que prendia o jeans de Strong, este tornou-se impaciente, afastando-se pelo tempo suficiente para remover o resto das roupas. Depois ficou um instante de pé à luz das chamas, esplêndido em sua nudez, fitando-a com olhos repletos de amor e de paixão.
Céus, ele ainda era a coisa mais linda que Kitty já vira!
— Promessas. Só promessas — ela murmurou.
— O que você disse? Kitty repetiu, bem alto.
Os olhos verdes adquiriram uma expressão que Kitty conhecia muito bem.
— Já sei! — Ele estalou os dedos, como se tivesse acabado de recordar.
— Hoje de manhã eu disse que ia lhe mostrar o que faço com uma esposa malcriada.
— Para falar a verdade — ela o corrigiu —, primeiro você disse que ia me *contar* o que faz com uma esposa malcriada.
Strong ajoelhou-se ao lado dela, e devagar, devagar demais para a impaciência de Kitty, retirou-lhe as últimas peças de roupa, deixando-a nua, o corpo dourado à luz das labaredas tremulantes.
— Acho que prefiro mostrar primeiro — ele falou, as mãos começando a acariciá-la.
Iniciou o passeio pelo ponto sensível atrás da orelha, descendo pelo pescoço delicado, e pelos ombros nus. A boca seguia por onde as mãos haviam passado, mas ele parecia evitar deliberadamente os lugares

mais eróticos, mais excitantes, torturando-a, brincando com ela.
— Strong — Kitty gemeu, frustrada.
— O que foi, amor?
— Por favor!
— Por favor o quê?
— Faça amor comigo, por favor. Quero que você me possua.
Ele sorriu, um sorriso totalmente masculino, de auto-satisfação, malicioso.
— Hum... Deixe-me ver. Não sei se já estou pronto para isso.
Ela olhou para o ponto onde o membro viril tocava seu corpo úmido de paixão, e começou a rir. Strong estava excitado, rígido e duro como uma rocha.
Erguendo então os olhos para o rosto malicioso, declarou:
— Oh... acho que você já está pronto, sim.
— Talvez seja melhor termos certeza — ele sussurrou, eroticamente, cobrindo a boca macia com a sua.
Strong beijou-a, sugou-a, mordiscou-lhe os lábios, até que nenhum pensamento coerente restasse na mente de Kitty. Sua língua quente e impetuosa invadia e explorava o interior da boca aveludada, e Kitty correspondia com igual ardor, exigente, faminta. Era como percorrer a toda velocidade uma montanha-russa. Como fogos de artifício no dia da independência. Como o sol queimando no deserto, raios durante a tempestade, as ondas do mar revolto.
Então, ele deslizou para baixo e começou a sugar-lhe os seios, atormentando os mamilos intumescidos até deixá-la alucinada. Kitty contorcia-se, arqueando os quadris, abrindo as coxas, enterrando as unhas nos músculos rijos dos ombros vigorosos.
Suas reações eram selvagens, primitivas como a paixão que ele lhe provocava, e ela expressava seu desejo com as mãos, a boca, a língua atrevida.
— Meu Deus, Kitty... — Strong gemeu quando os lábios femininos se fecharam sobre o membro rígido, buscando o mais íntimo dos conhecimentos.
Ele era feito de contrastes. Duro e macio ao mesmo tempo. Poderoso e dominador, e ainda assim, vulnerável. Kitty estava adorando a sensação, o cheiro, o gosto de Strong em sua boca. Aquele era o homem que ela amava. Seu marido. Não havia barreiras, nem. tabus entre eles.
No momento em que os dedos de Strong buscaram sua intimidade,

brincando com o botão rígido, deslizando para a abertura aveludada, Kitty já estava toda molhada, quente como o fogo que lhe corria nas veias, pronta para recebê-lo dentro dela. Implorando para ser possuída, penetrada, invadida. Ela o desejava com um ardor nunca antes experimentado. Havia uma promessa, um compromisso em cada toque, em cada carícia.
Ajoelhando-se, Strong colocou-se entre as coxas macias, abertas, convidativas. Achava-se mais excitado do que Kitty podia se lembrar de todas as vezes em que já o vira nesse estado.
Fascinada, ela tomou-o entre as mãos, conduzindo-o para a úmida e macia cavidade.
Uma fina camada de suor cobria a testa de Strong. Seu corpo reluzia, molhado, às chamas da lareira. Uma mecha de cabelos escuros colava-se à fronte, e os músculos dos braços tremiam com a tensão de reprimir a explosão do próprio desejo.
— Eu sei qual é o verdadeiro pote de ouro no fim do arco-íris — ele conseguiu dizer, juntando todo o autodomínio, toda a força de vontade.
— Qual é? — Kitty perguntou, movendo o corpo contra o dele, contraindo os músculos em torno do membro viril, atraindo-o cada vez mais para dentro de si.
— O amor — declarou Strong, arremetendo e mergulhando no corpo feminino, recuando e tornando a invadir, mais rápido e mais rápido, preenchendo-a por inteiro.
Kitty enroscou as coxas nos quadris estreitos e vigorosos, contorcendo-se sem parar, alucinada, e ambos começaram a galgar o cume onde alcançariam um orgasmo delirante.
E quando veio a explosão final, numa última investida de Strong, ele exclamou, antes de derramar sua seiva no interior do corpo feminino, sacudido pelos espasmos da paixão:
— O amor!

EPÍLOGO

A segunda cerimonia de casamento de Katherine St. Clair e Carlos Michael Strongarm O'Kelly foi realizada um mês mais tarde, numa perfeita tarde de junho. No céu de um azul sem nuvens, o sol brilhava, banhando a terra com seus raios dourados. A temperatura agradável convidava à vida ao ar livre.
O ato religioso teve lugar numa bela e antiga capela de estilo espanhol, discretamente decorada com trevos irlandeses e o símbolo navajo de paz e harmonia. No altar, singelas guirlandas de flores do campo.

Em frente de Deus, dos familiares e amigos, Kitty e Strong repetiram os votos pronunciados pela primeira vez dez anos antes.
— Eu recebo esta mulher...
— Eu recebo este homem...
— ... Para amar e honrar...
— ... Na riqueza e na pobreza...
— ... Na saúde e na doença, até o fim de nossas vidas. Quase todos os presentes tinham os olhos úmidos. Mesmo
Sally Bradford, a nova gerente responsável pela filial de Phoenix das Empresas St. Clair, e Mildred Leeper, enxugavam as faces com delicados lenços de renda.
A cerimônia foi concluída com o casal pronunciando as palavras que eles mesmos haviam escrito um para o outro.
Numa voz alta e clara, que podia ser ouvida em todos os pontos da igreja, Kitty declarou:
— Strong, você é meu passado, meu presente e meu futuro. E mais do que todas as riquezas e tesouros deste mundo. — Sua voz suavizou-se para concluir: — Meu único e eterno amor.
Em seguida ela presenteou o marido com a peça mais preciosa de sua coleção de arte navajo: o antigo colar de prata e turquesas que ele admirara em seu escritório, na manhã do seu reencontro.
Por sua vez, Strong colocou no pulso de Kitty um bracelete de "ouro", o metal vindo da mina do avô dele, o responsável por sua atual felicidade, enquanto pronunciava, com voz firme, as mesmas palavras ditas pouco antes por ela.
E quando o padre, encerrando a cerimônia, declarou-os marido e mulher, e com um sorriso, disse a Strong que podia beijar a noiva, este inclinou-se, sussurrando com os lábios quase pousados nos dela:
— Eu sempre fui um cara de sorte, meu amor.
— Eu não era mais um garoto, droga! Quando nos casamos eu já era um homem!
— Você só tinha dezessete anos! — ela gritou.
— E daí? — A voz de Strong elevou-se, zangada, desafiadora. — Eu sabia muito mais sobre a vida do que você. A inocente era você, Kitty. A que não tinha nenhuma experiência em sexo. Ou já se esqueceu?
Ela não havia esquecido. Era verdade. Mesmo assim, Kitty não queria dar o braço a torcer.
— Por que não me contou a verdade depois que nos casamos?
Strong hesitou.

— Eu pretendia. Mas antes que eu tivesse oportunidade, seu pai se encarregou de fazer isso por mim.
Lutando para dominar a angústia crescente, Kitty murmurou baixinho:
— Queria que você tivesse me contado.
— E eu queria que você tivesse me apoiado.
— Eu não pude.
Strong encarou-a longamente.
— Por quê? Nós nos amávamos. Estávamos casados. Por que me deixou ir embora sem lutar? Diabo, sem uma única maldita palavra!
— Eu estava envergonhada.
— Envergonhada? — O vocábulo saiu como que cuspido dos lábios dele.
— Isso mesmo. Envergonhada e mortificada por ter me apaixonado desesperadamente, por ter feito amor, por ter me casado com um garoto de dezessete anos.
Ali estava! Finalmente ela pusera para fora o que a vinha atormentando desde o dia em que haviam retornado da lua-de-mel na Casa de Pedra.
Sacudindo a cabeça, desanimado, Strong resmungou baixinho:
— Você era mesmo obcecada por números, não?
— Sim — Kitty admitiu, derrotada.
— E ainda é?
Ela o encarou, confusa.
— Como assim?
— O que os números significam agora para você, Kitty? — A diferença entre as nossas idades não mudou. Ainda é a mesma. Cinco anos. Como se sente, aos trinta e dois, fazendo amor com um homem de vinte e sete?
Kitty não tinha muita certeza de aonde ele queria chegar, mas seu coração batia feito louco no peito.
— É diferente, agora. Somos dois adultos, plenamente conscientes e responsáveis, donos das nossas vidas.
— Tem razão. A idade já não importa.
Strong inclinou-se na direção dela, e por um instante tudo que Kitty viu foram os olhos verdes, cálidos e brilhantes.
— O que vai acontecer agora? — ele pressionou. Kitty passou a língua pelos lábios secos.
— Podemos perdoar um ao outro, mesmo que não possamos esquecer o que houve.
— Uma excelente ideia.

— Podemos aceitar o fato de que éramos ambos muito jovens, que ambos cometemos erros, e que fomos igualmente culpados.
— Eu aceito — ele concordou, com voz rouca.
— Eu também.
Fitando-a com um olhar intenso, sério, Strong acrescentou:
— Eu a perdoo e perdoo a mim mesmo.
— Eu também — Kitty repetiu com a mesma seriedade. Levantando-se, agitado, Strong dirigiu-se para a lareira
e agachando-se, acrescentou mais uma acha de lenha ao fogo. Depôs, ficou olhando para as chamas.
Sabe, agora posso entender meu avô, Peg Rhodes e
o velho Cacto — falou, sem se voltar. — Posso entender a febre do ouro que os dominou a vida inteira.
— Febre do ouro? Não... não entendi — ela balbuciou, confusa. — Pensei que você não se interessasse por ouro.
Strong atirou-lhe um olhar por sobre o ombro.
— E não me interesso. Você é a minha febre. Um vício. Entrou no meu sangue e só a morte vai me curar.
De repente, um grande silêncio tomou conta do aposento. Tudo que se ouvia era o crepitar alegre das chamas. Kitty não ousava nem respirar.
— E por que você quer se curar?
A resposta veio num tom baixo e intenso:
— Porque não quero passar a vida inteira desejando uma mulher que não posso ter.
Inspirando fundo, ela sussurrou:
— E quem disse que não pode ter?
Essas palavras o detiveram, deixando-o paralisado por alguns segundos. Depois, lentamente, Strong se pôs de pé, e a encarou.
— O que está dizendo, Kitty?
Ela fez um gesto com as mãos, desamparada.
— Pensei que você soubesse. Que tivesse entendido quando eu falei.
Avançando alguns passos na direção dela, ele replicou:
— Bem, eu não entendi, e ainda não entendo. Por que não me explica?
— Foi quando estávamos na mina. Eu estava falando com Ida Pearl, mas as palavras eram dirigidas a você também.
Deus do céu, Strong não tinha entendido. Por um momento, chegara a recear que ele não se importasse mais com ela, não daquele jeito, pelo menos.
— Diga de novo — exigiu Strong.

— Eu disse para Ida Pearl que entendia os motivos dela
ter feito o que fez por Cacto. Disse que sabia o que era amar um homem de todo o coração, e com todas as forças. Porque é assim que eu amo você — ela concluiu, com firmeza emocionada.
Strong avançou outro, passo.
— Não amava, tempo passado? E sim ama, tempo presente?
Os olhos azuis ergueram-se para ele, e estava lá, para ser vista: a verdade, nada mais que a verdade. A voz dela soou baixa, mas carregada de convicção:
— Eu amo você, Strong O'Kelly. Apaixonei-me por você desde o primeiro dia e nunca mais deixei de estar apaixonada.
Ele ainda não estava convencido.
— E ontem à noite? O que você sentiu ontem à noite? Dissemos que não havia passado, nem futuro. Só o presente importava. O momento.
— A noite de ontem — ela lutou para conservar a calma
— foi a noite de ontem. Foi sexo. Ele estremeceu.
— Foi luxúria — continuou Kitty. — Foi paixão, loucura, foi maravilhoso. Mas acima de tudo, foi amor.
Deixando-se cair ao lado dela no sofá, Strong insistiu:
— Tem certeza?
— Tenho. — Kitty jamais tivera tanta certeza na vida.
— Eu fiz amor com você, Strong. E eu amo você. Para sempre.
Agora era a vez dele dizer o que ela precisava ouvir. Em vez disso, Strong jogou a cabeça para trás e riu, de pura felicidade.
— Você não vai dizer nada? — Kitty explodiu, zangada, surpreendendo-o. — Não vai me dizer o que a noite passada significou para você?
Os olhos verdes a encaravam, ardentes, fazendo-a derreter por dentro como neve ao sol.
— Eu já disse. Disse tudo ontem à noite.
— Diga outra vez.
Como se fosse um poema de amor, ele declarou:
— Quando você chora, eu choro. Quando você ri, eu rio também. Quando você está com medo, eu tenho medo por você. Quando você é ferida, eu sinto a sua dor. E quando um dia você morrer, eu morrerei também. — Segurando o queixo delicado, Strong mergulhou o olhar no dela e concluiu: — Eu amo você, Kitty. Para sempre.
— Graças a Deus! — ela deixou escapar, meio como uma oração, meio como ação de graças. E colou os lábios aos dele.
Então Strong a ergueu nos braços e carregou-a até o grosso tapete em

frente à lareira, deitando-se ao lado dela.
— Há muito tempo eu falei que queria fazer amor com você numa cama de verdade, numa praia de areias brancas, num campo cheio de flores, ou em frente à lareira numa noite fria.
— Eu me lembro — Kitty murmurou, acariciando as faces másculas e traçando o contorno da boca sensual com a ponta dos dedos.
— Prometi fazer amor com você noite e dia. Quero fazer amor com você para sempre.
As mãos dela dirigiram-se aos botões da camisa de Strong, e um sorriso carregado de significado iluminou-lhe o rosto encantador.
— Acho que essa é uma boa hora para começar, não?
— Não poderia ser melhor — ele concordou, enquanto começavam a despir-se um ao outro, com toques suaves e apaixonados.
Quando, porém, Kitty chegou à fivela do cinto que prendia o jeans de Strong, este tornou-se impaciente, afastando-se pelo tempo suficiente para remover o resto das roupas. Depois ficou um instante de pé à luz das chamas, esplêndido em sua nudez, fitando-a com olhos repletos de amor e de paixão.
Céus, ele ainda era a coisa mais linda que Kitty já vira!
— Promessas. Só promessas — ela murmurou.
— O que você disse? Kitty repetiu, bem alto.
Os olhos verdes adquiriram uma expressão que Kitty conhecia muito bem.
— Já sei! — Ele estalou os dedos, como se tivesse acabado de recordar.
— Hoje de manhã eu disse que ia lhe mostrar o que faço com uma esposa malcriada.
— Para falar a verdade — ela o corrigiu —, primeiro você disse que ia me contar o que faz com uma esposa malcriada.
Strong ajoelhou-se ao lado dela, e devagar, devagar demais para a impaciência de Kitty, retirou-lhe as últimas peças de roupa, deixando-a nua, o corpo dourado à luz das labaredas tremulantes.
— Acho que prefiro mostrar primeiro — ele falou, as mãos começando a acariciá-la.
Iniciou o passeio pelo ponto sensível atrás da orelha, descendo pelo pescoço delicado, e pelos ombros nus. A boca seguia por onde as mãos haviam passado, mas ele parecia evitar deliberadamente os lugares mais eróticos, mais excitantes, torturando-a, brincando com ela.
— Strong — Kitty gemeu, frustrada.
— O que foi, amor?

— Por favor!
— Por favor o quê?
— Faça amor comigo, por favor. Quero que você me possua.
Ele sorriu, um sorriso totalmente masculino, de auto-satisfação, malicioso.
— Hum... Deixe-me ver. Não sei se já estou pronto para isso.
Ela olhou para o ponto onde o membro viril tocava seu corpo úmido de paixão, e começou a rir. Strong estava excitado, rígido e duro como uma rocha.
Erguendo então os olhos para o rosto malicioso, declarou:
— Oh... acho que você já está pronto, sim.
— Talvez seja melhor termos certeza — ele sussurrou, eroticamente, cobrindo a boca macia com a sua.
Strong beijou-a, sugou-a, mordiscou-lhe os lábios, até que nenhum pensamento coerente restasse na mente de Kitty. Sua língua quente e impetuosa invadia e explorava o interior da boca aveludada, e Kitty correspondia com igual ardor, exigente, faminta. Era como percorrer a toda velocidade uma montanha-russa. Como fogos de artifício no dia da independência. Como o sol queimando no deserto, raios durante a tempestade, as ondas do mar revolto.
Então, ele deslizou para baixo e começou a sugar-lhe os seios, atormentando os mamilos intumescidos até deixá-la alucinada. Kitty contorcia-se, arqueando os quadris, abrindo as coxas, enterrando as unhas nos músculos rijos dos ombros vigorosos.
Suas reações eram selvagens, primitivas como a paixão que ele lhe provocava, e ela expressava seu desejo com as mãos, a boca, a língua atrevida.
— Meu Deus, Kitty... — Strong gemeu quando os lábios femininos se fecharam sobre o membro rígido, buscando o mais íntimo dos conhecimentos.
Ele era feito de contrastes. Duro e macio ao mesmo tempo. Poderoso e dominador, e ainda assim, vulnerável. Kitty estava adorando a sensação, o cheiro, o gosto de Strong em sua boca. Aquele era o homem que ela amava. Seu marido. Não havia barreiras, nem tabus entre eles.
No momento em que os dedos de Strong buscaram sua intimidade, brincando com o botão rígido, deslizando para a abertura aveludada, Kitty já estava toda molhada, quente como o fogo que lhe corria nas veias, pronta para recebê-lo dentro dela. Implorando para ser possuída, penetrada, invadida. Ela o desejava com um ardor nunca antes

experimentado. Havia uma promessa, um compromisso em cada toque, em cada carícia.
Ajoelhando-se, Strong colocou-se entre as coxas macias, abertas, convidativas. Achava-se mais excitado do que Kitty podia se lembrar de todas as vezes em que já o vira nesse estado.
Fascinada, ela tomou-o entre as mãos, conduzindo-o para a úmida e macia cavidade.
Uma fina camada de suor cobria a testa de Strong. Seu corpo reluzia, molhado, às chamas da lareira. Uma mecha de cabelos escuros colava-se à fronte, e os músculos dos braços tremiam com a tensão de reprimir a explosão do próprio desejo.
— Eu sei qual é o verdadeiro pote de ouro no fim do arco-íris — ele conseguiu dizer, juntando todo o autodomínio, toda a força de vontade.
— Qual é? — Kitty perguntou, movendo o corpo contra o dele, contraindo os músculos em torno do membro viril, atraindo-o cada vez mais para dentro de si.
— O amor — declarou Strong, arremetendo e mergulhando no corpo feminino, recuando e tornando a invadir, mais rápido e mais rápido, preenchendo-a por inteiro.
Kitty enroscou as coxas nos quadris estreitos e vigorosos, contorcendo-se sem parar, alucinada, e ambos começaram a galgar o cume onde alcançariam um orgasmo delirante.
E quando veio a explosão final, numa última investida de Strong, ele exclamou, antes de derramar sua seiva no interior do corpo feminino, sacudido pelos espasmos da paixão:
— O amor!
EPÍLOGO
A segunda cerimónia de casamento de Katherine St. Clair e Carlos Michael Strongarm 0'Kelly foi realizada um mês mais tarde, numa perfeita tarde de junho. No céu de um azul sem nuvens, o sol brilhava, banhando a terra com seus raios dourados. A temperatura agradável convidava à vida ao ar livre.
O ato religioso teve lugar numa bela e antiga capela de estilo espanhol, discretamente decorada com trevos irlandeses e o símbolo navajo de paz e harmonia. No altar, singelas guirlandas de flores do campo.
Em frente de Deus, dos familiares e amigos, Kitty e Strong repetiram os votos pronunciados pela primeira vez dez anos antes.
— Eu recebo esta mulher...
— Eu recebo este homem...

— ... Para amar e honrar...
— ... Na riqueza e na pobreza...
— ... Na saúde e na doença, até o fim de nossas vidas. Quase todos os presentes tinham os olhos úmidos. Mesmo
Sally Bradford, a nova gerente responsável pela filial de Phoenix das Empresas St. Clair, e Mildred Leeper, enxugavam as faces com delicados lenços de renda.
A cerimônia foi concluída com o casal pronunciando as palavras que eles mesmos haviam escrito um para o outro.
Numa voz alta e clara, que podia ser ouvida em todos os pontos da igreja, Kitty declarou:
— Strong, você é meu passado, meu presente e meu futuro. É mais do que todas as riquezas e tesouros deste mundo. — Sua voz suavizou-se para concluir: — Meu único e eterno amor.
Em seguida ela presenteou o marido com a peça mais preciosa de sua coleção de arte navajo: o antigo colar de prata e turquesas que ele admirara em seu escritório, na manhã do seu reencontro.
Por sua vez, Strong colocou no pulso de Kitty um bracelete de "ouro", o metal vindo da mina do avô dele, o responsável por sua atual felicidade, enquanto pronunciava, com voz firme, as mesmas palavras ditas pouco antes por ela.
E quando o padre, encerrando a cerimônia, declarou-os marido e mulher, e com um sorriso, disse a Strong que podia beijar a noiva, este inclinou-se, sussurrando com os lábios quase pousados nos dela:
— Eu sempre fui um cara de sorte, meu amor.

FIM